



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES
SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA**

FORTALEZA

2022

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES
SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de pesquisa: História e Memória. Eixo temático: História, Memória e Práticas Culturais Digitais.

Orientador: Prof.º Dr. José Gerardo Vasconcelos

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O46r Oliveira, Danielle Rodrigues de.
A revolta das canetas de 2016 : um estudo de caso das ocupações secundaristas em Fortaleza – a Escola Adauto Bezerra. / Danielle Rodrigues de Oliveira. – 2022.
119 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos .
1. Estudantes secundaristas. 2. Escola. 3. Ocupações. I. Título.

CDD 370

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A Revolta das Canetas de 2016: um estudo de caso das ocupações secundaristas em
Fortaleza – a Escola Aduino Bezerra.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de pesquisa: História e Memória. Eixo temático: História, Memória e Práticas Culturais Digitais.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

Aprovada em: 20 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico essa tese a minha filha, Iara Maria, e a todos estudantes secundaristas que ocuparam as escolas e lutaram para garantir os direitos estudantis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu amor e proteção, em todo o tempo.

À minha filha, Iara Maria, amor da minha vida, sentido da minha dedicação e esforço para chegar até aqui. Muito do que sou hoje está conectado à sua existência. Ser mãe, mulher, professora, companheira e doutoranda, não foi fácil, mas em todos os momentos ela se tornou a minha força, o meu combustível de vida.

Ao Airton de Farias, grande historiador e pesquisador admirável. Gratidão por estar ao meu lado e apoiar os meus sonhos.

Aos meus pais, Francisco e Adriana, por torcerem e acreditarem que realizar esse sonho era possível.

À minha irmã, Gabrielle Rodrigues, por sua paciência e carinho.

À família Oliveira, por me ensinarem que os laços de sangue são eternos. Aconteça o que acontecer, é pra lá que eu corro quando as coisas ficam difíceis.

Ao meu orientador, Gerardo Vasconcelos, que me acolheu e me inspirou na escrita e na luta pela democracia.

Aos estudantes secundaristas, em especial da Escola Adauto Bezerra e José de Alencar, que lutaram pela garantia dos seus direitos e mostraram a força da juventude.

A amiga que a Faculdade de Educação me deu, Munique Freitas, por todas as contribuições e incentivo. Obrigada por estar presente em tantos momentos importantes, esclarecendo dúvidas e me apoiando.

A todas as mulheres e amigas que são inspiração, Mayara Castro, Adriana Mendonça, Aline Soares Campos, Paula Andréa, Simone Freitas, Adriana Belchior, Ana Jacqueline e Luciana Firmino.

Ao querido João, por seu apoio e parceria ao longo desses anos de caminhada acadêmica. A pessoa que me fez sonhar e acreditar que era possível chegar até aqui.

A todos os professores e colegas do Núcleo de História e Memória da Educação por compartilharem conhecimento e experiências profissionais e acadêmicas.

Aos professores Luís Távora, Fátima Leitão, Francisco Ari de Andrade e Charliton Machado, membros componentes da banca examinadora deste trabalho por todas as contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), financiadora do meus estudos.

Mel da mocidade

*“O mel da mocidade
É o fel dos governantes
Melhor ocupar a cidade
Escolas ruas palácios
Jardins praças espaços
Pra tornar as mentes pensantes
Mostrar que são meliantes
Os assaltantes do futuro
Que tornam o presente tão duro
Pra vida dos estudantes”*

Chico César

RESUMO

A pesquisa investigou as vivências dos estudantes secundaristas da Escola de Ensino Médio Governador Aduino Bezerra nas ocupações em 2016, compreendendo como a participação nesse processo contribuiu para a formação política e intelectual dos estudantes. Refletimos sobre as motivações que levaram estudantes a aderirem ao movimento das ocupações das escolas públicas, de que maneira os discentes modificaram os ambientes escolares, como foi a relação da comunidade escolar com a ocupação, quais foram as estratégias e as táticas dos secundaristas durante o movimento. Também investigamos as implicações do retorno às aulas após o fim das ocupações e de que forma as experiências produzidas e deixadas pela ocupação repercutiram na formação dos estudantes. A pesquisa utilizou como referencial teórico os pensamentos de Certeau (2014), Foucault (2014) e Bauman (2013). Em relação a metodologia, inicialmente, foram aplicados questionários para os estudantes, sendo coletadas informações importantes sobre as ocupações. Posteriormente, entramos em contato com os ocupas da Escola Aduino Bezerra que se destacaram em alguma das comissões (alimentação, segurança, imprensa, informação, limpeza e relações externas) para a realização das entrevistas. Neste estudo de caso, concluímos que a participação na ocupação contribuiu para a formação dos estudantes tanto no campo cognitivo como também na conscientização política. A maioria dos nossos entrevistados conseguiu ingressar no ensino superior e ressaltou que o engajamento na ocupação fez com que atualmente tivessem um protagonismo juvenil na Universidade.

Palavras-chave: Estudantes secundaristas; Escola; Ocupações.

ABSTRACT

The research investigated the experiences of high school students from Escola de Ensino Médio Governador Aduato Bezerra in occupations in 2016, understanding how participation in this process contributed to the political and intellectual formation of students. We reflect on the motivations that led students to join the movement of occupations in public schools, how students changed school environments, what was the relationship between the school community and the occupation, what were the strategies and tactics of the high school students during the movement. . We also investigated the implications of returning to school after the occupations ended and how the experiences produced and left by the occupation had an impact on the students' education. The research used as theoretical reference the thoughts of Certeau (2014), Foucault (2014) and Bauman (2013). Regarding the methodology, initially, questionnaires were applied to the students, and important information about the occupations was collected. Subsequently, we contacted the squatters of the Aduato Bezerra School who stood out in any of the commissions (food, security, press, information, cleaning and external relations) to carry out the interviews. In this case study, we concluded that participation in the occupation contributed to the formation of students both in the cognitive field and in political awareness. Most of our interviewees managed to enter higher education and highlighted that the engagement in the occupation made them currently have a youth role in the University.

Keywords: High school students; School; Occupations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem @ocupaadauto sobre a greve dos professores	14
Figura 2 - Postagem @ocupaadauto sobre a faixa da escola	15
Figura 3 - Postagem @ocupaadauto convidando para o cine debate sobre o filme.....	16
Figura 4 - Postagem @ocupaadauto sobre atividades semanais.....	17
Figura 5 - Postagem Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	26
Figura 6 - Postagem Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	31
Figura 7 - Postagem Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	34
Figura 8 - Postagem @ocupaadauto sobre a oficina de cartazes.....	39
Figura 9 - Postagem @ocupaadauto sobre a oficina de cartazes.....	39
Figura 10 - Postagem @ocupaadauto sobre escola pública x escola privada.....	47
Figura 11 - Postagem @ocupaadauto sobre os aulões para o ENEM.....	48
Figura 12 - Postagem @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	55
Figura 13 - Postagem @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	68
Figura 14 - Postagem @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	69
Figura 15 - Postagem @ocupaadauto sobre a limpeza dos banheiros	75
Figura 16 - Postagem @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	76
Figura 17 - Postagem @ocupaadauto sobre a cozinha	77
Figura 18 - Postagem @ocupaadauto sobre a intervenção na capela da escola	79
Figura 19 - Postagem @ocupaadauto sobre a intervenção na capela da escola	80
Figura 20 - Postagem @ocupaadauto sobre o cotidiano.....	83
Figura 21 - Postagem @ocupaadauto sobre a oficina de Botânica.....	85
Figura 22 - Postagem @ocupaadauto sobre o protagonismo feminino na ditadura	86
Figura 23 - Postagem @ocupaadauto sobre a assinatura do TAC.....	89
Figura 24 - Postagem @ocupaadauto sobre a assinatura do TAC.....	89
Figura 25 - Postagem @ocupaadauto sobre a conquista do freezer	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Escola que estudou durante o Ensino Médio	33
Gráfico 2 - Data de nascimento	35
Gráfico 3 - Naturalidade	36
Gráfico 4 - Sexo dos ocupantes	37
Gráfico 5 - Orientação sexual.....	40
Gráfico 6 - Escola que estudou durante o Ensino Fundamental.....	43
Gráfico 7 - Ano que cursava durante a ocupação da escola	47
Gráfico 8 - Quantidade de pessoas que moravam com o ocupante no período da ocupação	50
Gráfico 9 - A casa que o estudante morava era própria ou alugada	52
Gráfico 10 - Bairro em que residia	53
Gráfico 11 - Nível de escolaridade do pai	53
Gráfico 12 - Nível de escolaridade da mãe.....	55
Gráfico 13 - Renda familiar.....	56
Gráfico 14 - Renda mensal do estudante	57
Gráfico 15 - Trabalho que o estudante exerce ou já exerceu.....	58
Gráfico 16 - O início da ocupação na Escola	59
Gráfico 17 - Motivações para participar da ocupação.....	60
Gráfico 18 - Integra ou já integrou algum movimento social.....	61
Gráfico 19 - A família e seu apoio ou repulsa à ocupação	72
Gráfico 20 - Cotidiano na ocupação	73
Gráfico 21 - A relação da ocupação com a comunidade escolar.....	78
Gráfico 22 - Tempo de permanência na ocupação	82
Gráfico 23 - A ocupação e a forma de olhar a escola.....	84
Gráfico 24 - As maiores críticas recebidas durante a ocupação	86
Gráfico 25 - O desfecho da ocupação.....	93
Gráfico 26 - Intimações para depor na Delegacia da Criança e do Adolescente.....	94
Gráfico 27 - A volta às aulas após a ocupação	96
Gráfico 28 - Os ocupas e o Ensino Superior	97
Gráfico 29 - A ocupação e os seus objetivos.....	99

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAIC	Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CEDECA	Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESP	Escola Sem Partido
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MBL	Movimento Brasil Livre
MP	Medida Provisória
MPL	Movimento Passe Livre
OSs	Organizações Sociais
PCA	Professor Coordenador de Área
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PL	Projeto de Lei
PPDT	Projeto Professor Diretor de Turma
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Ceará
TAC	Termo de Ajustamento e Conduta
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNE	União Nacional dos Estudantes
VPR	Vem Pra Rua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A FORÇA DA MOÇADA: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES DE UMA OCUPAÇÃO	31
2.1	Conhecendo os estudantes da ocupação	32
2.2	Ocupação e família	49
2.3	Os objetivos da ocupação	58
3	O COTIDIANO NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA ADAUTO BEZERRA	66
3.1	Porta para o mundo	66
3.2	Lutas do dia a dia	71
3.3	O novo olhar para a escola	83
4	O PÓS OCUPAÇÃO NA ESCOLA ADAUTO BEZERRA	91
4.1	O desfecho da ocupação no AB	93
4.2	A pressão pós ocupação	94
4.3	O sonho dos ocupas de ingressar no ensino superior	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	104
	ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO

Os professores da rede pública de ensino do Estado do Ceará decretaram a greve da categoria no dia 20 de abril de 2016, em Assembleia no Ginásio poliesportivo localizado no bairro Parangaba. O jornal O Povo relatou: “As aulas nas escolas públicas do Ceará devem ser paralisadas a partir da próxima segunda-feira, 25, conforme o Sindicato dos Professores e Servidores de Educação e Cultura do Estado e Municípios do Ceará (Apeoc-Sindicato)” (ARAÚJO, 2016).

Poderia ser mais uma greve de professores, mas algo de novo deu mais força ao movimento dos docentes: o apoio dos estudantes partícipes de uma mobilização responsável pela ocupação de 56 escolas públicas do Estado do Ceará. A primeira escola ocupada pelos estudantes do Ensino Médio foi o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Maria Alves Carioca, no dia 28 de abril de 2016, situada no bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza (CARLOS; SOUZA; BRAZ, 2018). À imprensa, uma das estudantes relatou problemas encontrados pela comunidade escolar:

Na entrada, o mato crescido sugere o abandono. Janelas quebradas, fiação exposta, lousa pedaço, bebedouro sem água, lâmpadas enferrujadas. No mirante, logo na entrada, os alunos contam que a estrutura ameaça desabar, embora o acesso à escada esteja livre e sem avisos. (FEITOSA, 2016, n.p.).

Era o início de uma onda. No mês de maio, os movimentos de ocupações cresceram, não só no Ceará, mas como em outros estados do Brasil, ganhando visibilidade do restante da sociedade (ARAÚJO, 2016). As redes sociais contribuíram para tal visibilidade, sendo usadas igualmente para as mobilizações dos jovens e para a divulgação de suas reivindicações. O pesquisador Salomão Barros Ximenes chama a atenção do paradoxo da situação, pois o mesmo estado que despertava a atenção por bons resultados na área da educação, conforme exaltado pelo governo e imprensa, via parte dos estudantes protestando contra a situação das escolas e as práticas educacionais:

No Ceará, estado tido como referência nacional de sucesso em reformas gerenciais orientadas à produção de resultados de aprendizagem, o contingenciamento brutal de recursos anunciado pelo governo petista em 2016 e a consequente demissão de milhares de professores com contratos precários desencadeou uma greve docente, e posteriormente, a ocupação de dezenas de escolas. Assim como nos demais estados, ainda que desencadeada em articulação com as lutas docentes, as reivindicações das ocupações estudantis iam além das pautas dos professores. (XIMENES, 2019, p. 54-55).

Os estudantes apoiaram as reivindicações dos professores, construindo paralelamente suas pautas e objetivos de luta.

Figura 1 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a greve dos professores



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Diante disso, pesquisamos como se construíram as experiências dos estudantes envolvidos com a ocupação da Escola Adauto Bezerra, compreendendo como o movimento contribuiu para suas inserções sociais e políticas, ou seja, como os discentes se moldaram e foram moldados como atores sociais e políticos durante e após a ocupação de uma das escolas mais destacadas, em termos de resultados perante a sociedade e o Estado.

Para alcançarmos nosso objetivo geral, analisamos o contexto histórico em que ocorreram as ocupações no Brasil e no Ceará e investigamos as vivências e trajetórias dos alunos durante a ocupação ante os desafios surgidos. Quais as estratégias e táticas dos envolvidos no processo de ocupação? Como se portaram os alunos ocupantes nas fronteiras/relações mantidas com outros grupos da comunidade escolar? Como a comunidade viu a ocupação ao longo dos meses? Como se findou a ocupação e quais impactos o movimento deixou para o ocupante e para a escola?

Em relação ao nosso lócus de pesquisa, a Escola Adauto Bezerra foi fundada em 04 de março de 1976, período da história política brasileira marcada pelo regime ditatorial (1964 – 1985). No ano de sua fundação, o país dava os primeiros passos para o seu lento processo de redemocratização com o fim do Ato Institucional Nº5¹. Durante o governo de Ernesto Geisel

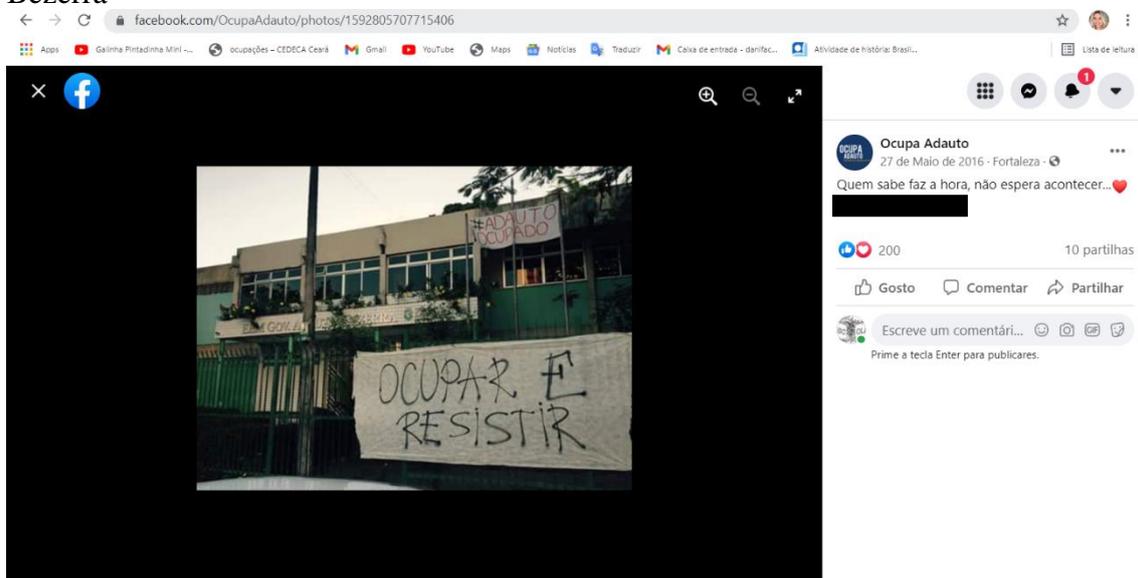
¹ Conhecido popularmente como AI5, considerado o Ato Institucional mais autoritário durante a ditadura militar (1964 – 1985), decretado no final do governo de Costa e Silva, serviu para legitimar as perseguições políticas.

(1974 – 1979), o quarto presidente do regime ditatorial brasileiro, tivemos a indicação de José Adauto Bezerra para governar o Estado do Ceará. Em março de 1976, o Decreto Lei nº 11.771 foi assinado pelo então governador para a criação da Escola que escolhemos para a realização desta pesquisa, e no ano seguinte, ela passou a funcionar com o nome de Centro Interescolar de 2º Grau Governador Adauto Bezerra, onde está localizada até hoje, na rua Monsenhor Liberato, nº 1850, Bairro de Fátima, Fortaleza – Ceará.

De acordo com o histórico escolar cedido pela secretaria da Escola, nas primeiras décadas de sua criação era oferecida uma educação que envolvia uma formação profissionalizante para os jovens: cursos técnicos na área de mecânica, eletricidade, contabilidade, administração, crédito e finanças. Atualmente, a Escola Adauto Bezerra não oferece esses cursos, pois o seu foco mudou e o seu ensino agora possui como objetivo principal a preparação de seus estudantes para o ingresso no ensino superior.

Em relação à estrutura, a Escola possui vinte e uma salas de aula, um auditório, uma biblioteca, uma quadra coberta, laboratórios de Informática, Química e Biologia, uma cantina, uma sala para os professores com banheiro, diretoria, secretaria, algumas salas individuais para a coordenação, banheiro reservado para os funcionários da escola e banheiro dos estudantes próximo ao pátio. A pintura dos espaços está preservada. Ocorreram algumas intervenções artísticas e de protesto durante a ocupação, mas já foram retiradas.

Figura 2 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a faixa da Escola Adauto Bezerra



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Com o fim no AI5 no governo de Ernesto Geisel os acusados políticos conseguiram solicitar o *habeas corpus*.

A ocupação do AB chamou a atenção da gestão, dos professores, dos pais, da comunidade, da imprensa e da sociedade em geral. O tipo de mobilização, por meio de uma ocupação direta do espaço escolar, era bastante diferente das estratégias usadas comumente pelo movimento estudantil. Antes, os secundaristas se organizavam através de protestos, panfletagem, reuniões, e no caso do Ceará e de outros Estados, nunca tinham ocupado um espaço educacional por tanto tempo. A pesquisadora Maria da Glória Gohn chamou a atenção para a peculiaridade das ocupações:

No campo da educação formal, a novidade que o novo ciclo apresenta é com relação ao setor da área educacional no qual se localiza: mobilizações e ocupações de “secundaristas” (termo ainda utilizado, originário do passado, dos antigos ginásios que sucediam às escolas primárias, mas que envolviam também os cursos que davam sequência ao ginásio, que eram o clássico, o científico, o normal e o comercial/técnico). A principal entidade desta categoria de estudantes ainda utiliza o termo secundarista, que é a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). (GOHN, 2019, p. 48-49).

A Escola Adauto Bezerra foi escolhida por ter sido o lócus de pesquisa da dissertação de mestrado, intitulada “Os professores de História como intelectuais orgânicos críticos”. Em 2016, foi realizada a coleta de dados, exatamente quando ocorria o processo de ocupação da Escola. A dissertação investigou a formação e a práxis docente de 5 professores de História. Para além das questões da dissertação que estava em curso, buscamos compreender como os docentes que foram fundamentais para a pesquisa de Mestrado, enxergavam o movimento das ocupações que estava ocorrendo em 2016.

Questionando os professores de História acerca do que pensavam sobre o movimento estudantil nos dias atuais, a pesquisa obteve as seguintes respostas. O primeiro professor entrevistado definiu como sendo “um dos momentos mais revolucionários da História do Brasil [...] a ocupação foi uma verdadeira revolução, para muita gente foi sair do capricho de casa e viver uma realidade totalmente diferente.” O docente percebia a importância da mobilização juvenil diante das problemáticas atuais e acreditava que as táticas e as estratégias dos estudantes revolucionavam a forma de resistir ante as medidas autoritárias do governo.

Por sua vez, o segundo professor entrevistado avaliou que o movimento “ocupar e resistir” foi bem positivo e mostrou a força da juventude brasileira. Para ele, a ocupação “é um caminho que se aprende ao andar. Os estudantes vão vendo, revendo, os equívocos, os acertos. Porque História é um caminho aberto, não tem fórmula pronta. Então, é um sopro de esperança nesse momento de marasmo tão grande no país.” Para ele, não se trata de mitificar a ação dos estudantes, mas entendê-la como um processo dinâmico, sujeito às intempéries dos processos

sociais e históricos. Aponta que mais uma vez na História da política brasileira são os estudantes que se destacam nos movimentos de protesto no país.

A nossa terceira professora entrevistada avaliou que a ocupação das escolas públicas “foi um processo de formação política para os estudantes, que foi muito precipitado. E nesse precipitado, eles passaram por várias experiências boas, e também ruins, porque viver coletivamente gerou problemas que eles nunca tinham vivido.” De acordo com a docente, os estudantes passaram por uma outra experiência de vida, precisaram dividir os alimentos e os produtos de higiene, respeitar as decisões coletivas e aprender a resistir às pressões familiares e sociais. As entrevistas com os docentes demonstraram a relevância da ocupação e aumentaram a vontade em pesquisar sobre a temática.

A luta dos estudantes por melhorias na educação repercutiu nos meios de comunicação. Em alguns veículos, o movimento foi citado como revolucionário, o broto de esperança diante de uma conjuntura política problemática; em outros, era duramente criticado e considerado ilegal. Assim, a ocupação das escolas pública dividiu opiniões, na mídia, na sociedade e entre os próprios estudantes das escolas públicas.

Ao vermos a repercussão desse movimento na escola e na sociedade, conversamos com um grupo de nove estudantes que participaram da ocupação, citados ao longo deste texto, porém, sem a revelação de seus nomes reais por questões éticas.

As fontes utilizadas para a construção desta pesquisa foram os questionários, com perguntas objetivas e subjetivas, aplicados aos estudantes, as entrevistas com alguns dos discentes da E.E.M. Governador Adauto Bezerra, as matérias divulgadas em dois grandes jornais cearenses, “O Povo” e “Diário do Nordeste”, a página “ocupa Adauto” criada pelos estudantes na internet para divulgar notícias das ocupações e os relatos dos ocupantes nos documentários que foram produzidos durante e após as ocupações.

Levamos em consideração o contexto em que os entrevistados estão inseridos e observamos atentamente suas expressões, gestos, motivações, repetições, esquecimentos, silêncios e pontos de fuga. Pensar sobre a atuação do movimento estudantil no processo de ocupação através dos relatos dos estudantes, nos possibilitou conhecer as histórias de vida, o simbolismo desse momento apontado por alguns professores como revolucionário, as relações dos que participaram ativamente com os colegas na escola após o encerramento da ocupação, ou seja, como se construíram as experiências dos estudantes durante o processo de ocupação da E.E.M Gov. Adauto Bezerra.

O movimento das ocupações, segundo relato de alguns estudantes da Escola Aداuto Bezerra, foi inspirado na “Revolta dos Pinguins”², ocorrida no Chile em 2006 e 2011, objetivando uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Figura 3 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto convidando para o cine debate sobre o filme “A Revolta dos Pinguins”



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

A ocupação também contou com a cartilha intitulada “Como ocupar um colégio?”, informativo simples com oito páginas orientando como devem ser os primeiros passos para a concretização e organização de uma ocupação (O MAL EDUCADO, 2015). Esse material foi escrito por estudantes do Chile e da Argentina, e traduzido por alguns estudantes de São Paulo, abordando táticas que devem ser adotadas no cotidiano das ocupações, explicando que os ocupantes devem saber os motivos da sua luta, quando devem atacar, quando é preciso recuar e quando é necessário dispersar.

No manual, também encontramos um relato da ocupação da Escola Professor Luiz Carlos Sampaio, no Mato Grosso do Sul, que correu risco de ser fechada em 2012, mas os estudantes se mobilizaram, ocuparam a escola e o governo, sentindo-se pressionado, recuou. As orientações da cartilha contribuíram para a organização das comissões encarregadas de cuidar da alimentação, segurança, imprensa, informação, limpeza e relações externas.

Enquanto a cartilha recomendava ocupações curtas, no máximo de 2 semanas, em muitos locais a ocupação durou um mês ou mais. Essa longa duração, certamente,

² Ganhando adesão das famílias e de várias organizações da sociedade civil, o movimento dos “pinguins” (assim chamados por seu uniforme ao estilo do início do século passado) abalou o governo recém-empossado de Michelle Bachelet, obrigando à realização de reuniões ministeriais de emergência, pronunciamentos do Legislativo, dos empresários, manifestações do sindicato docente (denominado Colégio de Professores), das universidades e de outras entidades. (ZIBAS, 2008, p. 1).

trouxe desgaste físico, mental e emocional aos estudantes, e se deveram também à recusa dos governos em negociar, em quase todos os casos. Mas teve como resultado um maior impacto formativo aos ocupantes, permitiram a criação de maior solidariedade e identidade coletiva, inclusive graças às ameaças ou violências, e até mesmo gerou um novo sentimento de pertença e responsabilidade para com a escola ou universidade. (GROPPO, 2018, p. 112).

A recomendação era de que as ocupações tivessem um curto espaço de tempo, mas no caso da Escola Adauto Bezerra, foram 3 meses e 10 dias, envolvendo risos, choros, partilhas, discussões, acolhidas, intrigas, amadurecimento, traumas, uma mistura de sentimentos e aprendizados, algumas vezes de esperança, outras de frustração.

Os estudantes da Adauto Bezerra fizeram e divulgavam semanalmente na página do facebook @ocupaadauto um calendário de atividades e assembleias estudantis para facilitar a participação de outros estudantes que não podiam dormir nas ocupações por exigência dos pais ou responsáveis.

Figura 4 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre atividades semanais

The image shows a screenshot of a Facebook post from the page @ocupaadauto. The post features a calendar titled "Calendário da semana" with a list of activities for each day from June 6th to 11th, 2016. The activities include debates, music workshops, theater improvisation, dance classes, and general assemblies. The post has 20 likes and 2 shares.

Data	Atividade
06/06 (Segunda-Feira)	<ul style="list-style-type: none"> Debate sobre a cultura do estupro às 10:00 com Claudiane Lopes Leitura crítica da mídia e audiovisual das 14:00 às 17:00 com Theyse Oficina de música às 18:00 com grupo da UFC Casa Caiada
07/06 (Terça-Feira)	<ul style="list-style-type: none"> Debate sobre as vertentes do feminismo às 10:00 com Mesaque Cavalcante Aula prática de botânica às 14:00 com Thais Improvisação teatral às 18:00 com Paulo
08/06 (Quarta-Feira)	<ul style="list-style-type: none"> Assembleia geral dos professores Oficina de danças tradicionais às 14:30 com Fabio Bastos
09/06 (Quinta-Feira)	<ul style="list-style-type: none"> Improvisação teatral às 10:00 com Paulo Debate sobre auto-organização e movimentos de resistência na América Latina às 15:00 com a galera do PIBID de sociologia Apresentação e oficina de dança às 18:00 com Ruthy
10/06 (Sexta-Feira)	<ul style="list-style-type: none"> Oficina de base teórica: Fotografia e vídeo às 10:00 com Claudiane Lopes Oficina de edição de vídeo e texto pra web das 14:00 às 17:00 com Theyse
11/06 (Sábado)	<ul style="list-style-type: none"> Improvisação teatral às 15:00 com Paulo Ocupa e Empodera tudo das 18:00 às 22:00

Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Além de todas as motivações vindas de outras ações coletivas de luta, que contribuíram para o fortalecimento das ocupações, precisa-se ficar atento para a nova forma de protesto que vem se propagando nos primeiros anos do século XXI. É o caso, por exemplo, das mobilizações do “Vem pra rua”, ocorridas em junho de 2013 no Brasil. O Movimento reivindicava o passe livre para os estudantes nos transportes públicos, buscando a diminuição nos preços das passagens para os trabalhadores e fazendo duras críticas ao governo brasileiro que, apesar de todos os problemas sociais e econômicos, aceitou sediar a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol da Fifa em 2013 e 2014, respectivamente. O

movimento, iniciado por grupos de esquerda e anarquista, desencadeou uma enorme onda de protestos pelo país, sendo apropriado especialmente por grupos conservadores e liberais em crítica ao governo então comandado pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Depois que os protestos contra a alta nas tarifas de ônibus e metrô tomaram o país, em junho de 2013, uma juventude que não costumava se manifestar nas ruas começou a aparecer nos jornais. Os novos integrantes, logo apelidados de “coxinhas” pela juventude de esquerda, repudiavam as bandeiras vermelhas a pretexto de impedir a “partidarização” do movimento, e assumiam o verde-amarelo “de todos os brasileiros”. Condenavam os *black blocks* e exaltavam a polícia militar, que reprimira com violência os protestos convocados pelo Movimento Passe Livre. Suas principais bandeiras eram contra a “roubalheira” e contra “tudo isso que está aí”, paulatinamente substituídos por um simples “Fora PT”. (AMARAL, 2016, p. 49).

Essas manifestações foram diferentes das outras mobilizações populares ocorridas no país anteriormente, geralmente as lutas eram puxadas por sindicatos, partidos políticos e lideranças. Na “era tecnológica” brotam outras formas de protesto, as passeatas de junho de 2013 são um exemplo disso, pois utilizaram intensamente as redes sociais, tentaram se distanciar de partidos políticos, buscaram tornar a luta mais horizontal e conseguiram conquistar as massas independente dos movimentos sociais mais tradicionais.

Historicamente, os movimentos sociais dependem da existência de mecanismos de comunicação específicos: boatos, sermões, panfletos e manifestos passados de pessoa a pessoa, a partir do púlpito, da imprensa ou por qualquer meio de comunicação disponível. Em nossa época, as redes digitais, multimodais, de comunicação horizontal, são os veículos mais rápidos e mais autônomos, interativos, reprogramáveis e amplificadores de toda a história. As características dos processos de comunicação entre indivíduos engajados em movimentos sociais determinam as características organizacionais do próprio movimento: quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero. (CASTELLS, 2017, p. 25).

O movimento de ocupação protagonizado pelos estudantes brasileiros ganharam os noticiários sendo denominado “primavera secundarista”, uma referência à denominada Primavera Árabe. As ocupações secundaristas ganharam impulso inicial em São Paulo, no ano de 2015, tendo como principal pauta a luta pelo funcionamento de escolas que estavam ameaçadas de fechar devido à “reorganização” que o governo Geraldo Alckmin desejava fazer, sem nenhuma consulta prévia à comunidade escolar. Os estudantes paulistas ocuparam mais de 200 escolas e, depois de meses de luta, conseguiram barrar os fechamentos. A vitória dos secundaristas paulistas, a cartilha sobre como ocupar um colégio, os relatos, os vídeos, as fotos e as músicas circularam rapidamente nas redes sociais e conquistaram o apoio de muitas pessoas, dentre elas, professores, artistas e a sociedade em geral.

Nem toda a sociedade, porém, demonstrou satisfação e apoio aos estudantes. Algumas pessoas e grupos de direita se posicionaram contra as ocupações, sob as mais variadas argumentações. Muitos condenavam numa perspectiva ideológica, de vínculos com o crescimento do conservadorismo e antiesquerdismo crescente no país, vendo as ocupações como uma “baderna”. Houve quem usava um discurso educacional, no qual se defendia que os estudantes, em boa parte do 3º ano do Ensino Médio, deveriam estar se preocupando com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Também foram difundidos discursos machistas, que se referiam às meninas que atuavam nas ocupações como “desocupadas a levianas”, sobremaneira porque estas rompiam com a ideia da mulher/filha, que deveria estar em casa em modelo de família tradicional, e do controle do corpo feminino, visto que as alunas estavam dividindo os dormitórios e “sujeitas à sexualidade”. Também ocorreram manifestações homofóbicas, pela orientação sexual de alguns dos ocupantes.

As ocupações também tornaram visíveis as divergências de pensamento entre a juventude. De um lado, jovens de vários estados brasileiros se uniram, deixando o conforto de suas casas para dormir, cozinhar, planejar estratégias de luta, divulgar as pautas do movimento e dar apoio aos estudantes de outras escolas que desejavam iniciar o processo de ocupação. Por outro lado, houve muitas dúvidas e debates sobre a efetiva condução do movimento, o que expôs muitas vezes as referidas divergências entre os estudantes.

O Movimento Brasil Livre³ (MBL), grupo de direita que ganhou força após as manifestações de 2013, conhecido por organizar nas redes sociais manifestações em vários Estados brasileiros pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, passou a fazer forte discurso anticomunista/antiesquerdista, realizando reiteradas críticas a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), embate que perdurou durante todo o processo das ocupações e construiu, em contrapartida, a luta pelas desocupações, almejando que os estudantes desocupassem as escolas o mais rápido possível. “A ofensiva montada pelo grupo contra as ocupações é baseada na ideia de que os estudantes estão sendo doutrinados, manipulados e usados pela UNE e pela UBES.” (IHU, 2016).

Além dos grupos de direita, houve ainda a pressão por parte da Secretaria de Educação/governos estaduais e a repressão policial que esteve presente em todos os Estados

³ As manifestações de 2016 evidenciaram as divisões políticas que atravessam a nova classe trabalhadora quando parte dela acompanhou a classe média, que, encorajada e empurrada pelos meios de comunicação de massa e partidos políticos de oposição, ergueu sua tradicional bandeira de luta contra a corrupção política e em favor de um golpe de Estado para restaurar “a ordem e o progresso”. E o fez com violência, um ressentimento e um desejo sombrio de vingança não encontrados nem mesmo nas Marchas pela Família que encabeçaram o golpe de 1964. (CHAUÍ, 2016, p. 15).

(em alguns, de forma mais branda e respeitosa; em outros, de maneira mais truculenta e intimidadora). Constatamos que houve muita crítica destrutiva e pouco diálogo entre os defensores da ocupação e os que desejavam o seu fim.

No primeiro semestre de 2016, estudantes de outras unidades da federação iniciaram igualmente protestos, a exemplo de Goiás, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Ceará. Numa verdadeira “onda” nacional, em várias cidades estudantes se articulavam, ocupavam escolas e viravam protagonistas por mudanças na educação, em busca, sobretudo, de um ensino de melhor qualidade e melhorias na infraestrutura das escolas.

Os manifestantes questionavam o descaso dos governos estaduais para com as escolas públicas. Criticavam problemas como a qualidade da merenda escolar, a precariedade da estrutura das salas e prédios escolares (ventiladores danificados, salas quentes e mal iluminadas, bebedouros com água contaminada, etc.), a escassez de espaço para as atividades físicas e artísticas, a falta de professores e o autoritarismo de alguns gestores.

Os estudantes também criticaram a qualidade das aulas, levantando questionamentos acerca do cotidiano em sala de aula, problematizando a utilização dos métodos tradicionais que ainda estão presentes na educação formal de uma maneira intensa na maioria das áreas de estudo. O escritor e educador Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2013), trouxe vários elementos importantes para reflexão sobre a educação e sua práxis, ressaltando que a narrativa de acontecimentos, fórmulas ou regras gramaticais para a simples memorização não produzem efeitos e nem transformações reais na vida dos educadores e dos educandos.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2013, p. 59).

Os sujeitos desta pesquisa que participaram da ocupação na Escola Adauto Bezerra relataram que alguns professores ainda utilizam a metodologia tradicional em sua prática, ou seja, a educação bancária⁴, como é definida por Paulo Freire: abordam conteúdo sem conexão com a realidade e acreditam que os estudantes são meros receptores de informações. Dessa forma, esses professores não problematizam e nem fazem reflexões sobre as problemáticas

⁴ Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão — a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2013, p. 59).

atuais. Assim, afora as questões ligadas a estrutura física, os estudantes reivindicavam na ocupação aulas que contemplassem temas atuais, uma gestão mais democrática e uma escola mais horizontal.

Diante das insatisfações, não apenas no que diz respeito à esfera estadual, mas também às problemáticas enfrentadas no governo do novo presidente, Michel Temer, que assumiu interinamente o poder a 12 de maio de 2016 – e definitivamente, a 31 de agosto –, com o impeachment/golpe⁵ e cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff, a luta dos secundaristas por uma educação de qualidade foi sendo ampliada e as questões políticas nacionais igualmente tiveram inserções nas pautas dos ocupantes.

A proposta de emenda constitucional (PEC 55/241), conhecida popularmente como “PEC do fim do mundo” e aprovada no governo de Temer, que congelou as despesas do Governo Federal por 20 anos, incluindo todos os pilares para o bem estar social, em especial, a Educação e a Saúde, gerou insatisfação popular e mobilizou a revolta dos estudantes. Aliado a isso, os estudantes também contestavam a medida provisória (MP 746), que tratava da reforma do Ensino Médio, e o movimento “Escola Sem Partido”, que defende o conservadorismo nas escolas. Os estudantes universitários uniram-se à luta dos estudantes secundaristas.

Nesta nova década, um dado novo entrou na pauta das lutas e dos estudos sobre a educação: novas formas de manifestação, especialmente de jovens, advindas da sociedade civil não organizada nos moldes clássicos, demandando educação, não apenas o acesso ou “Mais Educação”, mas demandando educação com qualidade, para além dos discursos e retóricas dos planos e promessas dos políticos e dirigentes. (GOHN, 2019, p. 48).

Segundo dados da UBES (2016), no Brasil, 1.197 instituições escolares foram ocupadas em 2016 e, especificamente no estado do Ceará, 56 escolas da rede pública estadual. Na sequência, a Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra, chamada pelos alunos geralmente de AB, foi a quinta a ser ocupada no Ceará (ANDRADE, 2016).

Os jovens protagonizaram a luta pela educação, valorizando a escola, o conhecimento e as questões políticas do país, dando exemplo de como construir um currículo

⁵ Citando Hegel, Marx escreveu no 18 de brumário de Luís Bonaparte que os acontecimentos históricos se repetem duas vezes: primeiro como tragédia, segundo como farsa. Isso se aplica perfeitamente ao Brasil. O golpe de Estado militar de abril de 1964 foi uma tragédia que mergulhou o Brasil em vinte anos de ditadura militar, com centenas de mortos e milhares de torturados. O golpe de Estado parlamentar de maio de 2016 é uma farsa, um caso tragicômico, em que se vê uma cambada de parlamentares reacionários e notoriamente corruptos derrubar uma presidente democraticamente eleita por 54 milhões de brasileiros, em nome de “irregularidades contábeis”. (LOWY, 2016, p. 64-65).

integrado, unindo as disciplinas durante as atividades e realizando oficinas que possuam relação com a realidade em que vivam.

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. (FREIRE, 2013, p. 50).

Demonstraram que nem sempre o que ocorre nas escolas é a falta de interesse por parte dos discentes, mas o distanciamento entre o que se aprende e o que se vive. As ocupações demonstraram a insatisfação com as questões políticas e também o desejo da juventude por um ensino relacionado às problemáticas sociais, políticas e econômicas da atualidade.

No que toca aos ocupantes do Adauto Bezerra e de outras escolas cearenses, as principais reivindicações dos estudantes foram por reformas na infraestrutura dos prédios, passe livre nos transportes públicos, aumento da qualidade da merenda escolar (em 2016, as unidades escolares recebiam 0,30 centavos por aluno), mais tempo de aula no laboratório, a volta dos professores coordenadores de turma (os designados “PCA’s, reduzidos pelo governo no início do ano letivo) e um currículo mais ligado à realidade.

Após o fim das ocupações das escolas públicas no Estado do Ceará, como de se esperar, o assunto saiu da pauta da imprensa local e nacional. Poucas pessoas souberam que vários dos estudantes partícipes das ocupações foram intimados a prestar esclarecimentos na Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA). Alunos chegaram a acusar diretorias de escolas de perseguição, após serem forçados a sair da Escola onde estudavam.

As reflexões acerca das ocupações das escolas públicas têm como referências os pensamentos de Foucault (2014), Certeau (2014) e Bauman (2013). Assim, aborda-se ao longo deste estudo algumas categorias. A primeira é a de cultura escolar, usada para entender como era o contexto escolar dos ocupantes. Para isso, utiliza-se Michel Foucault (2014), que possibilita compreender as relações de poder e as disciplinas dentro da instituição formal Escola. Emprega-se também outras categorias, a exemplo de estratégias e táticas, como entende Certeau (2014), que permitem entender as atuações e reações dos atores sociais e políticos envolvidos nas ocupações. Michel de Certeau (2014) possibilita olhar para o dia a dia escolar de outra forma, fazendo perceber os usos dos discursos e as minúcias de um cotidiano politizado, com as pretensões dos que tentam dominar (estratégia) e as manobras sagazes, astutas, oportunistas (táticas) dos que desejam escapar ao controle e dominação. Certeau nos mostra a tática como esperteza dos oprimidos, que cavam e se aproveitam das brechas do

sistema para melhor passar ou existir. Os indivíduos que fazem e criam e assim, fazem-se e criam-se, conforme suas experiências e vivências. Nesse sentido, a juventude também se mostra uma categoria essencial para compreensão do mundo e da sociedade. Foram os jovens com todas as suas aspirações, dúvidas, acertos e equívocos, que organizaram esse movimento de resistência.

O teórico Michel de Certeau (2014), ao pesquisar as relações de poder, esclareceu que as estratégias são planejadas, estão presentes tanto na ação como no discurso, mas, apesar da preocupação com a racionalidade, nem sempre as estratégias alcançam o alvo e os objetivos desejados, pois podem entrar em conflito com as táticas, ou com outras estratégias, e fracassam. Assim, o forte articula suas estratégias, traça e calcula racionalmente suas ações.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa, etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização "estratégica" procura em primeiro lugar distinguir de um "ambiente" um "próprio", isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (CERTEAU, 2014, p. 93).

Ao investigar as práticas cotidianas, Michel de Certeau explica algumas divergências entre as estratégias e as táticas. Para ele, as estratégias são projetadas, seus passos são calculados e muitas vezes manipulam as situações através das relações de poder. Em contrapartida, a tática é pensada da seguinte forma:

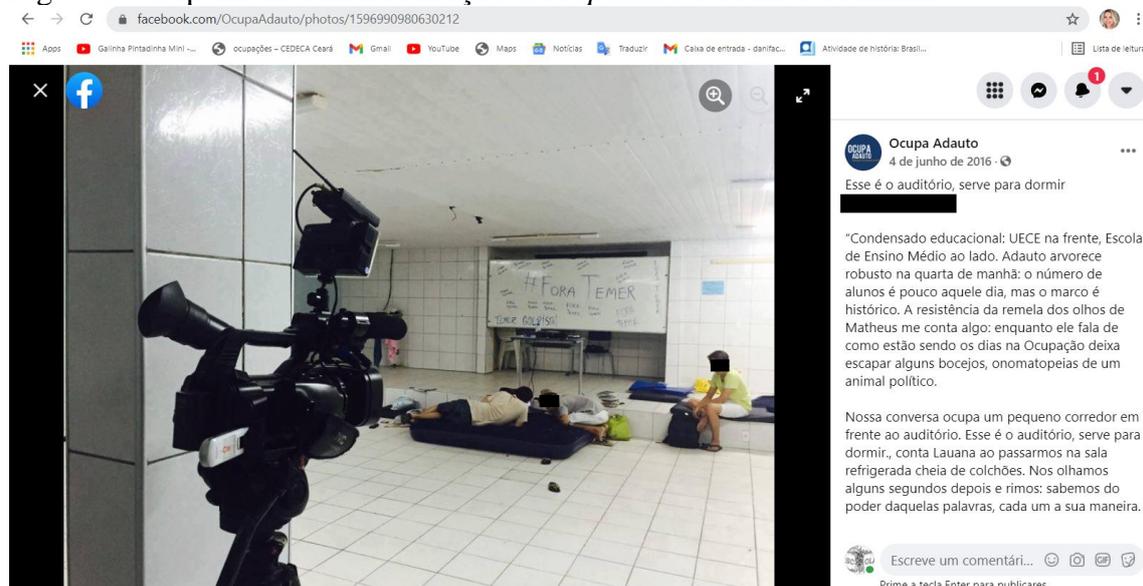
[...] não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento "dentro do campo de visão do inimigo", como dizia von Bulow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. [...] Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 2014, p. 94-95).

As táticas são movidas por intuição, buscam maneiras de escapar das estratégias quando apresentam fissuras ou lacunas e, dessa forma, os sujeitos criam e inventam maneiras de fazer e resistir. Para Certeau (2014), as disputas de poder não são passivas. Pelo contrário, os fortes buscam formas de armar estratégias e os fracos encontram táticas para boicotá-las.

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo - às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um "golpe", aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos, etc. [...] as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. (CERTEAU, 2014, p. 96).

Diante disso, a pesquisa também investigou a ressignificação que os estudantes deram à sala de aula. Uma ressignificação inspirada em Michel de Certeau, que pensa o lugar como “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.” (CERTEAU, 2014, p. 184). Existe uma relação entre esta definição de lugar com o processo de ocupação das escolas.

Figura 5 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Assim, compreendemos como os estudantes transformaram a sala de aula, considerada um lugar de ensino aprendizagem, em espaço de luta e socialização, a exemplo, algumas salas se tornaram cozinha, dormitório, dispensa de alimentos, entre outras. De acordo com Certeau, o “espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, os circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais [...]” (CERTEAU, 2014, p. 184).

A resistência dos estudantes pode ser percebida em vários âmbitos. Dessa forma, ante uma escola pensada como um espaço de disciplina e produtividade pelo Estado, família,

professores, diretores, polícia e mesmo os próprios alunos, os estudantes partícipes das ocupações fizeram um grande questionamento, usando das mais diversas táticas para resistir e se contrapor. Por isso, para além das questões macropolíticas, nos atentamos também a investigar como os estudantes foram conquistando pequenas vitórias e espaços no cotidiano. Desse modo, a pesquisa dialoga com Michel de Certeau quando ele diz:

[...] esta “microfísica do poder” privilegia o aparelho produtor (da disciplina), ainda que, na “educação”, ela ponha em evidência o sistema de uma “repressão” e mostre como, por trás dos bastidores, tecnologias mudas determinam ou curto-circuitam as encenações institucionais. Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica. (CERTEAU, 2014, p. 40-41).

As ideias de Michel Foucault, também são importantes para embasar este trabalho, em especial, sua análise sobre as relações de poder,⁶ como sendo fundamentais para a compreensão da realidade social, política e cultural da sociedade. Para ele, “um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência.” (FOUCAULT, 2004, p. 277).

Foucault também analisou como as relações de poder estão presentes nas instituições sociais e se perpetuam através das disciplinas. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Sendo assim, percebe-se que a cultura escolar é marcada por códigos de disciplinas que almejam formar jovens dóceis e úteis para a sociedade. Michel Foucault (2014), na terceira parte do seu livro “Vigiar e punir”, abordou como as disciplinas atuam nas escolas, nos quartéis, nos hospitais e nas prisões de uma forma marcante e intensa.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada

⁶ O que é o Poder? A definição de Foucault parece bem simples: o poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma “relação de poder”. (DELEUZE, 1988, p. 78).

de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Dentro das escolas de Ensino Médio, podemos observar a presença do poder disciplinador analisado por Foucault (2014). Todos os estudantes utilizam uniformes, têm horário fixo para entrar e sair, precisam pedir permissão para ir ao banheiro ou beber água, devem preservar o silêncio na sala de aula, fazer as atividades, ou seja, são constantemente vigiados e controlados pelas normas escolares. Desse modo, os estudantes são ensinados a ter um comportamento exemplar, a usar roupas adequadas, a ter uma boa retórica diante das pessoas e a respeitar a hierarquia.

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (FOUCAULT, 2014, p. 145).

A maioria das pessoas defende que um bom estudante é aquele que chega pontualmente à escola, não fomenta conversas paralelas, demonstra ser atento a tudo que o professor diz, não foge das aulas, ou seja, os que conseguem seguir essas normas são rotulados como sendo estudiosos, esforçados, dedicados, inteligentes, brilhantes, empenhados. Em contrapartida, os que quebram essas regras são taxados de preguiçosos, desinteressados, inúteis, bagunceiros, vândalos, entre outros.

O comportamento que foge às normas é punido com termo de advertência, suspensão ou até mesmo transferência escolar. Desse modo, percebe-se que a escola é uma instituição formal, detentora de muitos saberes e tem o objetivo de formar cidadãos dóceis e úteis, como nos disse Foucault (2014).

Na oficina, na escola, no exército, funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações. (FOUCAULT, 2014, p. 175).

Entretanto, os estudantes secundaristas que ocuparam as suas escolas se destacam por serem sujeitos ativos. Eles encontraram maneiras de transgredir, burlar, questionar, desobedecer, e assim, produzir táticas, inventando formas de resistência ao que lhes era imposto. Os discentes buscaram nas práticas cotidianas encontrar espaços, lacunas e frestas para criar algo novo. Apesar da pressão disciplinar que tenta formar corpos dóceis, maleáveis e passivos, os estudantes resistem.

[...] A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 2014, p. 135-136).

Em relação à presente reflexão sobre os estudantes secundaristas que construíram o movimento das ocupações, a pesquisa orienta-se em algumas investigações de Zygmund Bauman sobre a juventude e a educação contemporânea. Nestas, o sociólogo ressalta que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 25). Segundo ele, a cultura da sociedade atual está baseada no consumismo e no individualismo. Sendo assim, os jovens são preparados para que os seus medos, dores, insatisfações e frustrações sejam sofridos na solidão.

Em nossa época, período em que a juventude tantas vezes é criticada pelo desinteresse em relação aos estudos, pela passividade política, pelo tempo que perde conectado aos meios tecnológicos, em especial, às redes sociais, somos surpreendidos por uma onda de protestos de jovens secundaristas das escolas públicas brasileiras. Denotando um processo de politização inerente às ocupações, a maioria das escolas foi ocupada após votação estudantil em assembleias organizadas pelos próprios estudantes. Durante as ocupações, os debates e deliberações eram feitos coletivamente pelos partícipes. Enfim, alunos que fizeram e se fizeram como indivíduos e atores políticos.

O movimento de ocupações dos estudantes secundaristas permite compreender o jogo das estratégias e táticas nas disputas de poder. Ao investigar as experiências construídas pelos estudantes que ocuparam as escolas públicas, percebe-se como as disputas de poder afetaram a juventude nas suas relações com os amigos, os inimigos, a família, os professores, a

mídia, a polícia, o Estado e a sociedade em geral. Em outras palavras, a juventude ocupante das escolas como um importante ator político.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42).

O movimento das ocupações foi pensado pela juventude. Seus anseios, medos, questionamentos, sonhos, dilemas e crenças, bem como seus equívocos, foram elementos importantes para a construção da luta. Os jovens das camadas populares se uniram em diferentes estados brasileiros e com o lema: “OCUPAR E RESISTIR” mostraram a força de seus ideais.

Os jovens são herdeiros e inovadores, fracos e fortes, perigo e promessa, violência e inocência, desemprego e desenvolvimento, droga e pureza, dependência e disponibilidade, ou seja, para resumir o conjunto das contradições, os jovens são ao mesmo tempo problema e solução. (CHARLOT, 2006, p. 2).

A juventude brasileira participou ativamente de outros momentos históricos importantes para o país, a exemplo da intensa mobilização contra a Ditadura Militar (1964 – 1985), das “Diretas Já” (quando lutavam pelo direito ao voto direto para presidente), das manifestações dos “Caras-Pintadas” em 1992 (quando buscavam o impeachment do presidente da época, Fernando Collor de Mello) e, porque não, dos protestos de 2013. A Revolta das Canetas de 2016 foi mais um desses momentos de luta e sonhos juvenis.

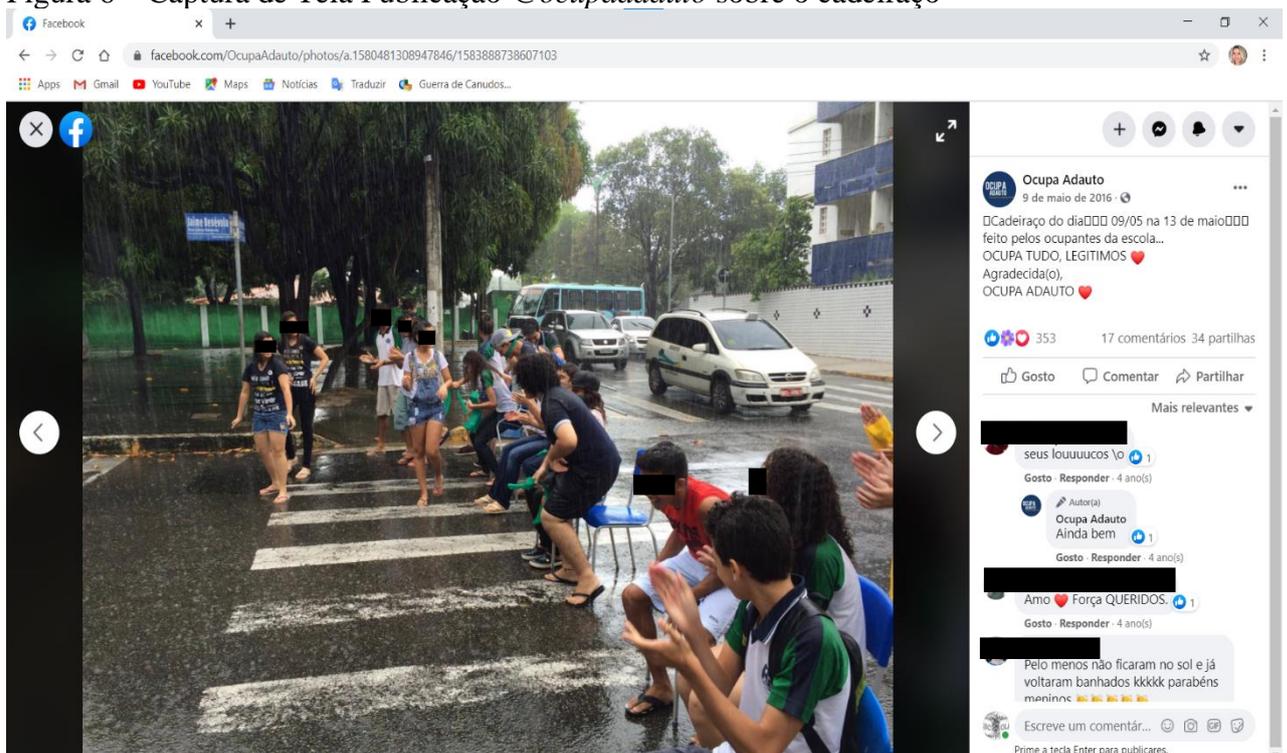
2 A FORÇA DA MOÇADA: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES DE UMA OCUPAÇÃO

E vamos à luta

*“Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada”
Gonzaguinha*

No dia 9 de maio de 2016, os estudantes do Adauto Bezerra organizaram o primeiro “cadeiraço” nos arredores da escola: alguns se dirigiram para a Avenida 13 de maio, outros pegaram as cadeiras e foram para o cruzamento da rua Mário Mamede com Jaime Benévolo. Mesmo debaixo de chuva forte, eles permaneceram no ato com o objetivo de mostrar à comunidade os objetivos da luta estudantil. Eram os primeiros passos na tentativa de se aproximar das pessoas que circulam pelo Bairro de Fátima e dar maior visibilidade à ocupação do AB, que começou no dia 4 de maio de 2016 e resistiu até 11 de agosto do mesmo ano.

Figura 6 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cadeiraço



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

O questionário, sobre o qual será feita a análise neste capítulo, foi formulado através das percepções e dúvidas que surgiram a partir do contato com os alunos e os conteúdos das

redes sociais e da imprensa no que se refere às ocupações secundaristas nas escolas públicas cearenses e brasileiras. Através deste instrumento de pesquisa, almeja-se compreender quem eram os estudantes que ocuparam as escolas, quais suas composições sociais, sua faixa etária, onde residiam, situação econômica, relação com os familiares, bem como entender suas motivações para as ocupações, as táticas empregadas e suas inserções políticas. Dentro do possível, saber o que estão fazendo atualmente, após alguns anos do desfecho das ocupações. Em outras palavras, o intuito da pesquisa é analisar o antes, o durante e o pós ocupação.

Concebe-se a escola como um lugar criativo, permeado por estratégias e táticas, em que, não obstante toda a disciplina alcançada, os alunos resistem, fazem e se fazem. A coleta de dados do questionário citado acima foi feita através da internet. Em fevereiro de 2019, foram elaboradas 31 perguntas, acompanhadas de uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e, em seguida, o questionário foi inserido no *Google Drive*. Essa metodologia deixou os estudantes mais à vontade para falarem sobre suas percepções acerca da ocupação e, posteriormente, abriu espaço para as entrevistas.

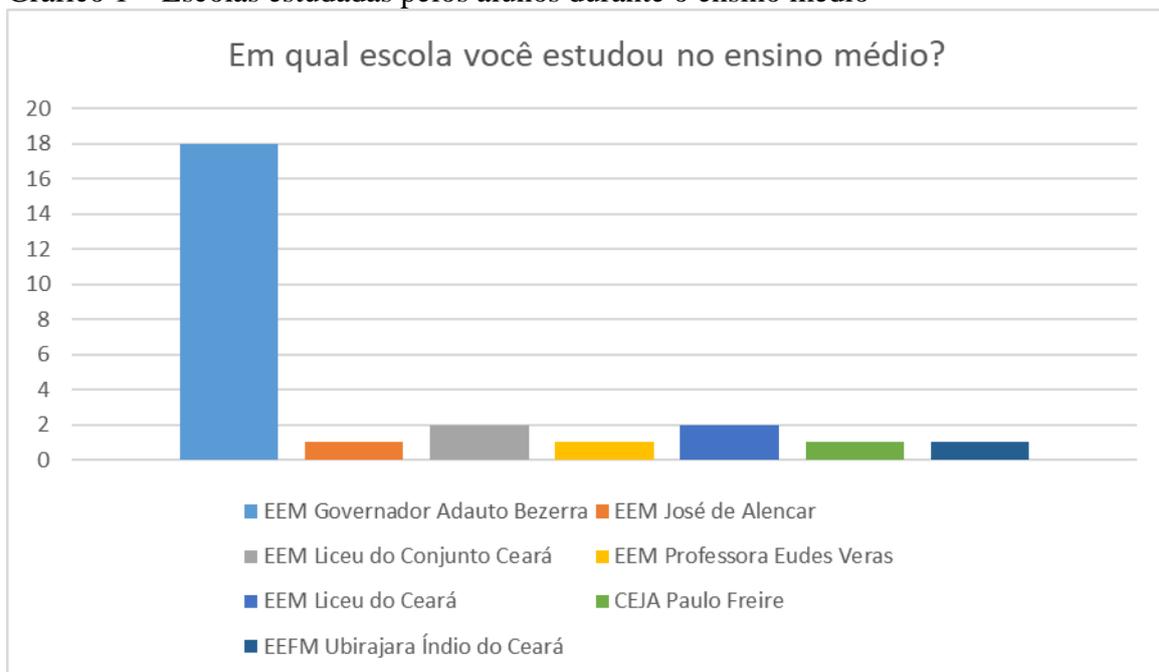
A partir da rede social *Facebook* e do aplicativo de comunicação *WhatsApp*, bem como por *e-mail*, professores e estudantes ajudaram na divulgação do questionário, de modo que o maior número de discentes partícipes das ocupações pudesse responder às perguntas. No total, 26 estudantes responderam e, no final de 2019, o questionário foi retirado do *Google Drive* para dar início às análises.

2.1 Conhecendo os estudantes da ocupação

Inicialmente, a proposta era realizar a pesquisa com algumas escolas de Fortaleza, fazendo um estudo comparativo de como as ocupações ocorreram, levando em consideração que cada comunidade escolar apresenta suas particularidades. Durante o desenvolvimento da pesquisa, porém, foi observado que a Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra se destacou, dando apoio para as outras unidades escolares, tornando-se referência na organização de oficinas, nos atos e na participação dos estudantes em atividades cotidianas. Envolvimento, inclusive, não apenas de secundaristas, mas igualmente de universitários – pelo ativismo que a escola apresentou ao longo de sua história, bem como pela proximidade geográfica com instituições de ensino superior, pois situa-se ao lado da Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus Bairro de Fátima, e nas proximidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Benfica.

Além disso, dos 26 estudantes que responderam ao questionário, 18 eram da E.E.M. Governador Adauto Bezerra. Também pesaram os laços afetivos, visto que cursei o Ensino Médio na instituição e ali também ministrei algumas aulas de História, como substituta, no início da carreira como docente. No gráfico seguinte (Gráfico 1), pode-se observar onde estudavam os ocupantes que responderam ao questionário, que foi divulgado no *facebook*, grupos de *WhatsApp* e *e-mails*.

Gráfico 1 – Escolas estudadas pelos alunos durante o ensino médio



Fonte: Elaborado pela autora.

Como se observa, 69,12% dos estudantes que responderam ao questionário estudavam na E.E.M. Governador Adauto Bezerra, 3,84% na E.E.M. José de Alencar, 7,68% na E.E.M. Liceu do Ceará, 3,84% na E.E.M. Professora Eudes Veras, 7,68% na E.E.M. Liceu do Ceará, 3,84% no CEJA Paulo Freire e 3,84% na E.E.F.M. Ubirajara Índio do Ceará. Diante desse resultado, para fins de compreensão e análise do movimento das ocupações, a metodologia escolhida é o estudo de caso. Neste sentido, o trabalho irá focar no caso da Escola Adauto Bezerra e dos 18 estudantes que responderam ao questionário.

As reflexões e análises das respostas dos 18 estudantes deram embasamento metodológico para a construção de 29 gráficos que ajudam a esclarecer as problemáticas desta pesquisa. As postagens no *facebook* da página @ocupaadauto também são utilizadas para colher mais informações, aprofundando as análises do questionário.

Os responsáveis pela página *@ocupadauto* eram os estudantes que formavam a comissão de comunicação, segundo relatos dos entrevistados, aproximadamente seis ocupantes tinham acesso ao login e à senha da página para fazer as postagens diárias e responder aos comentários e ao *Messenger*.

Figura 7 – Captura de Tela Publicação *@ocupadauto* sobre o cotidiano



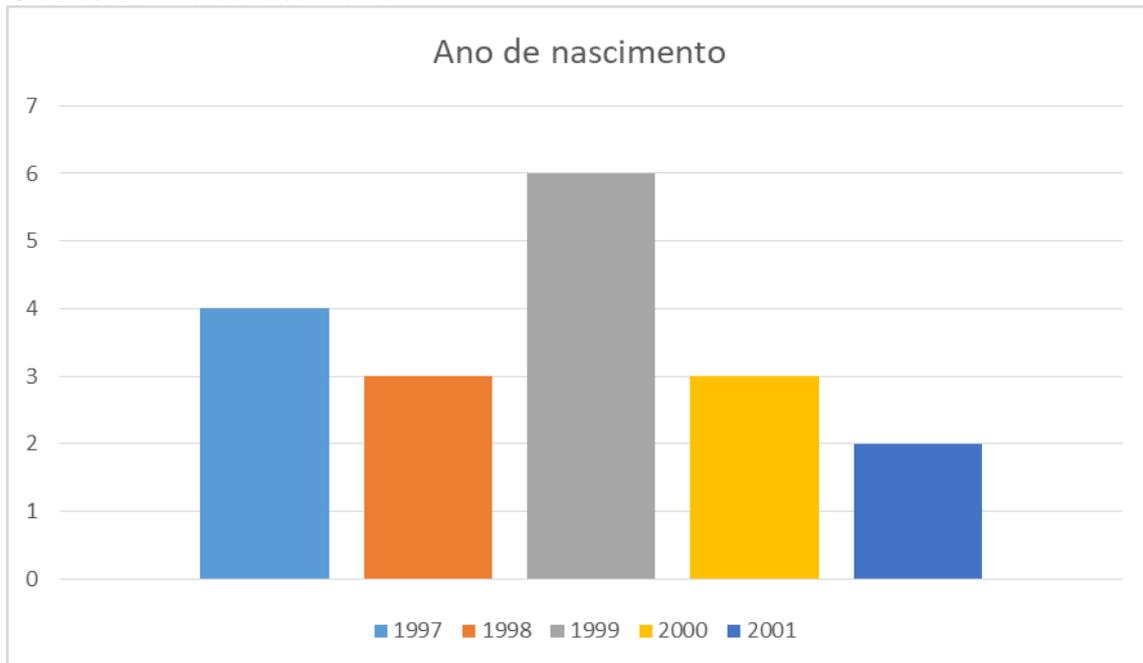
Fonte: Ocupa Adauto (2016).

As postagens também serão utilizadas como fonte para esta investigação, sendo escolhidas as que datam entre o dia da criação da página, 14 de abril de 2016, até o dia 11 de agosto, quando AB foi desocupado. A página *@ocupadauto* possui 3127 seguidores, o que demonstra uma intensa repercussão da ocupação, principalmente entre os jovens.

As respostas da pergunta 31 do questionário não serão disponibilizadas, pois consta o e-mail ou o telefone de contato dos estudantes que contribuíram para a realização da pesquisa.

A primeira pergunta do questionário referia-se à data de nascimento dos estudantes que participaram na ocupação. É importante saber a faixa etária dos mesmos para compreender melhor suas reivindicações, no que toca às experiências de vida, a laços familiares e inserções políticas.

Gráfico 2 -Ano de nascimento



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o Gráfico 2, na época da ocupação, cerca de 22,22% dos estudantes que responderam ao questionário tinham alcançado a maior idade civil (18 anos completos), enquanto 16,66% apresentavam 17 anos, 33,33% possuíam 16 anos, 16,66% contavam com 15 anos e 11,11% apenas 14 anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, de 1990, no artigo 2º, considera criança quem tem até 12 anos incompletos, sendo adolescente dos 12 anos completos até os 18 anos (BRASIL, 1990).

A maioria dos estudantes que participaram da ocupação era de menores de idade, o que gerou muitos questionamentos por parte da comunidade escolar e da sociedade em geral. Usando um argumento comum a outras experiências juvenis, a exemplo da juventude que protestava contra a ditadura nos anos 60, pretendeu-se desqualificar o movimento das ocupações, associando os estudantes à ingenuidade. Sua pouca idade os faria massa de manobra de aproveitadores políticos. Ou não teriam maturidade para tomar decisões importantes ou não tinham capacidade nem consciência política para entender a gravidade do que faziam. Constantemente, o governo e a mídia lembravam os atos dos adolescentes seriam de responsabilidade dos pais.

Não que os estudantes deixassem de cometer equívocos ou tomar decisões precipitadas, mas associar isso apenas a sua pouca idade é algo questionável. Vários processos políticos importantes do mundo, a exemplo da Revolução Francesa de 1879 (HOBBSWAM, 1998) e da Revolução Cubana de 1959 (RIDENTI, 1993) contou com decisiva participação de

jovens. A questão da idade não era um dos fatores para definir a liderança dentro do movimento. Pelo que foi analisado na coleta de dados, os estudantes mais velhos não exerceram a liderança da ocupação no Adauto Bezerra, ficando o comando a cargo dos mais jovens. O movimento, por mais que existissem conexões e influências com outras ocupações – sendo, para tanto, importantes as redes sociais –, tinha certa autonomia, respondendo, provocando e reagindo a questões endógenas, ou seja, questões vindas do próprio processo de ocupação na escola.

No gráfico a seguir (Gráfico 3), buscamos saber a naturalidade dos estudantes. O sentimento de pertencer à cidade poderia permitir que tivessem mais conhecimento da realidade social e maiores contatos com outros jovens.

Gráfico 3 – Local de nascimento



Fonte: Elaborado pela autora.

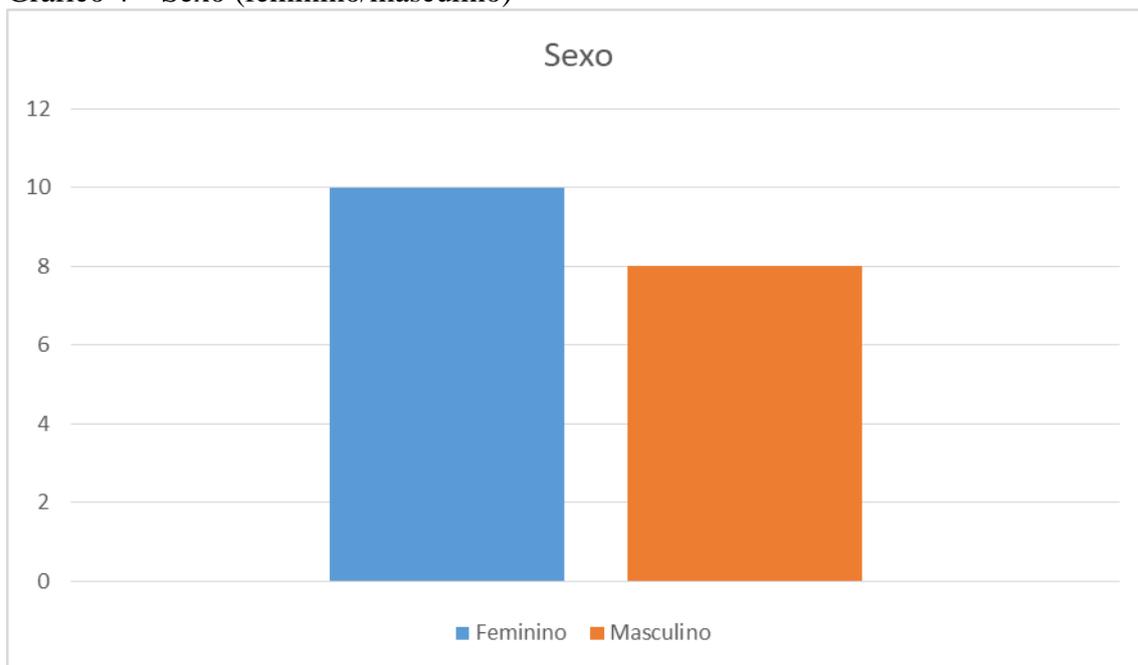
Observamos que 94,43% dos estudantes nasceram na cidade de Fortaleza. A capital cearense sofreu ao longo do século XX, um intenso inchaço urbano, especialmente em virtude do êxodo rural (COSTA, 2007). Assim, os filhos desses migrantes, nascidos na cidade e buscando uma melhor qualificação educacional, buscaram estudar na Escola Adauto Bezerra. Esta unidade escolar é famosa na rede pública estadual pela aprovação em vestibulares e no ENEM.

Não raro, muitos dos alunos do Adauto são os primeiros da família a ingressar em uma instituição de ensino superior. Isso nos leva a conjecturar como os referidos alunos apresentavam pretensões educacionais e estavam a par dos problemas que a educação pública

apresentava, dificultando a realização de seus sonhos. Dos estudantes que responderam, apenas um estudante nasceu em outra cidade, no caso São Paulo, mas este relatou que quando ainda era criança veio com seus pais morar em Fortaleza, portanto, ele também tinha uma relação de pertencimento à cidade.

Outro questionamento feito foi sobre o gênero dos estudantes partícipes do movimento.

Gráfico 4 – Sexo (feminino/masculino)



Fonte: Elaborado pela autora.

Constatamos, como vemos no Gráfico 4, que 55,55% dos participantes do movimento que responderam à ocupação eram do gênero feminino, enquanto 44,44 pertenciam ao gênero masculino. A significativa presença de meninas na ocupação deu margem a várias questões. Uma diz respeito ao machismo, na qual críticos buscaram descredenciar o movimento, questionando a capacidade das estudantes de atuarem politicamente por serem apenas “meninas”.

Além disso, o fato de haver muitas meninas também servia para o uso de argumentos que colocavam em dúvida a moral das participantes. Críticos do movimento diziam que os estudantes faziam das ocupações locais de namoros e relações sexuais. Ou seja, ratificava-se o discurso da mulher incapaz ou indecente para minimizar a importância do papel das alunas nas ocupações, desviando o foco das reivindicações dos ocupantes. Por mais que alguns dos participantes tivessem se envolvido sentimentalmente – e isso era uma questão de

foro pessoal deles –, a maioria das estudantes partícipes da ocupação não dormia na escola. Até pelo próprio machismo das famílias e por questão de segurança, algumas garotas passavam apenas o dia na ocupação, regressando para suas casas no início da noite.

Também houve casos mesmo de mães e pais dormirem na ocupação juntos com os filhos, reconhecendo a legitimidade do movimento e explicitando o apoio aos envolvidos, especialmente os seus pósteros. Pais manifestaram orgulho à movimentação dos filhos, especialmente porque estes contradiziam o discurso, do senso comum, de uma juventude “alienada”.

O que é que a senhora tá achando do nosso movimento?

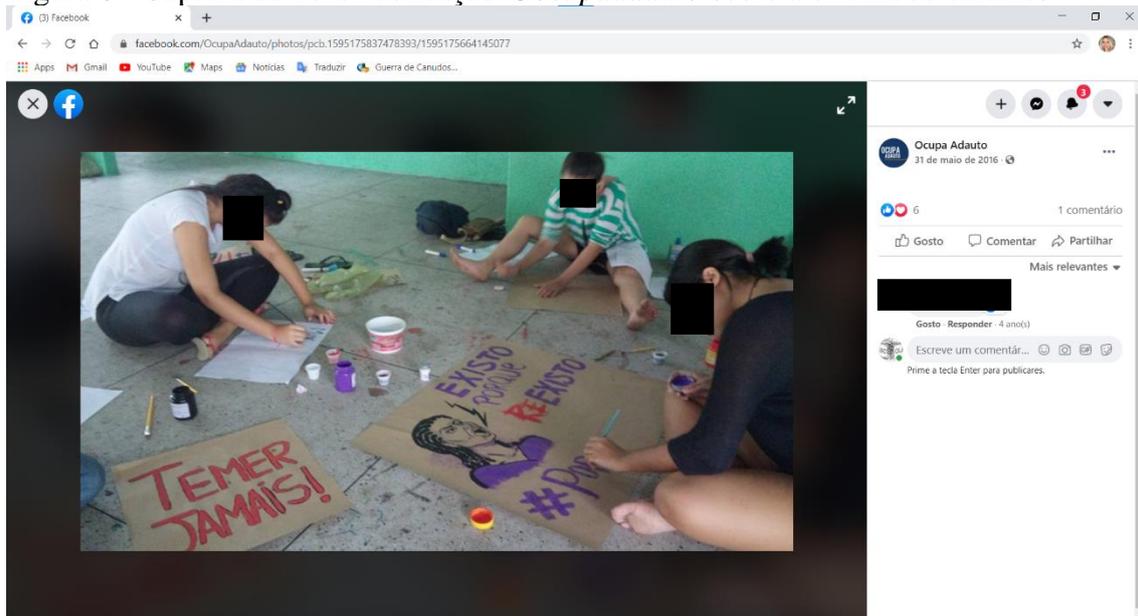
Tô achando que... que eu concordo com o movimento de vocês por tudo que foi dito aí sobre a escola e outras escolas, vocês tem direito de buscar né, de ir atrás, por que realmente merecem, tá tudo acabado mesmo. E é o direito de vocês, é o direito da minha filha, eu apoio... eu acho que os pais tem que estar junto com vocês, dando força... eu só não deixo dormir, mas se for pra passar o dia, eu tô do lado, eu quero o melhor pra vocês. (OCUPA ADAUTO, 2016).

No dia 30 de maio de 2016 foi divulgada na página do *Facebook* @ocupaadauto a realização de um ato com a concentração na Praça do Ferreira contra o machismo e a misoginia. A manifestação fora motivada pela divulgação de notícia segundo a qual uma jovem de 16 anos fora dopada e estuprada por mais de 30 homens na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Após o ocorrido, os estupradores ainda divulgaram o vídeo dos abusos na internet. A jovem foi levada ao Instituto Médico Legal e depois ao hospital onde tomou um coquetel contra doenças sexualmente transmissíveis (G1, 2016).

Em decorrência do machismo e misoginia escancarados na sociedade brasileira, haverá um ato quarta-feira contra a cultura do estupro, "POR TODAS ELAS". Vamos todxs juntxs lutar contra a violação do corpo feminino e quaisquer outras ações machistas que agredem e violentam as mulheres todos os dias. A concentração será dia 01 (quarta-feira) na Pça. do Ferreira, no centro, às 16hrs, e iremos sair em manifesto até a Pça. da Gentilândia, no Benfica. Aguardamos a presença de todxs, será um ato magnífico! #MachistasNaoPassarao#LutamosContraACulturaDoEstupro #EstuproNuncaMais#ADorDelaÉDeTodxsNosTambem #TrintaETresContraTodxs. (OCUPA ADAUTO, 2016).

Além do ato, os ocupantes também organizaram uma oficina de cartazes feministas cuja produção foi levada para a manifestação que ocorreu nas principais ruas que ligam o centro da cidade de Fortaleza ao bairro universitário, Benfica.

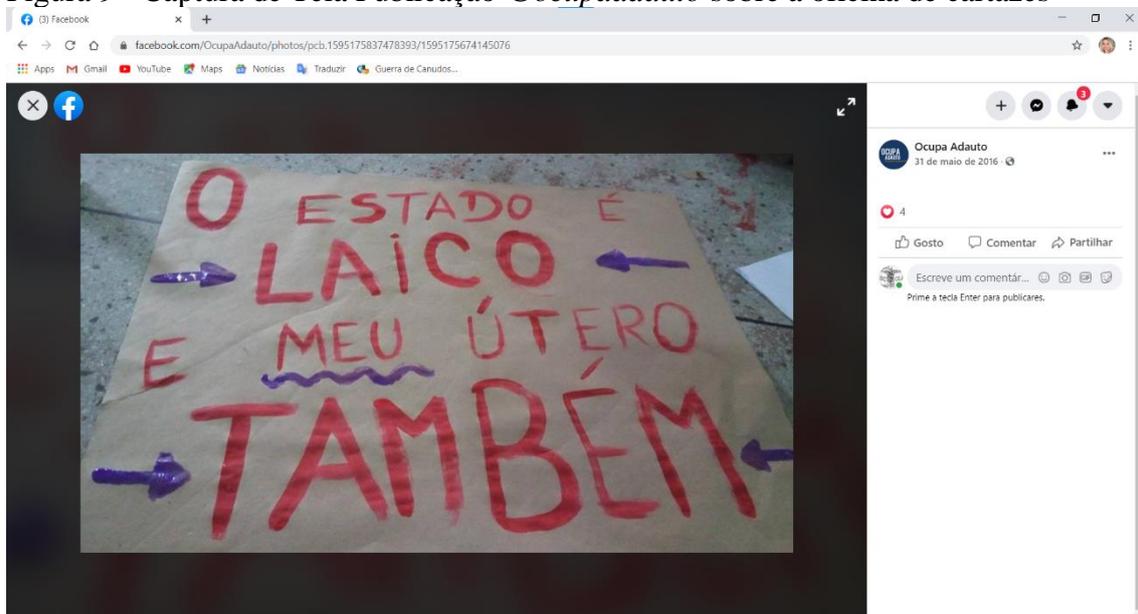
Figura 8 - Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a oficina de cartazes



Fonte: Ocupa Adatao (2016).

A participação na oficina de cartazes era principalmente das garotas. Os cartazes tinham frases ligadas a questões sociais, políticas e culturais. A defesa do direito da mulher sobre o seu corpo, evidenciando a luta pela autonomia para tomar suas próprias decisões sem a interferência das ideias religiosas e das pressões da linha conservadora da sociedade, estavam presentes tanto nos cartazes como também nos relatos das estudantes.

Figura 9 - Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a oficina de cartazes

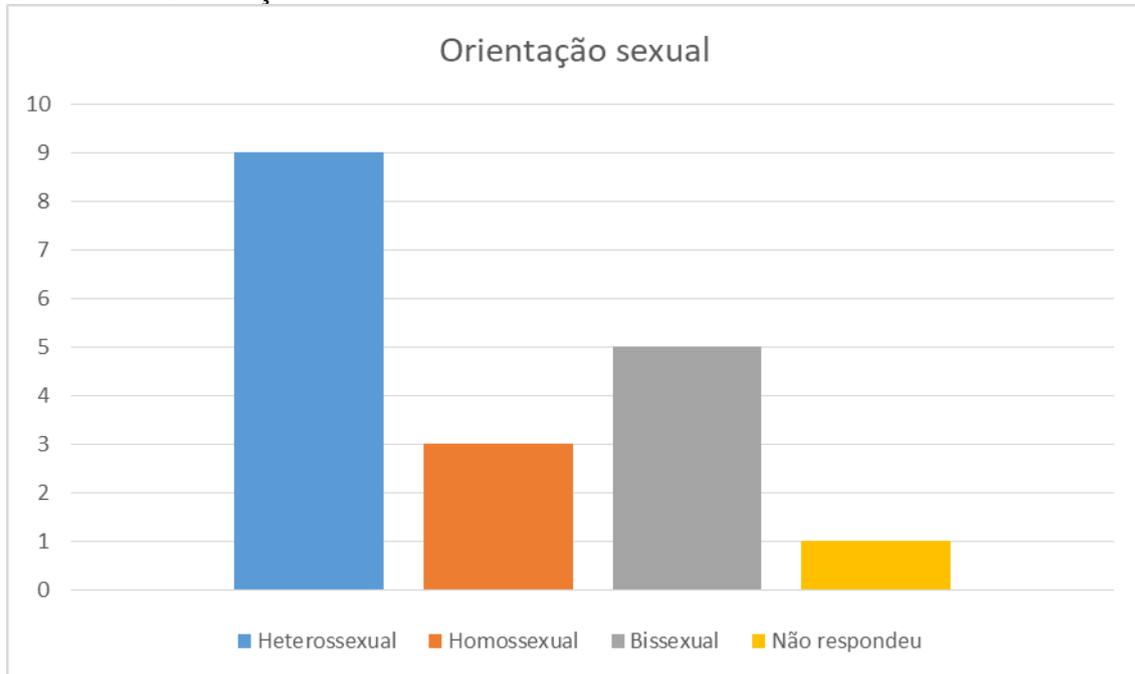


Fonte: Ocupa Adatao (2016).

As questões feministas, ligadas principalmente à luta pela legalização do aborto e

aos casos de culpabilização da vítima por parte da sociedade em alguns casos de estupros, dividia opiniões entre os ocupantes e os estudantes que eram contrários à ocupação. No Gráfico 5, tratamos sobre a orientação sexual com a qual os estudantes se identificavam:

Gráfico 5 – Orientação sexual



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos sujeitos da nossa pesquisa, 50% manifestaram-se, quanto à orientação sexual, como heterossexuais, enquanto 16,66% como homossexuais e 27,77%, bissexuais, havendo 5,55% que preferiram não responder. A Escola Aduino Bezerra tem um histórico de mobilizações em defesa da diversidade de gênero, inclusive, dentro da escola tem um núcleo de estudos sobre essa temática, que conta com a participação dos estudantes e professores da área de Ciências Humanas, em especial, das disciplinas de História e Sociologia. O grupo tem como principal objetivo promover a educação para igualdade de gênero.

Assim, são organizados debates na escola sobre essas questões, além de rodas de leitura, oficinas, etc. O núcleo de estudos leva o nome de uma ex-estudante da escola, Stefhani Brito, jovem de 22 anos, brutalmente assassinada pelo ex-namorado, que utilizou um pedaço de madeira para matá-la e depois lançou seu corpo na lagoa da Libânia, no bairro Mondubim, em Fortaleza. A professora de História e a de Sociologia fizeram um relato dos objetivos e das experiências desenvolvidas pelo núcleo de estudos de gênero na Escola Aduino Bezerra.

No decorrer do processo de um ano de conversas informais e ações pontuais, os objetivos foram sendo delineados no percurso. Assim, alguns objetivos foram

pontuados e formatados, tais como: fundamentar a prática de pesquisa na busca do conhecimento; promover ações capazes de preparar os sujeitos para vivenciar a igualdade de gênero; construir interações entre professores, professoras e estudantes e as formas de organização do trabalho pedagógico frente às questões de gênero; estudar gênero a partir das teorias e práticas feministas; buscar formas de entendimento da linguagem e os sentidos do corpo, do sexo, da identidade; problematizar a respeito das questões de gênero presentes no espaço escolar; contribuir na formação de identidades dos sujeitos, acerca das relações de gênero; discutir como as práticas escolares atuam na produção e na reprodução das relações de gênero socialmente construídas. (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 2).

A postura da escola diante desses assuntos, fez com que ela fosse alvo de manifestações homofóbicas, com seus muros sofrendo pichações com ataques ligados a questões de gênero e a homossexualidade dos estudantes. Seria uma “escola de gays”. Não surpreende, pois, que essa questão da sexualidade de alguns dos ocupantes tenha sido levantada pelos críticos do movimento. Por outro lado, não foi à toa que, entre os temas trabalhados pelos alunos nas oficinas, cine debate e palestras, estivessem presentes temas que diziam respeito à diversidade de gênero.

Nas pautas de reivindicação dos ocupantes, estava a da solicitação de um posicionamento por parte da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) em relação aos casos de LGBTfobia, racismo, machismo e privação de liberdade religiosa, que atingiam comumente alunos das escolas públicas.

Questões como o combate aos preconceitos estiveram presentes por quase todas as manifestações dos alunos, no sentido de defender o debate de gênero e educação sexual nas escolas, tornando o ambiente escolar mais aberto, plural e democrático. Daí, não se surpreende que os partícipes das ocupações, por meio da página *@ocupaadauto* no *Facebook*, tenham várias vezes se posicionando contra o Projeto Escola Sem Partido⁷, movimento conservador que busca colocar restrições a alunos e professores no que toca ao ensino e às condutas em sala de aula.

Na justificativa do Projeto Escola Sem Partido divulgadas em seu site, encontramos acusações contra as práticas docentes. Os professores estariam utilizando o ambiente de trabalho para doutrinações políticas e atentados aos valores da família tradicional (entenda-se, patriarcal), praticando proselitismo político para os partidos de esquerda e induzindo e

⁷ O projeto da Escola Sem Partido foi criado em 2004, tendo como principal liderança Miguel Nagib, na época, procurador do Estado de São Paulo. Em 22 de agosto de 2020, Nagib anuncia o fim da sua participação no movimento. O site continua com artigos acusando professores, políticos e grandes referências na educação brasileira, como Paulo Freire. Além de reunir depoimentos de pais e estudantes denunciando professores que estariam praticando doutrinação em sala de aula, falando de assuntos que problematizam questões de gênero, ideológicas, políticas e religiosas. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019).

influenciando na conduta moral e sexual dos estudantes (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019).

Além do site e da atuação político-partidária-ideológica institucional, a ESP busca inserir artigos de opinião em diversos veículos de comunicação e realizar debates em espaços acadêmicos, religiosos, parlamentares, etc. Normalmente, em tais espaços, não há possibilidade para a contra argumentação. Uma estratégia típica da ESP é usar termos jocosos, ofensivos, panfletários, agressivos e depreciativos dos que discordam de seu ideário. A ESP, assim, almeja transparecer que apresenta grande capilaridade social, que expressa espontaneamente a sociedade, quando, na verdade, busca massificar sua atuação de forma orquestrada para atrair simpatizantes e convencer a sociedade dos “perigos” que estariam correndo crianças e jovens nas escolas. Como o site não abre espaço para outros pontos de vista, as denúncias ali apresentadas (artigos, vídeos, postagens, etc.) são superdimensionadas, como se todos os professores, ou boa parte deles, estivessem realmente fazendo “doutrinação esquerdista” em sala de aula. (FARIAS; OLIVEIRA, 2019, p. 4).

Diante da circulação desse projeto em âmbito nacional, estudantes decidiram fazer postagens na internet e demonstrar apoio aos professores. Entendiam que o Projeto Escola Sem Partido visava cercear a liberdade de expressão dos docentes e criar um clima de censura e perseguição política dentro das escolas. Isso demonstra que a luta das ocupações não estava desconectada de outras questões que envolviam a sociedade e a educação, não se restringindo apenas a pautas discentes. Por outro lado, compreendiam como a postura da Escola Sem Partido tornavam ainda mais conturbadas as relações dentro das unidades escolas, em virtude das persistentes práticas homofóbicas e machistas.

Somos contra o Projeto Escola Sem Partido!
Queremos debate de gênero nas escolas!
Segundo deputada, estimular o combate contra o preconceito é "doutrinação" de gênero. #opovo
(Facebook, @ocupaadauto, 04 de maio de 2016).

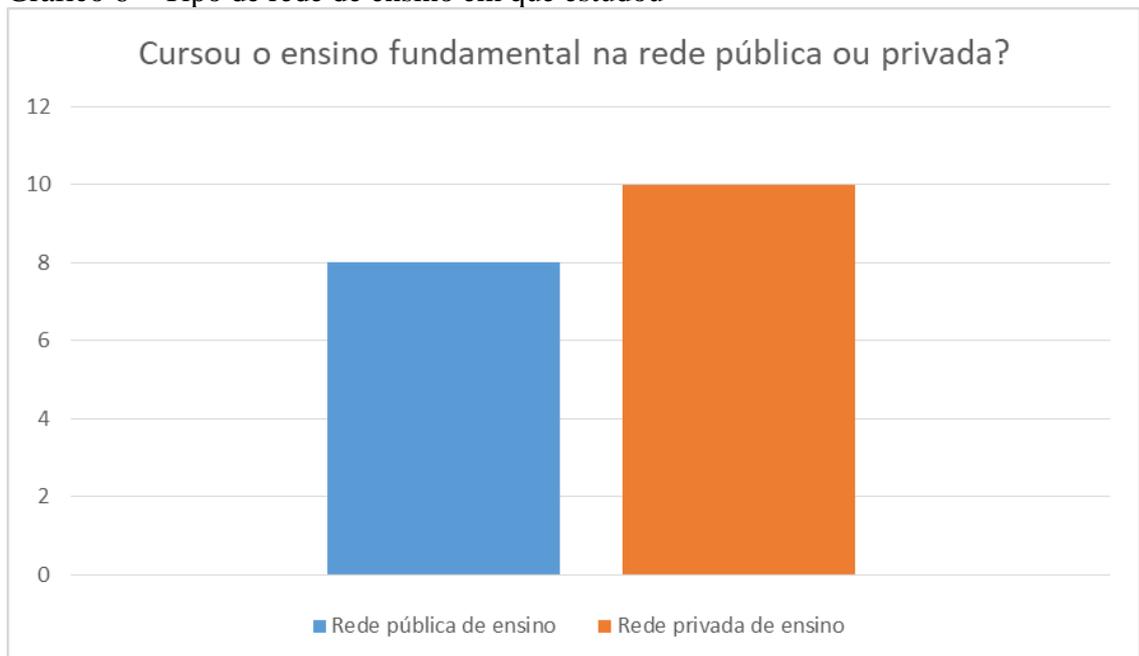
Pelo que percebemos, em várias das escolas em ocorreram as ocupações, os estudantes secundaristas manifestaram-se contra o movimento Escola Sem Partido, que buscava aprovar, à época, projetos restringindo a liberdade de ensino em várias câmaras municipais e assembleias legislativas Brasil afora.

VOTEM CONTRA O PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO!
Doutrinação ideológica é o que esses fundamentalistas de extrema direita querem fazer alienando ainda mais a instituição de ensino, proibindo a análise crítica do passado, para não modificarmos o presente e não moldar o futuro.
#DigaNaoAoPEE #LeiDaMordaca #VoteContra
Entendam mais sobre o projeto Escola Sem Partido, e votem contra à essa lei da mordaca.
Escola sem partido impõe retrocesso à luta contra discriminação. (OCUPA ADAUTO, 2016).

Como visto no início deste capítulo, a Escola Adauto Bezerra chama a atenção da sociedade, da Secretária de Educação e, especificamente, de pesquisadores que investigam a educação pública, principalmente pelo bom desempenho estudantil nas avaliações nacionais. Claro que o Adauto não está à margem da realidade da educação pública do Ceará e do Brasil, mas não deixa de ser interessante compreender por que, em uma escola tão elogiada, houve um movimento de ocupação.

Um dos nossos questionamentos foi em relação à “origem escolar” dos ocupantes, ou seja, onde os alunos partícipes da ocupação tinham cursado o Ensino Fundamental antes de ingressarem no Ensino Médio do AB (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Tipo de rede de ensino em que estudou



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos 18 estudantes alvos do questionário, 10 tinham cursado o ensino fundamental na rede privada de ensino. Ou seja, dos sujeitos da pesquisa, 44,44% cursou o ensino fundamental na rede pública de ensino e 55,55%, na rede privada.

De antemão, não estamos dando a entender que a vinda de alunos de escolas privadas seria o motivo do bom desempenho do Adauto Bezerra em várias provas que seus alunos participam. Há escolas privadas, especialmente as de ensino fundamental da periferia, que apresentam problemas graves de estrutura e deficiência no ensino. Isso não implica, por outro lado, que haja casos de alunos vindos de escolas privadas com mais competências e habilidades na área da leitura, da interpretação e da escrita, mesmo porque os dados estatísticos

mostram e é de conhecimento público que há problemas de rendimento⁸ da escola pública de Fortaleza, por uma variedade de motivos que fogem ao objeto desta pesquisa.

Entendemos, a partir de conversas com professores e gestores do AB, a mudança do perfil do aluno da escola nos últimos anos. Ante a necessidade do ENEM para o ingresso no ensino superior, as dificuldades econômicas dos pais, os altos custos do ensino privado, os bons resultados do AB (não raro, comentados até na imprensa e divulgado pela instituição de ensino em gigantescos painéis e faixas em sua fachada externa) e a excelência dos professores (vários deles, experientes e outros até vindos de grandes escolas privadas de Fortaleza), alunos de certa classe média passaram a procurar ingressar na conhecida escola do bairro de Fátima.

No início do ano letivo, quando das matrículas, filas enormes se formam na escola, com pais buscando uma vaga para seus filhos. Pais chegavam a passar noites dormindo na calçada da escola, o que era noticiado pela imprensa. Portanto, em vez de afirmar que foi a qualidade de alunos do ensino privado que melhora os dados do AB, entendemos que é o contrário: é a qualidade do Adauto, ao lado de fatores conjunturais, como os vistos, que atraem alunos para suas instalações. Há mesmo um certo sentimento entre os alunos e pais de que o Adauto é uma escola “para se estudar”, ou seja, o aluno deve ir para lá com um compromisso de se dedicar, pois o “ensino é puxado”.

Embora não tenhamos como quantificar, acreditamos que é possível que essa presença de alunos de uma classe média tenha ajudado, por mínimo que fosse, no movimento das ocupações, no instante em que defenderiam melhorias na educação pública – inclusive, numa escola “modelo” como o Adauto Bezerra. Tendo escolas privadas como referência, percebiam os limites da realidade da escola pública. Nesse sentido, hipotecaram apoio a seus filhos, os motivaram na ocupação da escola.

Na página @ocupaadauto podemos encontrar algumas postagens que abordam essa problemática relacionada às escolas públicas e privadas. No dia 17 de junho, a página fez uma postagem que gerou muita polêmica entre os jovens. A publicação fazia uma crítica aos privilégios da escola privada e defendia que “Educação não é mercadoria”.

Foram 464 reações entre curtidas e *emojis* de não gostei. Esta seria uma das publicações com o maior número de comentários – 373 no total, alguns apoiando, outros criticando.

⁸ Em Português, 44% é a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano na rede municipal de ensino. 16% é a proporção de alunos que aprenderam o adequado na competência de resolução de problemas até o 9º ano na rede municipal de ensino. (QEDU, 2017).

“A esquerda é uma piada, querem igualar as pessoas por baixo. Vão cuidar em estudar.”
 “Acabam com a educação pública e querem acabar com a privada também, patéticos.”
 “Filhotes de estrume.”
 “A educação sucateada das escolas públicas agora é culpa das escolas privadas?”
 “As escolas públicas são ruins e algumas particulares permanecem como ilhas de excelência em um mar de lama.”
 “Solução do problema na cabeça dessa gente: vamos fazer todas as escolas serem públicas e igualmente ruins.” (OCUPA ADAUTO, 2016).

Alguns dos comentários criticando a postagem “educação não é mercadoria” continham palavras de baixo calão e de teor ofensivo e inadequado. Como de se esperar, a maioria dos comentários negativos foi feita por estudantes de escolas particulares. Um discurso muito comum de grupos conservadores e liberais na presente década é a defesa da meritocracia, com críticas às políticas estatais de cotas para minorias.

Não por acaso, vários dos comentários afirmavam que a escola pública era ruim e os ocupantes querem igualar as escolas para que todas ficassem na “mesma péssima qualidade”. Para além da polêmica, era um indício de como a página @ocupaadauto apresentava capilaridade e penetração na rede social, dando a entender que vários setores da sociedade, inclusive estudantes da rede privada acompanhavam, em alguma medida, o movimento das ocupações.

Diante da repercussão, dois dias depois da postagem, os ocupantes fizeram uma publicação tentando esclarecer as críticas que foram feitas ao ensino privado. Mantiveram, porém, o tom crítico em relação ao ensino privado, atacando o capitalismo. No fim da postagem, rebatem as acusações dos que se posicionavam contra as ocupações, em mais um sinal de que o movimento dos secundaristas estava sendo observado por grupos conservadores, cuja tática era desmoralizar e desmerecer a mobilização dos discentes.

Esclarecimentos...

P.S.: Compartilhem este post, por favor!

Primeiramente, #ForaTemer. É triste ver que ainda hajam (sic) pessoas cegas pelo capitalismo dominante em nossa sociedade; é repugnante ver o quanto as pessoas ainda são tão deficientes de conhecimento. Esclarecendo o intuito do post com a frase: "Educação não é mercadoria", nós somos, SIM, contra o incentivo à educação privada :). Agora deixe-nos explicar. Quando temos um bom ensino público, com boas "aprovações", com altos índices de desenvolvimento educacional no país (através da rede pública), a educação privada sai perdendo, pois a migração de alunos para a rede pública aumenta, conseqüentemente diminuindo os lucros para os empresários. Quando temos um governo que dá incentivo às grandes empresas/escolas, sucateia as instituições públicas, desvaloriza os professores servidores públicos e ainda pretende criar bolsas juntamente com as empresas/escolas para os estudantes que não podem pagar, isso caracteriza um descaso, um abandono da rede pública de ensino. E então porque pagar mais por educação? Está no Art. 2º da LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996: a educação deve ser gratuita e de qualidade para todos! Pensem bem antes de pôr seus filhos em uma instituição privada enchendo o bolso

dos empresários enquanto as escolas públicas gritam por RESISTÊNCIA! E é por isso que nós ocupamos: por resistência, por educação de qualidade, por ensino superior livre e gratuito, pela valorização do órgão público e seus funcionários, entre outros motivos. Aí deixamos a reflexão: se ocupar e pedir por nosso direito é vagabundagem e vandalismo, se cozinhar 6kg de arroz por dia pra mais de 40 ocupantes é ser "desocupado" e se fornecer palestras, aulas e oficinas todos os dias não é estudar também :).

+ Amor

- Ódio

Boa Noite.

(OCUPA ADAUTO, 2016).

A polêmica, porém, continuou nos comentários da postagem. Se houve manifestações de apoio e solidariedade, novamente aconteceram vários comentários. Agora, não apenas havia crítica às ocupações em si, mas, também, buscava-se desacreditar a luta dos alunos com críticas antiesquerdistas, postura adotada por setores liberais e conservadores em várias áreas da sociedade, numa atualização do anticomunismo típico da política brasileira (MOTTA, 2002).

Figura 10 - Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre escola pública x escola privada

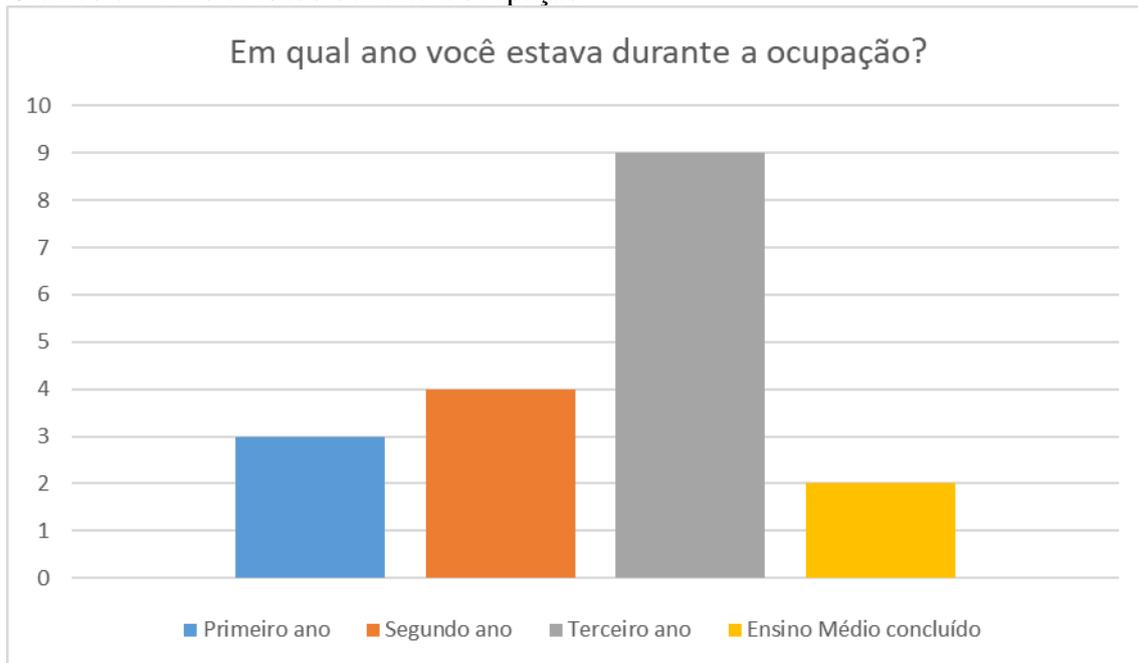


Fonte: Ocupa Aauto (2016).

Os ocupantes foram chamados de “esquerdistas”, “comunistas”, “vagabundos”, “radicais”, dentre outras generalizações. Observa-se que não foi possível construir um diálogo nos comentários da postagem, pois o clima era de acusações e intolerância.

Em relação ao próximo (Gráfico 7), desejávamos saber no questionário qual ano o estudante estava cursando no Ensino Médio durante sua participação na ocupação.

Gráfico 7 – Ano cursado durante a ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 7 nos mostra que 16,66% estavam no primeiro ano, enquanto 22,22% estudavam no segundo ano e 50% no terceiro ano. Chama a atenção que 11,11% já haviam terminado o Ensino Médio e foram convidados por colegas para contribuir com a ocupação da escola que foi o lócus de sua formação durante a educação básica. Um sinal de como continuavam inseridos nas questões escolares secundaristas e nas problemáticas da educação pública.

A maioria dos estudantes estava cursando o terceiro ano do ensino médio quando as ocupações começaram. Isso deu margem a críticas. Para alguns gestores e parte dos professores da escola, mesmo que apoiando a causa – vários deles fizeram compras de mantimentos para os ocupantes –, seria um equívoco os alunos focarem na ocupação no ano em que tinham a pretensão de ingressar na universidade via ENEM.

Importante ressaltar que, mesmo durante a greve que os professores do Estado faziam, os docentes do colégio Adauto Bezerra, voluntariavam-se para ministrar aula para os alunos do 3 ano. Era uma tática dos professores para se contrapor à ofensiva do governo e de parte da imprensa de que a greve docente iria prejudicar os alunos, especialmente no momento de ingresso no ensino superior. Essa mesma tática, segundo os professores de História entrevistados, havia sido usada na greve dos professores de 2011, e se revelou um sucesso, visto que atraiu apoio de setores da sociedade, de pais e alunos e desmontou a argumentação do governo. Na greve de 2011, as passeatas contavam com milhares de pessoas e, pelas imagens

disponíveis na internet, é notória a quantidade de alunos, inclusive no episódio ocorrido em 29 de setembro de 2011 em que professores e a polícia entraram em confronto direto na Assembleia Legislativa (G1, 2011).

Figura 11 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre os aulões para o ENEM

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
04 Prof(a): Leirton Disc: História Prof(a): Airton Disc: História	05 Prof(a): Aida Disc: L. Portuguesa Prof(a): Isaura Disc: L. Portuguesa	06 Prof(a): Alex Carlos Disc: Matemática Prof(a): Tassia J. Neto Disc: Espanhol/Inglês	07 Prof(a): Elenilde Disc: Geografia Prof(a): F. Henrique Disc: L. Portuguesa	08 Prof(a): J. Fernando Disc: Geografia Prof(a): Régis Disc: Química
11 Prof(a): Antônio José Disc: Matemática Prof(a): Alana Disc: Matemática	12 Prof(a): Bheatrix Disc: Geografia Prof(a): Enoque Disc: Química	13 Prof(a): Fred Disc: Biologia Prof(a): Mário Disc: Matemática	14 Prof(a): Cláudio Disc: Geografia Prof(a): Aido Disc: Filosofia	15 SIMULADO
18 Prof(a): Ronildo Disc: Matemática Prof(a): Mayro Disc: Matemática	19 Prof(a): Henrique Lima Disc: Sociologia Prof(a): Bruno Disc: Física	20 Prof(a): Vilki Disc: L. Portuguesa Prof(a): Maxwell Disc: Física	21 Prof(a): Samuel Disc: L. Portuguesa Prof(a): Suziane Disc: LP / Redação	22 Prof(a): Rogério Disc: Física Prof(a): Davi Allan Disc: Química
25	26	27	28	29

HORÁRIOS
1ª Aula: 7:30 – 09:10
Intervalo: 9:10 – 09:30
2ª Aula: 9:30 – 11:10

Fonte: Ocupa Adauto (2016).

A tática provocava críticas de parte do professorado – estariam os docentes do Adauto “furando” e enfraquecendo a greve. Uma parte dos alunos da ocupação igualmente se posicionou contra a continuidade das aulas. Entendiam que aceitar as aulas era compactuar com o modelo educacional que visava aprovações em concurso e não formava jovens críticos e conscientes acerca dos problemas da escola pública e da sociedade como um todo.

O fato de parte dos ocupantes terem sido contra as aulas voluntárias dos professores provocou tensão com outros alunos. Destes, uma parte, que por razões variadas, embora não participando da ocupação, apoiava a causa. Outros, por sua vez, eram contra a ocupação, reproduzindo o discurso de que os participantes da ocupação eram “desocupados e baderneiros”, além de que estavam atrapalhando “os que queriam estudar e ser alguém na vida”.

A questão provocou várias e tensas reuniões entre professores, corpo diretivo e alunos. Não raro, os ânimos se exaltavam. Por fim, chegou-se a um acordo. Decidiu-se que, do horário destinado às aulas voluntárias, alguns dos tempos seriam para palestras e oficinas com temas e propostas dos alunos partícipes da ocupação.

Os tempos finais seriam das aulas destinadas ao ENEM. Apesar do aparente acordo, o entendimento esteve longe de acontecer. Os alunos das ocupações não assistiam às aulas para o ENEM e os discentes que não estavam na ocupação, com exceções, não participavam das

oficinas e palestras. Com a duração da greve, os alunos não participantes da ocupação deixaram de comparecer à escola – como moravam longe e usavam ônibus, não era compensador gastar seus poucos recursos e “perder tempo” para assistir apenas a três ou quatro aulas.

Com o passar das semanas, o esvaziamento das aulas remotas acabou sendo uma vitória política dos ocupantes. Não obstante, o custo foi alto e não calculado devidamente pelos partícipes da ocupação. Professores e alunos que, antes eram simpáticos à causa, passaram, se não a se opor ao movimento, a, pelo menos, ficar indiferente ao que acontecia. Não foi por acaso que as doações de mantimentos para a ocupação diminuíram tanto nas semanas seguintes e passaram a haver tensões com o corpo diretivo da escola. Os ocupantes, no apego à causa, estavam se isolando social e politicamente.

Quando a greve dos professores cessou e o Estado decidiu recomeçar as aulas, a pressão sobre as ocupações tornou-se quase insustentável. Não quer dizer que, mesmo tendo apoio em peso de professores e demais alunos, as ocupações pudessem ter resistido mais, ante a força do poder institucional, mas o isolamento que o movimento começou a percorrer talvez tenha apressado seu encerramento.

Esses embates, por sua vez, mostram como várias pessoas só conseguiam olhar para a educação através dos métodos formais, em que o estudante segue os horários da escola e suas regras de disciplina. Perceber os estudantes como protagonistas que lutam por uma educação de qualidade, buscando tanto mudanças práticas como estruturais na escola, foi algo inovador que assustou pessoas da comunidade, professores, gestão e outros estudantes que não compreendiam ou não concordavam com os objetivos do movimento.

2.2 Ocupação e família

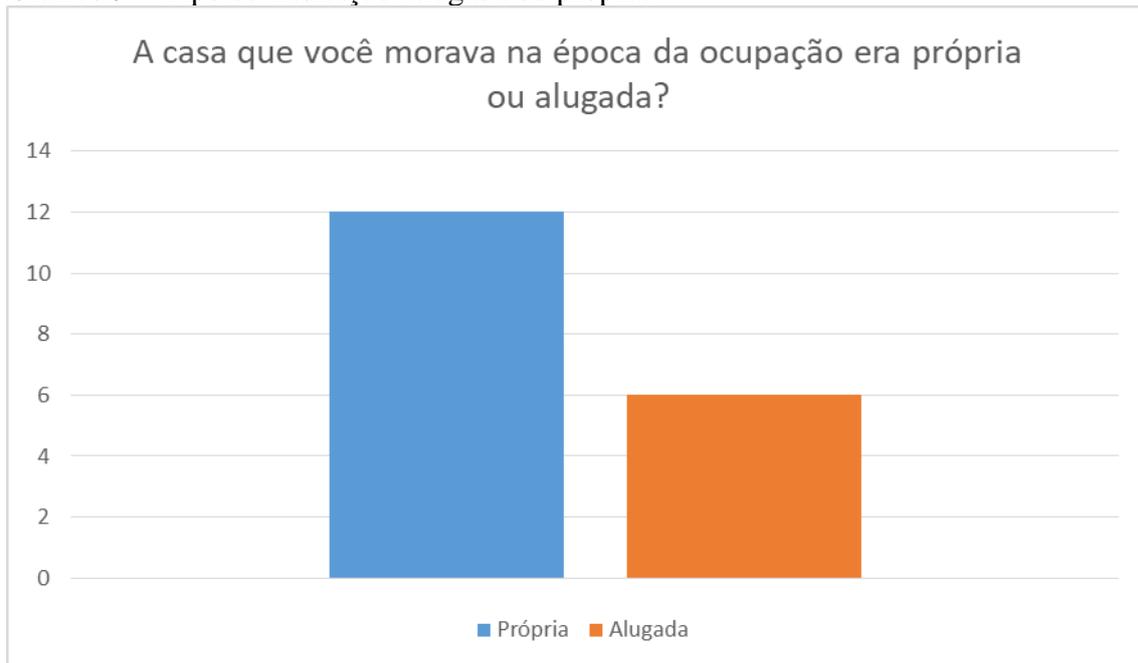
A pesquisa também buscou se aproximar de questões que envolviam o contexto familiar, pois a maioria dos partícipes da ocupação não tinham completado a maior idade e eram dependentes dos responsáveis. Diante disso, fizemos a pergunta que tornou possível a construção do Gráfico 8.

Gráfico 8 – Quantidade de moradores na casa dos ocupantes durante as ocupações



Em relação à quantidade de pessoas que moravam com o estudante, 5,55% responderam que moravam sozinhos, 11,11% que residiam com uma pessoa, 16,66% habitavam com duas pessoas, 27,77%, com três pessoas, 27,77% moravam com cinco pessoas e 11,11%, com sete pessoas. A estudante que morava sozinha era filha de pais separados e por questões pessoais preferiu morar sozinha em uma casa cedida pelo seu avô. Os que moravam com duas pessoas, eram filhos únicos que moravam com os pais ou moravam com a mãe e o irmão. Aqueles que moravam com três ou quatro pessoas também estavam na mesma situação. Os que moravam com sete pessoas viviam com as mães, irmãos, avós e tios. As casas ficavam em bairros populares da cidade e a maioria era sustentada pelas mães. A investigação continuou buscando mais reflexões acerca das condições econômicas dos participantes das ocupações.

Gráfico 9 – Tipo de habitação: alugada ou própria



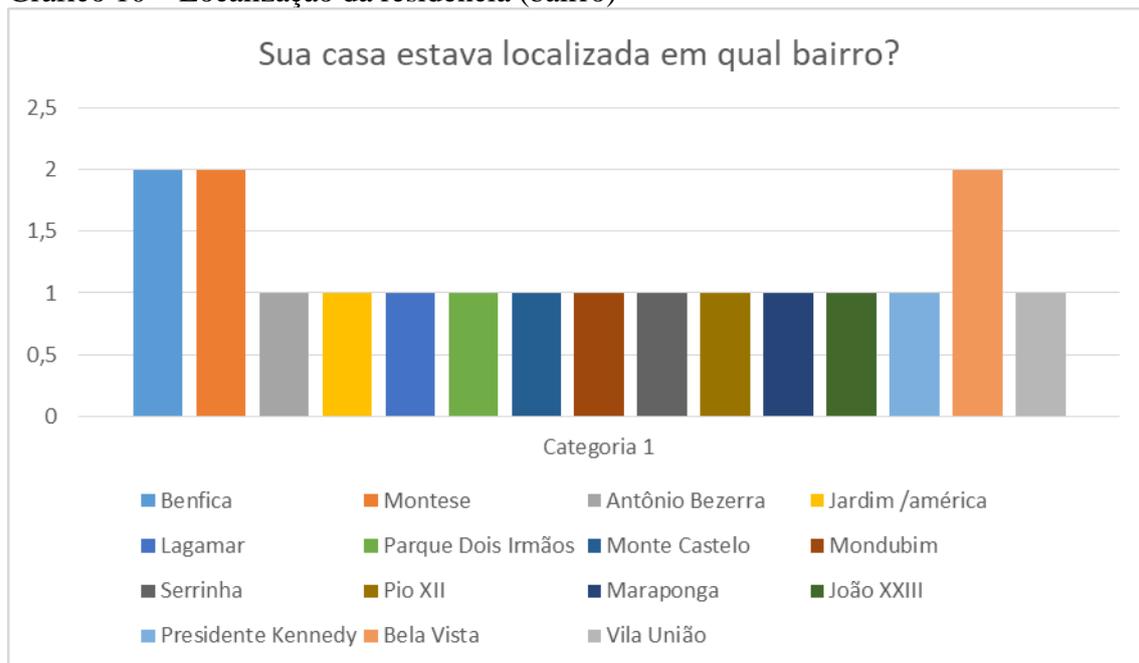
Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 9, sobre as condições de moradia dos alunos, observamos que dois terços dos estudantes moravam em residência própria, ou seja, 66,66%. Enquanto isso, 33,33% em casa alugada. Embora não saibamos as condições de tais moradias, percebe-se que o dado permite alguma relação com a condição de classe média baixa de alguns dos alunos que nos últimos anos passaram a estudar no AB. Por sua vez, a quantidade de alunos que moravam em casas alugadas, embora não possamos (novamente) caracterizar como seriam essas residências, traz reflexões sobre a situação financeira das famílias.

Os gastos com moradia têm um grande peso no orçamento doméstico, o que implica gastos menores em outras áreas, a exemplo de alimentação, educação, lazer, etc. Como dito, com o empobrecimento geral da população verificado nos últimos anos e com a recessão econômica vivida pelo país no fim do governo Dilma e início do governo Temer, muitas famílias se viram obrigadas a colocar os filhos na rede pública de ensino. Nesse sentido, uma educação pública de qualidade para os filhos poderia estar entre as preocupações primeiras dos pais.

Na pergunta seguinte (Gráfico 10), observa-se a área da cidade – bairros, especificamente – em que os alunos moravam quando da ocupação.

Gráfico 10 – Localização da residência (bairro)



Fonte: Elaborado pela autora.

A diversidade de bairros ficou bem evidente, os 18 estudantes ocupam 15 bairros diferentes da cidade de Fortaleza. Essa diversidade é peculiar ao Aداuto, que, não custa lembrar, situa-se numa área tida como “nobre” de Fortaleza, o Bairro de Fátima. O fato de não ser uma escola de bairro traz limites de acessos dos alunos da rede pública à Escola Adauto Bezerra. Não apenas por questões de gasto de tempo de descolamento ou de acesso a ônibus – a escola situa-se perto da Avenida 13 de Maio, uma via que usufrui de várias linhas de transporte público (ônibus, vans, pontos de bicicletas compartilhadas, mototáxi, etc.), até mesmo pela proximidade com UFC, UECE e IFCE.

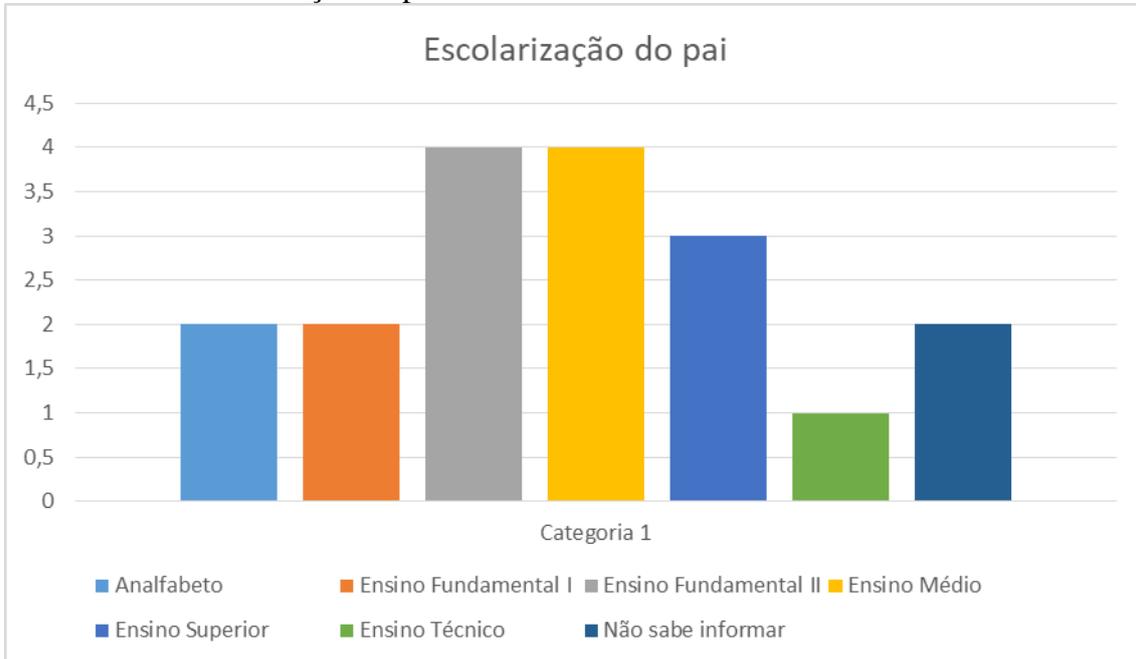
A grande questão é o custo econômico para o aluno pagar todo dia os valores das passagens, ainda que tenha direito ao desconto proporcionado pelo direito da chamada Carteira de Estudante. Assim, embora o Aداuto seja uma escola que não tem nenhum tipo de seleção para nela ingressar – ao contrário, por exemplo, das chamadas escolas militares estaduais ou das escolas profissionalizantes – o acesso à instituição acaba sendo restringido pelas próprias condições sociais da população, numa cidade marcada por alta concentração de renda.⁹

Sendo a escola um espaço de sociabilidade importante para a juventude, estudar no AB tem outros predicativos, na medida em que demanda um esforço dos alunos e custos

⁹ O índice de Gini mede o grau de desigualdade na distribuição de renda. “Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgada nesta quarta-feira (5) pelo IBGE, o índice de Gini, que mede a distribuição de renda das pessoas com 15 ou mais anos de idade, apresentou aumento da concentração no Ceará, passando de 0,518, em 2016, para 0,530 em 2017.” (METADE, 2022).

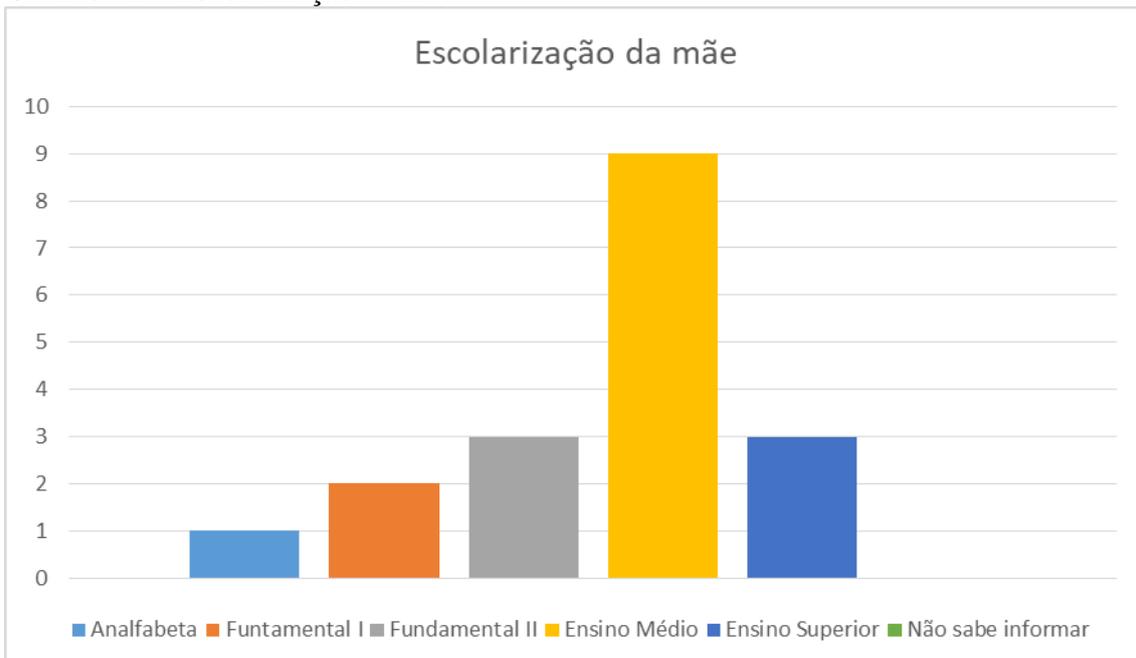
financeiros. Dessa forma, a preocupação dos alunos com a educação pública e a defesa da escola não devem ser desconsiderados quando se observa a ocupação do Adauto Bezerra.

Gráfico 11 – Escolarização do pai



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 12 – Escolarização da mãe



Fonte: Elaborado pela autora.

Os Gráficos 11 e 12 versam sobre o grau de escolaridade dos pais dos alunos partícipes da ocupação. Sobre a escolarização do pai, 11,11% são analfabetos, 11,11%

concluíram o Ensino Fundamental I, 22,22% apresentam o Ensino Fundamental II, 22,22% têm o Ensino Médio, cerca de 16,66%, o Ensino Superior, 5,55% têm Ensino Técnico e 11,11% não têm contato com o pai e, por isso, não sabem informar.

Em relação ao grau de instrução das mães, 5,55% não sabem ler nem escrever, 11,11% cursaram o Ensino Fundamental I, 16,66%, o Ensino Fundamental II, 50% apresentam o Ensino Médio e 16,66% o Ensino Superior.

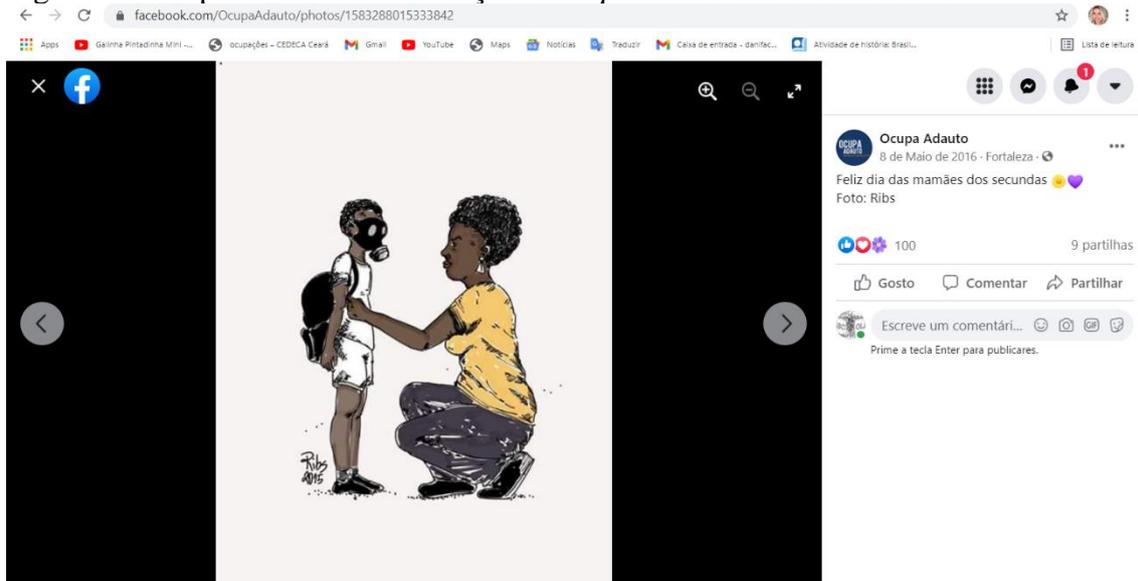
Percebe-se, a partir da análise de dados, que as mães possuem um grau de escolaridade superior ao dos pais. Além disso, todos os estudantes que responderam ao questionário têm contato com mãe. Este dado é emblemático por mostrarem a pluralidade dos tipos de famílias da sociedade. Pesquisas mostram que muitas casas são sustentadas por mulheres. Também estão presentes casos de filhos que, embora saibam qual a instrução do pai, não moram com o mesmo. Nesse sentido, como, em geral, pelo machismo da sociedade, as mulheres ganham menos, pode ser verosímil acreditar nas dificuldades econômicas dessas famílias chefiadas por mães para possibilitarem os estudos a seus filhos.

Conversando com os professores e diretores do Aduato, muitos falaram de casos de alunos aprovados em ENEM como sendo os primeiros da família a ingressarem num curso superior. Diante disso, pode-se agregar mais um componente para entender o engajamento dos alunos da escola na ocupação e a defesa e valorização da educação pública.

Assim, também se questiona o discurso que buscava associar o “vandalismo” dos ocupantes como consequência de suas famílias “desestruturadas”, afirmando que alunos “sem pai e sem mãe” ficavam dias fora de casa e estavam no movimento para fazer bagunça. Ao contrário, mesmo com dificuldades e apertos financeiros, os pais e/ou as mães estavam presentes com estes alunos em suas vidas e no processo de ocupação.

Ao longo da produção deste trabalho, nos depoimentos e conversas informais com professores, diretores e alunos, ficou notória a importância e o papel das mães na ocupação na E.E.M. Governador Aduato Bezerra.

Figura 12 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



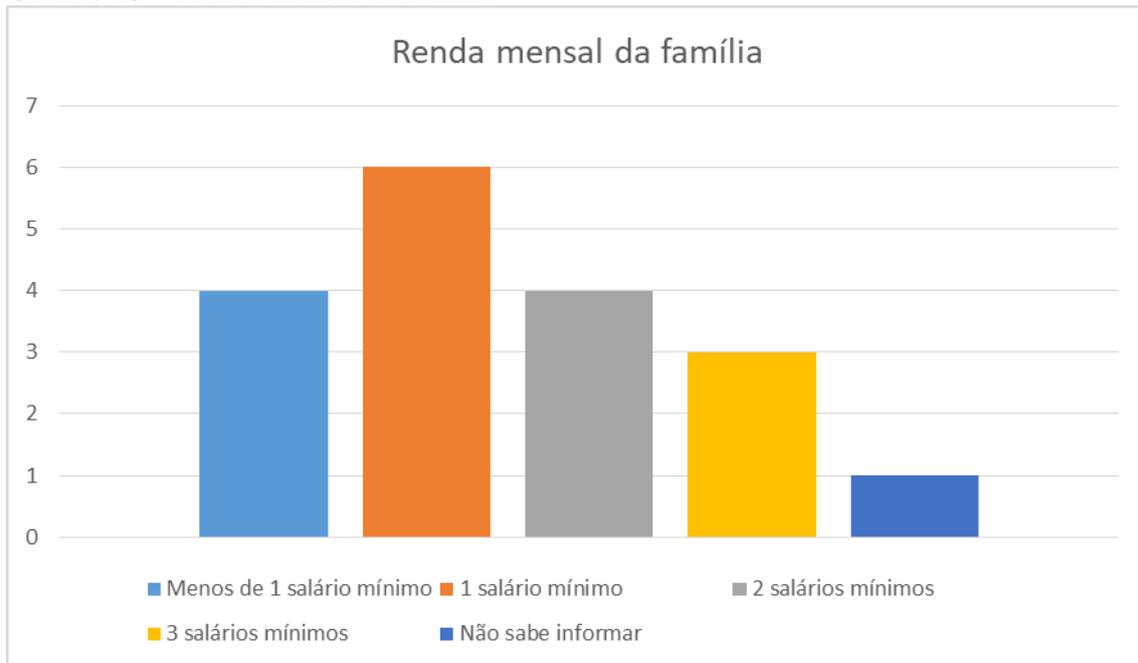
Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Ficou evidente que muitas mães apoiaram doando alimentos e produtos de higiene, gravando vídeos de apoio ao movimento, visitando a escola para conhecer mais de perto a ocupação, algumas até dormindo com os filhos na escola. Mas, sobretudo, deram suporte afetivo e psicológico aos seus filhos.

Grande parte das famílias desses jovens não contam com a presença do pai, organizando - se em termos matrifocais, e nem por isso se mostram “desestruturadas”, garantindo, com esforço, a reprodução física e moral do núcleo doméstico. Mais do que a presença ou não do pai, o que parece definir o grau de estruturação familiar é a qualidade das relações que se estabelecem no núcleo doméstico e as redes sociais com as quais podem contar. E nisso a mãe desempenha um papel fundamental. É ela a referência de carinho, de autoridade e dos valores, para a qual é dirigida a obrigação moral da retribuição. (DAYRELL, 2003, p. 50).

No Gráfico 13, observamos a faixa salarial dos pais dos alunos participantes da ocupação da Escola Adauto Bezerra.

Gráfico 13 – Renda mensal da família



Fonte: Elaborado pela autora.

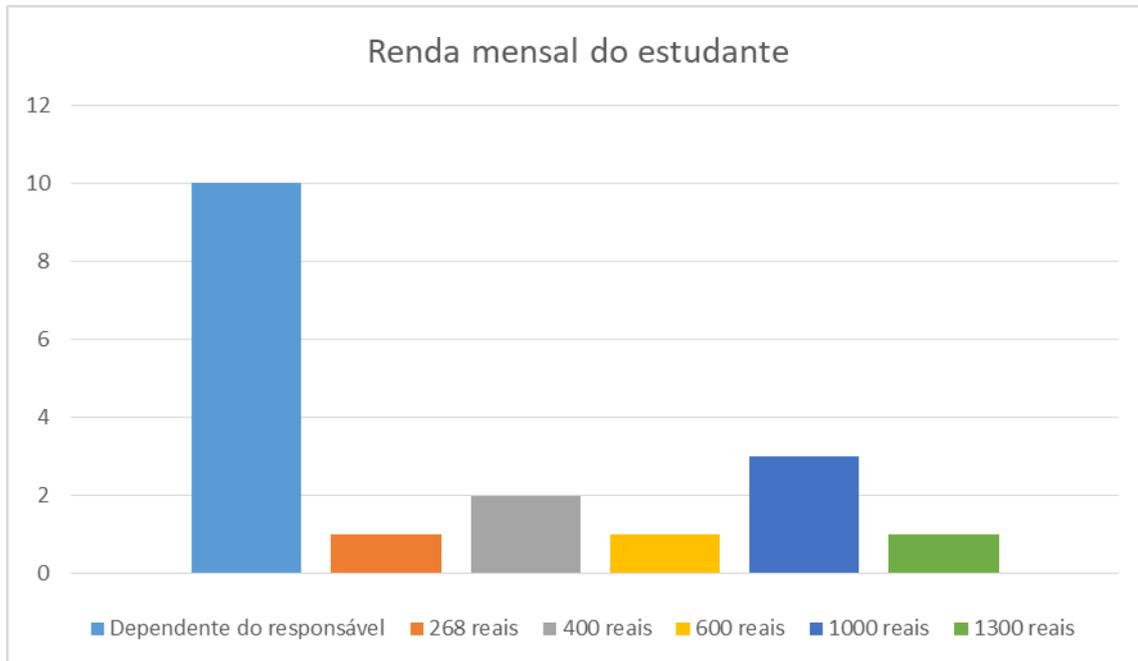
Percebemos que, à época da ocupação, 22,22% tinham uma renda familiar inferior a um salário mínimo, enquanto 33,33% viviam com um salário mínimo, 22,22% com dois salários mínimos e 16,66%, com três salários mínimos. Dos entrevistados, 5,55% não souberam ou não desejaram informar os valores. Dados do IBGE, divulgados em 2015, afirmavam que 48,5% dos cearenses, cerca de 1,9 milhão de pessoas, viviam com até um salário mínimo por mês (CONCENTRAÇÃO, 2022). Portanto, a situação dos pais dos alunos da ocupação, cerca de 55,5% do total, enquadrava-se na realidade salarial do Estado, uma das áreas de maior concentração de renda do Brasil¹⁰.

Por outro lado, ratificando o que foi dito acima, há no Aduato uma considerável presença de famílias do que se poderia ser uma classe média baixa, cujos filhos estiveram inseridos no movimento das ocupações – na referida pesquisa do IBGE, cerca de 258 mil cearenses estava na faixa dos que recebem entre dois e três salários mínimos. Talvez esses dados captem a transição ou mudança do perfil dos alunos ao longo da presente década.

¹⁰ Os dados estão no Enfoque Econômico (nº 218 – Maio de 2020) – Evolução da Desigualdade de rendimentos no Ceará entre 2012 e 2018, publicado pela Diretoria de Estudos Sociais (Disoc) do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). O trabalho, para também analisar a concentração de renda e a diferença em relação ao rendimento médio dos trabalhadores brasileiros, nordestinos e cearenses, apresenta o rendimento médio mensal real de todos os trabalhos dos 50% da população ocupada com menores rendimentos. No Brasil, o rendimento médio dos trabalhadores nessa classe de rendimentos é, em média, de R\$ 850 reais, valor este, inferior a um salário mínimo de 2019 (R\$ 998). (CEARÁ, 2020).

O Gráfico 14 trata da pergunta feita no questionário a respeito da renda pessoal dos alunos.

Gráfico 14 – Renda mensal do estudante

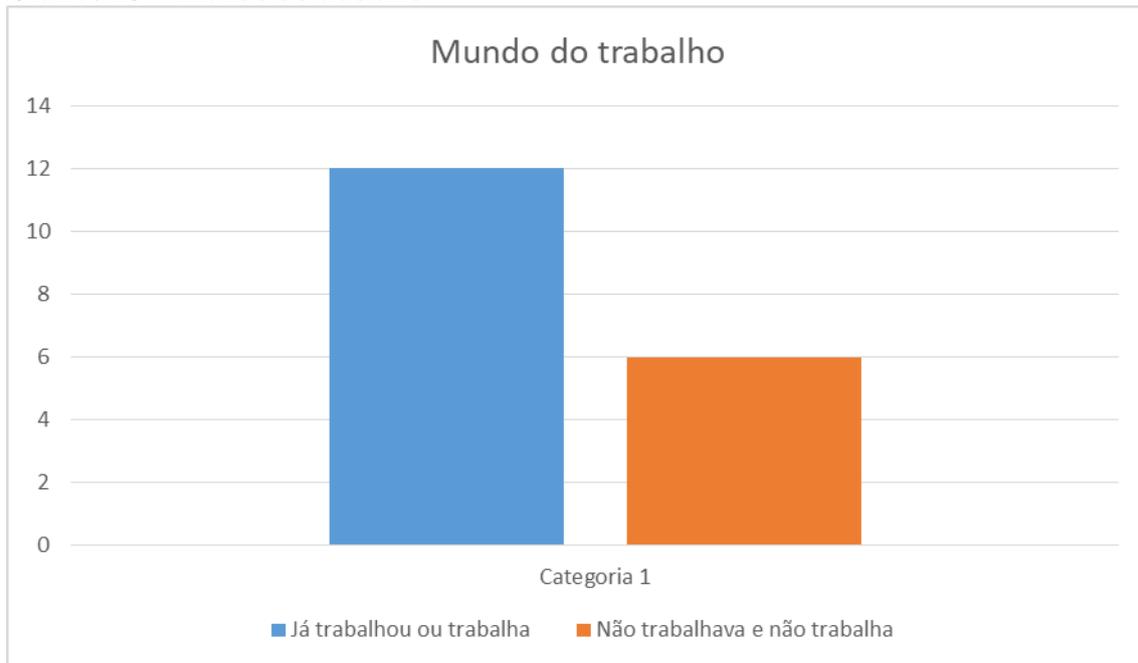


Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria absoluta, 55,5% do total, depende totalmente, em termos de finanças, dos pais. Os que apresentam alguma renda, por sua vez, apresentam valores baixos, dependendo ainda, sob alguma forma da ajuda paterna ou materna. Entre os declararam algum rendimento, 5,55% recebiam valores de R\$ 268,00, enquanto cerca de 22,22% ganhavam R\$400,00 reais por mês. Do restante dos discentes partícipes da ocupação, 5,55% tinham uma renda de 600,00, 16,66% recebiam 1000,00 reais e 5,55% conseguiam uma renda maior de 1300,00 reais.

A seguir, buscamos saber dos alunos partícipes da ocupação sobre eventuais vínculos trabalhistas, ou seja, se foram empregados de algum lugar, se desenvolveram alguma atividade remunerada contínua, fosse com carteira assinada, na informalidade ou estágio.

Gráfico 15 – Mundo do trabalho



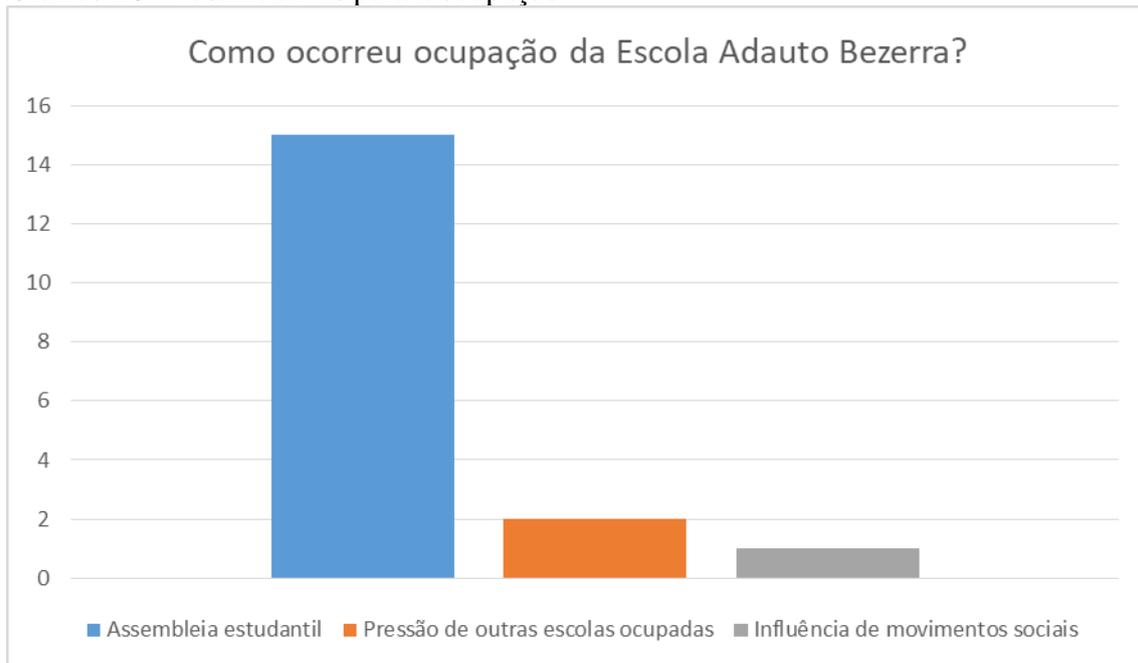
Fonte: Elaborado pela autora.

Pelas respostas, a maioria dos jovens, um percentual aproximado de 66,6%, já havia trabalhado ou trabalhava à época da ocupação. Entre as funções relatadas pelos estudantes, estavam as de aprendiz de escriturário bancário, monitoria na área de informática, auxiliar de professor, secretário administrativo, vendedora de *brownie*, atendente em loja de fogos de artifício, garçoneiro, atendente em uma empresa de carteira estudantil, lanchonete, artista, telemarketing. O fato de alguns trabalharem quando da “revolta das canetas” ajuda a entender por que os alunos não estavam o tempo todo no espaço da ocupação. Tivemos casos de partícipes que tiraram um pouco de seus poucos rendimentos para ajudar na obtenção de mantimentos para a ocupação. Os dados igualmente mostram a inserção de jovens no mercado do trabalho, em virtude das dificuldades financeiras pessoais e de suas famílias.

2.3 Os objetivos da ocupação

As perguntas feitas a seguir no questionário tratavam mais diretamente de temas que diziam respeito ao movimento das ocupações secundaristas.

Gráfico 16 – Justificativas para a ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 16, para a maioria dos estudantes, a ocupação ocorreu através de votação na assembleia estudantil, realizada no dia 04 de maio de 2016 – um total de 83,32% defende que o movimento se deu de forma democrática e legítima, com pautas que foram levantadas e organizadas pelos próprios estudantes. Ou seja, foram os próprios alunos da escola, com suas discussões e decisões, que decidiram pela ocupação. Já 11,11% dos entrevistados acreditam que fatores externos pesaram na ocupação, ou seja, que houve uma pressão de outras escolas para que também ocorresse o movimento no Adauto Bezerra – existe um senso comum de que o AB é uma escola “puxadora” de movimentos e mobilizações políticas, a exemplo das greves dos professores, pela adesão em peso da comunidade escolar. Por fim, cerca de 5,55% dos alunos responderam que pressões externas, mas dos chamados movimentos sociais, influenciaram os estudantes a ocuparem a escola.

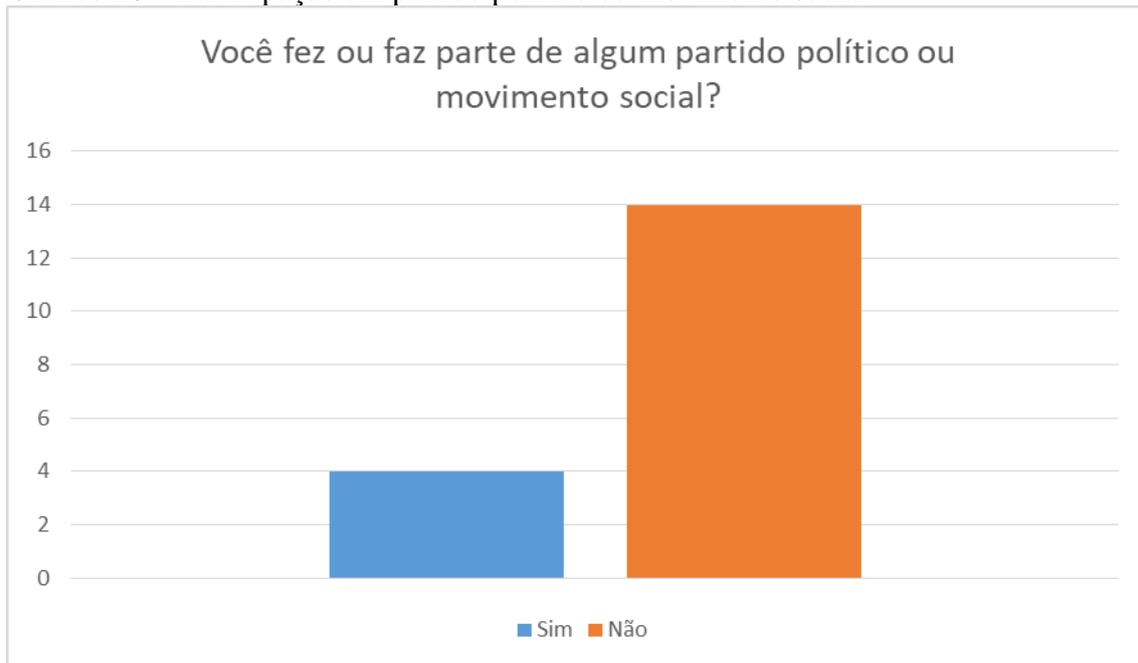
Gráfico 17 - Motivação para participar da ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 17 trata de outra questão fundamental para compreendermos a ocupação: o que motivou esses estudantes a participarem do movimento? Um percentual de 55,5% explica que sua maior motivação foi lutar pelo fim do sucateamento da educação pública. Para 27,77%, vivenciar a ocupação era uma grade oportunidade de aprendizagem política. Para 11,11%, o envolvimento resultou das experiências e resultados (que entendiam) positivos das ocupações em outros Estados. E para 5,55%, a participação se deu por convite de amigos para participar, denotando com o sentimento de pertencimento e os laços de sociabilidade são importantes para juventude e não devem ser desconsiderados para entender movimentos políticos e sociais.

Gráfico 18 – Participação em partido político ou movimento social



Fonte: Elaborado pela autora.

Perguntados sobre vínculos político-partidários ou a movimentos sociais organizados (Gráfico 18), 22,22% de nossos entrevistados responderam que eram integrantes de movimentos sociais ligados à juventude. Entretanto, a grande maioria, 77,77%, disse que nunca havia feito parte de qualquer partido político ou movimentos sociais. Esse fato mostra que, ao contrário do que afirmavam os difamadores do movimento, não havia nenhum partido “manipulando”, fazendo a juventude de “inocentes úteis” para a eclosão das ocupações. Por outro lado, esses dados fazem-nos pensar na crise de legitimidade que viviam os partidos e as instituições à época – uma crise muito perigosa para a democracia do Brasil, como ficaria explícito em 2016, quando do impeachment/golpe que retirou Dilma Rousseff da presidência e levaria, dois anos depois, a ser eleito chefe do executivo federal um político que faz apologia à ditadura.

A crença na justeza da causa ajuda a entender toda a concepção de legitimidade que os partícipes da ocupação entendiam possuir em seu movimento:

Estávamos diante de uma situação em que o governo do estado lançou uma Portaria que acabava com diversas atividades nas escolas do Estado, como aulas nos laboratórios e aulas com professores do PIBID. Quando soubemos disso, somamos ao fato da precariedade do ensino público: a estrutura dos prédios, salas quentes, a pouca verba para a merenda, os baixos salários dos professores, etc. Com a consciência que tínhamos naquele momento, decidimos que deveríamos optar por alguma ferramenta que nos possibilitasse uma conversa com o governador, para que a Portaria não avançasse e que nossas outras pautas fossem atendidas. Então, após muitas conversas com muitos estudantes de diversas escolas, aderimos a ideia da ocupação (que na

minha escola aconteceu após uma assembleia estudantil), por ser uma ferramenta radical que batia de frente com o governo. Passamos três meses na escola em oficinas políticas, culturais e artísticas, participando de manifestações e aprendendo de forma coletiva experiências de vida jamais imaginadas por pessoas de 15 a 18 anos. (Estudante da Escola Aduino Bezerra, 2018, questionário).

Antes mesmo de a ocupação se iniciar, os estudantes haviam criado uma página no *Facebook*, denominada "Ocupa Aduino". Essa precocidade não deve ser minimizada. Mostra como os alunos do AB estavam atentos ao movimento de ocupações que ocorriam em outros locais do país e de Fortaleza, pensando, por sua vez, na possibilidade de igualmente realizá-lo na instituição de ensino em que estudavam. Ou seja, a ocupação do AB foi maturada com antecedência, pensada e articulada pelos alunos, não sendo uma decisão de última hora. Muito possivelmente já era debatida pelos alunos, articulada e planejada antes da referida assembleia de 4 de maio, que marca o começo da ocupação na conhecida Escola do Bairro de Fátima.

Por outro lado, a criação da página mostra a importância que as redes sociais tinham na mobilização política da sociedade, especialmente entre os mais jovens – como nos casos de grande repercussão internacional em que a juventude se articulou por meio das redes sociais e aplicativos de comunicação, a exemplo, durante a Primavera Árabe¹¹ e o Occupy Wall Street¹².

A referida página no Facebook se torna praticamente o porta-voz dos alunos envolvidos no movimento. Sua primeira postagem data de 14 de abril de 2016. A imagem com as duas palavras que seriam entoadas em muitos momentos do movimento, "OCUPAR E RESISTIR", pode ser uma chave para entendermos a revolta estudantil. Através da data de criação da página e da postagem inicial, percebe-se que a Escola de Ensino Médio Governador Aduino Bezerra já estava discutindo sobre a efetivação da ocupação. Nos dias seguintes, a

¹¹ A centelha veio de eventos específicos em cada país: autoimolação e martírios simbólicos como forma de protesto; imagens de tortura e espancamentos, pela polícia, de manifestantes pacíficos; assassinatos de defensores dos direitos humanos e de blogueiros populares [...] Tal como aconteceu na Tunísia e no Egito, a maioria dos levantes árabes começou com organização, debate e convocação a rebelião pela internet, prosseguindo e se configurando no espaço urbano. Assim, as redes da informação forneceram um espaço de autonomia do qual os movimentos emergiram sob diferentes formas e com resultados diversificados, a depender de seu contexto social. (CASTELLS, 2017, p. 86-93).

¹² A indignação estava no ar. Primeiro, subitamente o mercado imobiliário naufragou. Centenas de milhares de pessoas perderam suas casas e milhões perderam grande parte do valor pelo qual haviam trocado suas vidas. Então o sistema financeiro chegou à beira do colapso em consequência da especulação e da ganância de seus administradores. Que foram socorridos. Com o dinheiro dos contribuintes. Eles não esqueceram de recolher seus bônus milionários, recompensa por um desempenho canhestro. As empresas financeiras cortaram os empréstimos, fechando milhares de firmas, eliminando milhões de empregos e reduzindo profundamente os salários [...] redes de militantes evoluíram para formar a Assembleia Geral de Nova York, conclamando o protesto com a mobilização popular e as organizações de base comunitária. É nesse contexto de militância exaltada em Nova York que a *Adbusters* convoca uma ocupação no dia 17 de setembro. Nenhuma das redes preexistentes viu algum problema em aderir a convocação e preparar conjuntamente a ocupação. Um teste de paternidade iria contradizer o espírito de um sentimento cooperativo, descentralizado. (CASTELLS, 2017, p. 129-133).

página não terá mais nenhuma publicação. Talvez porque, por mais que a internet seja importante, o movimento precisava ocorrer no “real”. Os alunos que desejavam a ocupação do Aداuto possivelmente passaram a travar contatos entre si e com seus colegas na intenção de concretizar a ocupação. Parece que as articulações deram resultado, pois no dia anterior ao início da ocupação, a 3 de maio de 2016, encontramos uma série de postagens, pequenas, dando a entender que o Aداuto Bezerra também seria palco das ocupações. Fotos e frases com conteúdos a exemplo de: "Isso aqui vai virar o Chile", "Lutar não é opção, é obrigação moral", "Ocupa Aداuto". Importa ressaltar que não apenas a mobilização da juventude em outras escolas do Ceará e do Brasil, mas igualmente do exterior, como no Chile, também ajudavam a inserção dos alunos do Aداuto no movimento das ocupações.

No dia 04 de maio, após uma assembleia estudantil, o Aداuto foi, enfim, ocupado. Houve uma enorme euforia dos alunos. Estes organizaram uma aula pública na quadra da escola para discutir algumas questões, a exemplo, "o que é ocupar?", "por que ocupar?", "a importância da resistência". Constata-se que existia, dentro do movimento, uma rede de apoio entre as escolas que estavam ocupadas e as que estavam se organizando para iniciar a ocupação.

O CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) Maria Alves Carioca, no bairro Bom Jardim, considerado um dos bairros mais violentos de Fortaleza, foi a primeira escola do Estado do Ceará a ser ocupada, no dia 28 de abril de 2016. Um dia depois, a escola Presidente Geisel, no bairro Santa Tereza, em Juazeiro do Norte também foi ocupada. E, a seguir, no dia 02 de maio, a Escola João Mattos, no bairro Montese. Posteriormente, dia 03 de maio, a Escola Castelo Branco, também localizada no Montese. Posteriormente, ocorre a ocupação da Escola Aداuto Bezerra no Bairro de Fátima (ver tabela com a lista das escolas ocupadas no anexo 1) (SEDUC, 2016).

Na página Ocupa Aداuto, em postagem do dia 04 de maio de 2016, é divulgada uma carta aberta dos professores do CAIC para a comunidade escolar. O texto explica as motivações da greve dos professores e das ocupações, declarando o apoio do corpo docente a ocupação dos estudantes. Também foi postado um vídeo da Escola Castelo Branco, no qual uma estudante da escola relata os problemas estruturais da escola, enfatizando que uma parte do teto da quadra havia caído e que, durante o inverno, alguns estudantes assistiam às aulas com guarda-chuvas abertos, por causa da quantidade de goteiras nas salas. Os estudantes também compartilham notícias se posicionando contra o projeto Escola Sem Partido e afirmaram a necessidade de debater questões de gênero nas escolas. O Aداuto agora era uma escola ocupada.

Ainda no dia 04 de maio de 2016 na página Ocupa Adauto, os estudantes apontaram no Facebook as suas principais reivindicações: abaixo a portaria 1.106/201¹³; mais tempo de laboratório; volta do Professor Coordenador de Área (PCA)¹⁴; manutenção do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT)¹⁵; manutenção do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)¹⁶; manutenção dos monitores; reformas estruturais nas escolas; reformas didáticas no modelo educacional; aumento do valor da merenda escolar por aluno; reajuste já; passe livre já; universidade para todos; tempo de afastamento sem limitar o quantitativo de professores a serem afastados, e em limite de tempo entre um afastamento para mestrado e doutorado; não às Organizações Sociais (OS's)¹⁷; direitos iguais para professores efetivos e temporários¹⁸; representação estudantil em mesas de negociações; por gestões mais democráticas e que apoiadores do movimento estudantil; retratação pública para com os estudantes, fruto do comportamento da Polícia Militar; não penalização/criminalização de estudantes participantes de manifestações pacifistas e movimento estudantil em geral; eleições diretas e democráticas para a determinação da gestão escolar pela comunidade dos professores e estudantes. Uma outra bandeira da ocupação foi a busca por rebatizar a Escola Castelo

¹³ A medida previa a redução de carga horária e quantidade de professores lotados nas escolas. Com a revisão, permanece estabelecida a contratação de professores em laboratórios de Ciências e Informática; no entanto, haverá a redução de 20 horas/aula. Os Professores Coordenadores de Área (PCAs) terão funções substituídas por Professor Coordenador de Estudos e Apoio ao Trabalho Docente (PCE), também com carga horária reduzida (SEDUC, 2016).

¹⁴ A função de Professor Coordenador de Área (PCA) foi criada na rede estadual do Ceará para subsidiar o trabalho de planejamento e formação contínua dos professores, tendo em vista potencializar o tempo de hora-atividade dos seus pares que acontece na própria escola (BRASIL, 2013).

¹⁵ Vigente desde 2008, o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, responsabilize-se por uma determinada turma, cabendo-lhe conhecer os estudantes individualmente, para atendê-los em suas necessidades. Além disso, são atribuições do professor diretor de turma (PDT) a mediação das relações entre a sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como o trabalho de formação cidadã e desenvolvimento de competências socioemocionais, junto aos seus estudantes. No ano de 2018, todos os Professores Diretores de Turma estão participando de um programa de formação continuada intitulado Diálogos Socioemocionais, que tem por objetivo o desenvolvimento de competências socioemocionais de forma intencional, com vistas a uma formação integral do educando. Em 2018, um total de 627 escolas desenvolvem a metodologia do PPDT, sendo 111 EEMTI, 119 EEEP e 397 Escolas em Tempo Parcial (CEARÁ, 2018).

¹⁶ O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (CEARÁ, 2018).

¹⁷ Organizações Sociais foram implantadas nas escolas públicas de Goiás, incluindo a gestão financeira das escolas e avaliação dos índices de aprendizagem dos estudantes, o governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, foi recebido pela secretária de Educação de Goiás para conhecer de perto essa experiência. (GOVERNO DE GOIAS, 2016).

¹⁸ Os professores temporários vivem diante da incerteza, sem carteira assinada e sem estabilidade. O salário dos temporários é sempre o de início de carreira e mesmo que tenham o título de mestre ou doutor sua remuneração permanece a mesma. Além disso, no Estado do Ceará, os temporários não possuem direito a férias remuneradas. “Os dados publicados em 2018 pelo MEC (Ministério da Educação) mostram que 11 Estados têm mais da metade de seus docentes em contrato temporário.” Segundo esses dados, em 2018, 59,6% dos professores do Estado do Ceará são temporários. (CAPUCHINHO, 2019).

Branco¹⁹ e a Escola Adauto Bezerra²⁰. Os nomes das duas escolas são referências aos governos militares do período ditatorial (1964/1985). Em 5 de maio de 2016 foi divulgada uma postagem que dizia "nenhuma homenagem aos governos militares nas escolas ocupadas. #RebatizaAdauto #RebatizaCastelo". A moçada mostrava que estava disposta a mudar muita coisa.

¹⁹ Humberto de Alencar Castello Branco foi o primeiro presidente da ditadura militar (1964-1985). A entronização do homem requereu perícia e certa flexibilidade. Havia outros candidatos se lançando ou sendo lançados, como os generais Eurico Gaspar Dutra e Amaury Krueel. Afinal, depois de complicadas negociações, Castello Branco foi eleito em 11 de abril de 1964 por um congresso já depurado por dezenas de cassações que atingiram os parlamentares que mais haviam se destacado pelas reformas. Teve 361 votos contra apenas três (foram 72 abstenções), um índice de como a ditadura foi apoiada pela grande maioria das elites políticas... Castello Branco pareceu, naquele momento, sintetizar essa heterogeneidade, dificilmente compatível. Por isso foi eleito pelo Congresso. Mas não eram muitos os que sabiam naquele momento quais eram seus planos para o país. (REIS FILHO, 2014, p. 53-54).

²⁰ José Adauto Bezerra de Menezes foi Governador do Ceará (1975 – 1978). Em 1974, a posição de Adauto Bezerra era excelente na conjuntura política cearense. Chefiava um considerável grupo eleitoral que abrangia não só o Cariri, mas outros pontos do estado. O irmão gêmeo, Humberto Bezerra, era vice-governador. Para completar, a indicação de Adauto ao executivo local foi ainda articulada pelo amigo Humberto Esmeraldo, figura de família tradicional do Cariri e muito influente junto ao então presidente Geisel, que o considerava quase um filho. (FARIAS, 2018, p. 497).

3 O COTIDIANO NA OCUPAÇÃO DA ESCOLA ADAUTO BEZERRA

Estudo errado

*Eu tô aqui pra quê?
Será que é pra aprender?
Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?*
Gabriel, o pensador

Percebemos que se as diretrizes dos programas educacionais oficiais servem de parâmetros para as instituições de ensino, por outro lado, são as experiências cotidianas que fazem a escola ser tão interessante para os jovens. Essas vivências são citadas pelos estudantes como sendo as mais esperadas e valiosas, pois alguns têm apenas a escola como o destacado lugar de aprendizagem e socialização, uma verdadeira porta para o mundo.

3.1 Porta para o mundo

O intervalo no Adauto Bezerra é um dos momentos mais aguardados. Quando a sirene toca, os jovens saem rapidamente das salas e vão ao encontro dos amigos, parecem ser os minutos mais esperados e alegres do dia. São 30 minutos de abraços, conversas, partilha do lanche, abraços e risadas. Na fila da merenda é uma alegria quando é dia de baião com paçoca ou o famoso cuscuz com ovo cearense, mas se for bolacha com suco, a reclamação é certa, pois os estudantes gostam mesmo é de merenda com “sustância”. Um dos estudantes relatou, durante a entrevista, que às vezes sai de casa sem comer nada, principalmente no final de mês, quando os recursos ficam mais escassos. Ele disse que fica torcendo para que a merenda do dia seja nutritiva e consiga sustentá-lo até voltar pra casa. Muitos estudantes do AB só têm o dinheiro da passagem contado e conseguem com muito sacrifício.

Meus pais são autônomos, tem dias que eles vendem bem e temos recursos para manter a casa, mas tem dias que as vendas não são boas e passamos por algumas dificuldades. Não é toda semana que o dinheiro da passagem, as vezes vou de bicicleta ou alguém me empresta o valor da passagem. (Estudante da Escola Adauto Bezerra, 2019, entrevista).

Para a maioria dos estudantes, a escola é um espaço de aprendizagem e também de socialização. Dentro do ambiente escolar, a maioria dos jovens conquista suas amizades das mais variadas formas, a exemplo de aproximações por estilos musicais, literários, esportivos, etc. Um gosto por roupas, uma tatuagem, uma conversa no recreio ou na fila da cantina aproximam a juventude. A participação em um movimento como o das escolas ocupadas,

também. Enfim, a escola é lugar de criação e difusão do conhecimento, e principalmente de interação entre os sujeitos que a compõe.

O pesquisador João Barroso (2012), ao aprofundar seus estudos sobre a cultura escolar, ressalta que a grande problemática da escola é ensinar a muitos como se fossem um só. Diante disso, percebemos que é fundamental compreender a cultura escolar e a pluralidade dos sujeitos que a compõe, levando em consideração que os estudantes têm formas diferentes de ser, agir, interagir e aprender. Barroso (2012) também define de forma interessante as três perspectivas utilizadas para análise dessa categoria de pesquisa, enfatizando em suas reflexões que a escola é transmissora e também produtora da cultura.

Cultura Escolar	Definição
Perspectiva Funcionalista	É a Cultura (no seu sentido mais geral) que é veiculada através da escola. A instituição educativa é vista como um simples transmissor de uma Cultura que é definida e produzida exteriormente e que se traduz nos princípios, finalidades e normas que o poder político (social, econômico, religioso) determina como constituindo o substrato do processo educativo e da aculturação das crianças e dos jovens.
Perspectiva Estruturalista	É a cultura produzida pela forma escolar de educação, principalmente através da modelização das suas formas e estruturas, seja o plano de estudos, as disciplinas, o modo de organização pedagógica, os meios auxiliares de ensino, etc.
Perspectiva Interacionista	É a cultura organizacional da escola. Neste caso, não falamos da Escola enquanto instituição global, mas sim de cada escola em particular. O que está em causa nesta abordagem é a “cultura” produzida pelos atores organizacionais nas relações uns com os outros, nas relações com o espaço e nas relações com os saberes.

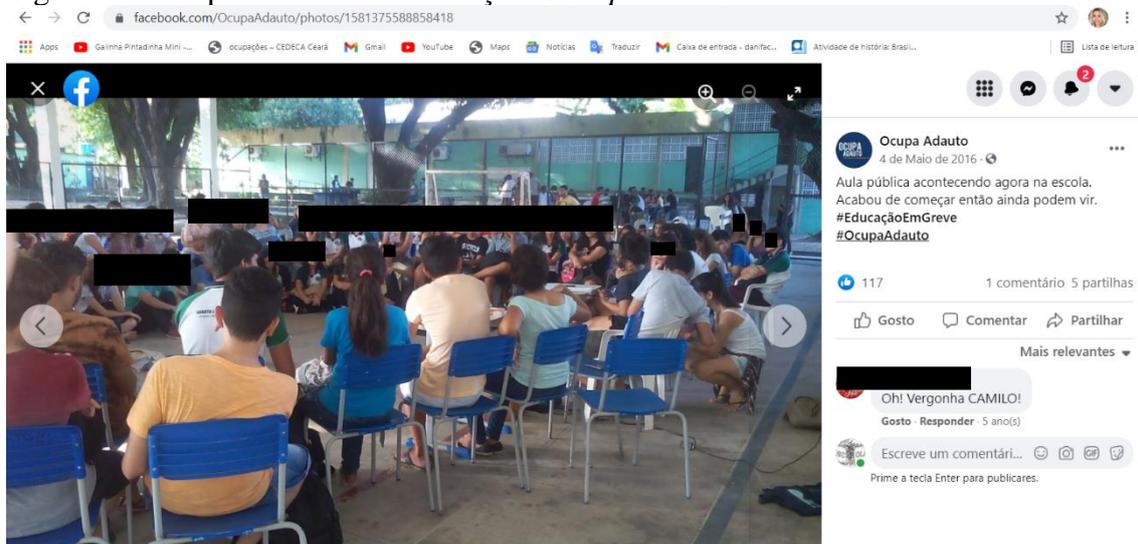
Fonte: BARROSO (2012).

Desse modo, a perspectiva estruturalista e interacionista vão contribuir para nossa investigação sobre a relação dos ocupantes com as questões pedagógicas, os outros, o espaço e os saberes. Os ocupas com suas tradições familiares, costumes, crenças e valores, transportam para a escola muito mais do que livros, cadernos e mochilas. Eles levam o que aprendem em casa com os pais, na convivência com os amigos, na vizinhança, na casa dos parentes. Entretanto, é importante salientar que a escola não é uma mera reprodução da cultura externa, pois dentro dela ocorre a produção da cultura escolar através da interação entre as pessoas e o conhecimento que compartilham.

É o próprio sistema educativo, esse imenso corpo de dezenas, e depois de centenas de milhares de profissionais, que toma a seu cargo a concretização dos grandes objetivos de que foi incumbido. Para isso, ele põe de pé, métodos, exercícios, progressões, teorias, que, após confrontação com outros concorrentes, acabam por sobreviver, através de um processo de seleção natural, num oceano de tentativas individuais. Ora é precisamente neste processo que os decisores políticos e a administração educativa apostam. (CHERVEL, 1988, p. 194).

Diante disso, o fato de jovens deixarem o conforto de casa e passarem dias e noites na escola, como no caso das ocupações, traz significados importantes que devem ser avaliados. Alguns estudantes contavam com o apoio dos familiares, outros eram duramente criticados. E, assim, a ocupação foi sendo construída cotidianamente, sem fórmulas prontas ou pré-estabelecidas. Eles tiveram que refletir, agir, dialogar, vivenciar e, com seus erros e acertos, deram visibilidade ao movimento. As aulas públicas contavam com a participação dos estudantes e, na tentativa de aproximar as famílias da escola, o convite também era estendido para o restante da comunidade escolar. A publicação abaixo em uma rede social é sobre a aula pública do dia 04 de maio de 2016. Pouco tempo depois das discussões levantadas durante esse evento, a Escola Adaauto Bezerra foi ocupada. A postagem mostra que, mesmo antes de a ocupação iniciar-se, os estudantes estavam preocupados em obter apoio de outros integrantes da comunidade escolar e buscavam sensibilizá-los com debates acerca de problemas da instituição.

Figura 13 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

De acordo com alguns familiares, a ocupação significava “perda de tempo”; para outros, era uma forma de “lutar pelos direitos básicos” – uma educação de qualidade, que conforme, o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e a Constituição, deve ser garantida pelo

Estado e pela família. Questões sobre a infraestrutura do Aداuto Bezerra, a merenda escolar e apoio à greve dos docentes, então em andamento, foram pautas desse encontro estudantil.

A próxima publicação foi em comemoração a um mês de ocupação e demonstra o entusiasmo estudantil em se manter firme na luta por seus direitos. Como eles ainda estavam em processo de organização, inicialmente não movimentaram a página @ocupaadauto. Os cartazes que estão nas mãos dos ocupantes solicitam apoio e doações da comunidade escolar.

Figura 14 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



Fonte: Ocupa Aداuto (2016).

Cotidianamente, os alunos da ocupação estavam dialogando sobre os problemas enfrentados pela escola, pela comunidade e pela sociedade. Colocavam em prática os ensinamentos que aprenderam em sala de aula e suas percepções de mundo e da realidade escolar. Era comum na rede social publicações solicitando doação de gêneros alimentícios e produtos de limpeza para continuidade das ocupações. Os ocupas também convidavam os seguidores da página @ocupaadauto para conhecerem as ocupações e tirarem suas próprias conclusões. A legenda da publicação é um trecho da carta escrita pelos professores do CAIC Maria Alves Carioca. Os ocupas tentavam se distanciar da educação bancária²¹ e buscavam no dia a dia da ocupação praticar uma metodologia mais horizontal e dialógica, aproximando-se das ideias de Paulo Freire (2013).

²¹ A educação bancária é definida por Paulo Freire como uma educação tradicional que não se preocupa com a importância da reflexão. O seu maior objetivo é repassar informações prontas e por isso não contribui para o pensamento crítico dos estudantes.

De acordo com a teoria Freireana, muitas vezes a escola é um espaço que reproduz atitudes autoritárias, acrílicas e verticais, perpetuando um clima de controle constante e vigilância das ações estudantis. Uma educação que na maioria das escolas não é problematizadora, não tem conexão com a realidade dos estudantes, pelo contrário, é descontextualizada e opressora.

Diante disso, Freire (2013) defende que a educação precisa ter vinculação com a vida, buscando uma participação ativa, consciente e que valorize as vivências e a diversidade entre as pessoas. E, para ele, isso só será possível através da dialogicidade, que deve ser baseada no círculo (ação – reflexão – ação – reflexão), bem diferente da educação bancária que ainda é bastante recorrente no sistema educacional brasileiro.

A classe dominante, minoria, é classificada por Freire como sendo opressora, enquanto a maioria, a classe explorada, é chamada de oprimida. Na Teoria da Ação Dialógica, Paulo Freire (2013) traz uma proposta baseada na libertação através da dialogicidade, abordando a importância da politicidade do ato educativo. Para ele, a educação tem um grande potencial para embasar reflexões críticas e é um espaço de luta do povo.

Desse modo, Paulo Freire pensa a educação como sendo um caminho importante para a prática da libertação da classe oprimida. Defende que os oprimidos devem lutar pelo direito de dialogar criticamente, e não apenas ouvir a opinião dos outros e aceitar como sendo a única verdade.

A concepção bancária da educação é criticada por ter como método a memorização mecânica dos conteúdos narrados pelos docentes. De acordo com o pensamento de Paulo Freire, essa metodologia envolve um processo que ocorre fora da busca, fora da práxis e por isso não há criatividade, não há transformação e nem saber compartilhado. Diferencia-se da educação problematizadora, que através da dialogicidade busca estratégias para inventar e se reinventar. Infelizmente muitos negam que o diálogo é a essência da educação.

Assim, vivemos em uma sociedade em que uma minoria é privilegiada e a maioria é explorada. Uma ordem social injusta que é sentida todos os dias pelos estudantes que moram na periferia. Diante disso, Freire defende o método da problematização dos homens em suas relações com o mundo, para que a partir da reflexão seja mobilizada uma ação que realmente seja capaz de transformar a realidade social.

De acordo com a Teoria da Ação Antidualógica de Freire, os opressores dividem os oprimidos para dominar e, assim, manipulam e invadem culturalmente o cotidiano, alienando e destituindo os oprimidos dos seus direitos básicos. Em contrapartida, Freire propõe a Teoria da Ação Dialógica, que tem como base a união, colaboração, organização e síntese cultural.

A partir de sua experiência, Freire percebeu que precisava tornar o conhecimento mais acessível para as pessoas. Ao longo desta pesquisa, constatamos que, de fato, ao conversar com os estudantes do AB é perceptível a importância de dialogar sobre assuntos do dia a dia, tornando o conhecimento mais próximo da realidade. Muitas vezes memorizar fórmulas que em breve serão esquecidas se torna um exercício cansativo e monótono para muitos jovens, que sempre reclamam das disciplinas “decorativas”. Diante disso, Freire defende que ensinar é um ato criador, crítico e não deve ser mecânico.

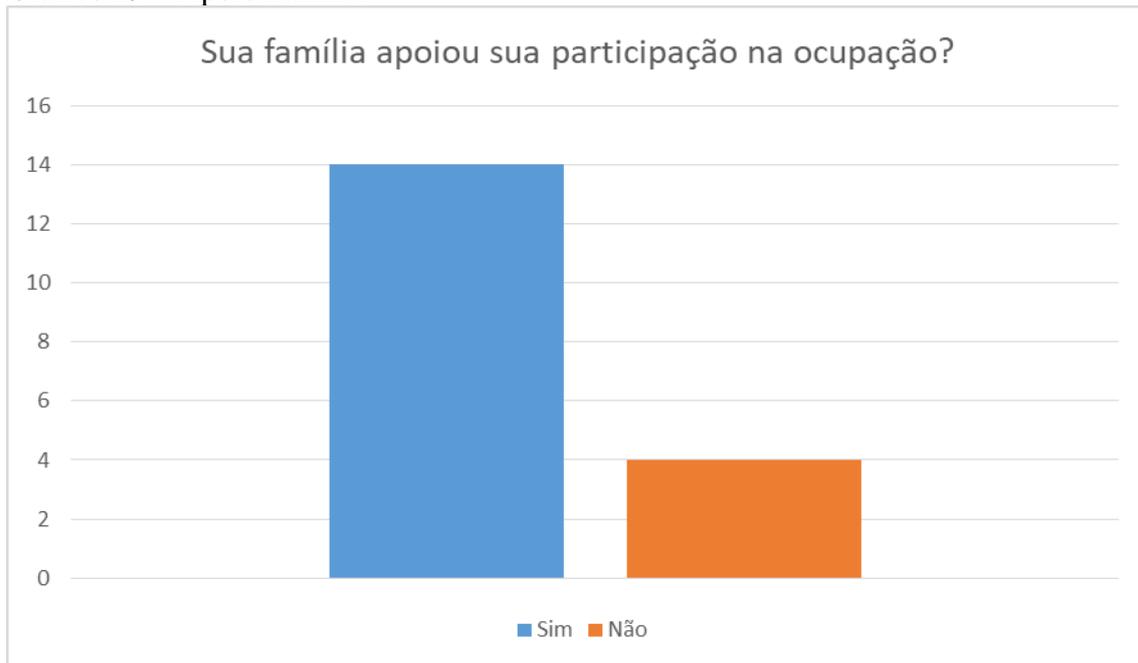
3.2 Lutas do dia a dia

No cotidiano das ocupações, os estudantes eram os protagonistas. Passaram a maior parte do tempo na escola, realizando atividades que iam desde o cuidado com os espaços até a difusão da arte e da cultura juvenil. As crenças e experiências eram compartilhadas entre eles, algumas com percepções repletas de frustrações com a opressão do sistema educacional, outras com a consciência da opressão política, da desigualdade social, das relações étnico raciais, das questões de gênero, da diversidade sexual, isso muitas vezes a partir de trajetórias próprias. Havia ainda espaços para brincadeiras e descontração. Dialogando sobre suas vivências, os ocupas foram criando laços afetivos, se apoiando, construindo uma irmandade que podia ser sentida em cada relato.

Para Freire, todas as pessoas têm algo a ensinar através de suas experiências de vida e, por isso, todos os saberes são válidos, tanto os científicos como os populares. Reconhecer a importância do outro e de seu conhecimento na perspectiva freireana é fundamental. Segundo ele, trabalhar a sensibilidade é primordial para perceber a beleza que emana da voz da experiência. Através dos relatos de pessoas simples podemos aprender tanto sobre a vida quanto o cotidiano.

Para as vivências dos ocupas na escola, não se pode negar a importância de suas famílias. O Gráfico 19 explicita o posicionamento da família dos ocupas em relação à participação no movimento da Escola Adauto Bezerra:

Gráfico 19 – Apoio familiar



Fonte: Elaborado pela autora.

Pelos dados levantados na pesquisa, 77,77% das famílias apoiaram a participação na ocupação, enquanto 22,22% se posicionaram contra. Nesse sentido, a luta estudantil contou com considerável solidariedade e, sobretudo, apoio político e logístico de familiares, especialmente das mães. Genitoras visitavam constantemente a ocupação, faziam doações e até mesmo participavam de atos e dormiam na escola no apoio aos seus.

Houve um pouco de resistência sobre eu dormir na escola, mas passou a partir do momento que minha mãe viu que eu estava melhor com meus amigos, estudando, ocupando e me politizando. (Estudante da Escola Aduino Bezerra, 2019, entrevista).

As mães são peças fundamentais para o fortalecimento desses jovens na luta por seus ideais. Se a família foi importante para os ocupas, por outro lado, não deixaram de receber críticas, especialmente de parentes mais distantes e/ou de mais idade.

Minha mãe me apoiou e visitou a ocupação algumas vezes pra deixar alguns materiais de limpeza ou alimentos ou até mesmo alguns primeiros socorros. Meu irmão me apoiou da maneira dele, sempre dizendo "é isso aí mesmo, tem que lutar pras coisas darem certo" e o meu avô, devido a idade e a sua saúde, não entendia bem o que estava acontecendo. (Estudante da Escola Aduino Bezerra, 2018, questionário).

Os parentes mais idosos apresentavam maior resistência em aceitar e até em compreender os objetivos da ocupação. Pode haver várias explicações para tanto. Como a maioria dos ocupas pertenciam a famílias de menor renda, cujos avós não haviam tido acesso

aos estudos, estes acabavam achando que ocupar a escola era perda de tempo ou até mesmo baderna. Não se pode esquecer as razões de natureza ideológica, ante a onda direitista que marcava o país.

No caso dos familiares mais jovens, a exemplo, irmãos, amigos e primos dos ocupas, tinham uma outra forma de olhar para a ação de ocupar a escola. Demonstravam uma maior compreensão em relação aos objetivos do movimento. Se as ocupações eram uma luta em defesa de mudanças políticas, não deixaram também de ser experiências que mudaram os ocupas. A ocupação demandava uma série de necessidades para sua manutenção interna. Era preciso limpar o espaço ocupado pelos alunos, onde dormiam, faziam reuniões, atividades artísticas, etc. Os próprios ocupas que iriam preparar as refeições e a cozinha necessitava estar organizada. Havia a segurança das escolas e dos ocupas. Era preciso armazenar os alimentos obtidos, organizar uma pequena farmácia para eventualidades. Enfim, para além das expressões políticas do movimento, existiam práticas cotidianas a ser consideradas, as quais impactaram nas percepções de mundo daqueles jovens.

A seguir, o gráfico que demonstra a divisão de algumas das tarefas dentro do movimento.

Gráfico 20 – Tipo de ajuda na ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo os estudantes, todos participavam das oficinas e atos e integravam uma comissão. Assim, 55,5% dos ocupas ficaram na comissão da limpeza, encarregada, entre outras

coisas, de limpar os banheiros, recolher o lixo e buscar manter a escola limpa e organizada. Já 16,66% ajudavam na cozinha, preparando o almoço e a janta dos ocupantes, enquanto 11,11% integravam a comissão de segurança e faziam a ronda na escola, controlando as entradas e as saídas. Um percentual de 5,55% dos alunos integrava a comissão de comunicação, responsável por divulgar as atividades que estavam ocorrendo na escola durante a ocupação. E havia ainda 5,55% dos ocupas que, apesar de não estarem ligados oficialmente a nenhuma comissão, acabavam servindo para auxiliar todas as atividades desenvolvidas, como se fossem espécies de “coringas” das tarefas da ocupação.

Não obstante toda a organização, a ocupação não teve uma liderança única. Os estudantes apresentavam a preocupação de evitar uma personificação, ou seja, que houvesse alguém que determinasse e guiasse as ações do movimento e que fosse visto pelo conjunto da comunidade escolar como a “cara” da ocupação. Dessa forma:

[...] uma característica de junho de 2013 se repete: a falta de mediadores e a ausência de lideranças, ainda que haja uma organização e divisão interna de tarefas, apenas alguns estudantes têm a atribuição de se comunicar com a imprensa, dar entrevistas, etc. O elemento em comum se chama movimento autonomista. (GOHN, 2019, p. 49).

A busca por essa autonomia ficou visível nos relatos estudantis. Durante essa pesquisa, tentamos encontrar alguma liderança, mas diante das indagações, os estudantes responderam que o movimento foi construído pelo coletivo e não teve um dirigente único. A organização das ocupações através das comissões teria favorecido a formação de um movimento mais horizontal. Além disso, os estudantes fizeram questão de ressaltar que a ocupação foi autônoma e não se vinculou a nenhum partido político.

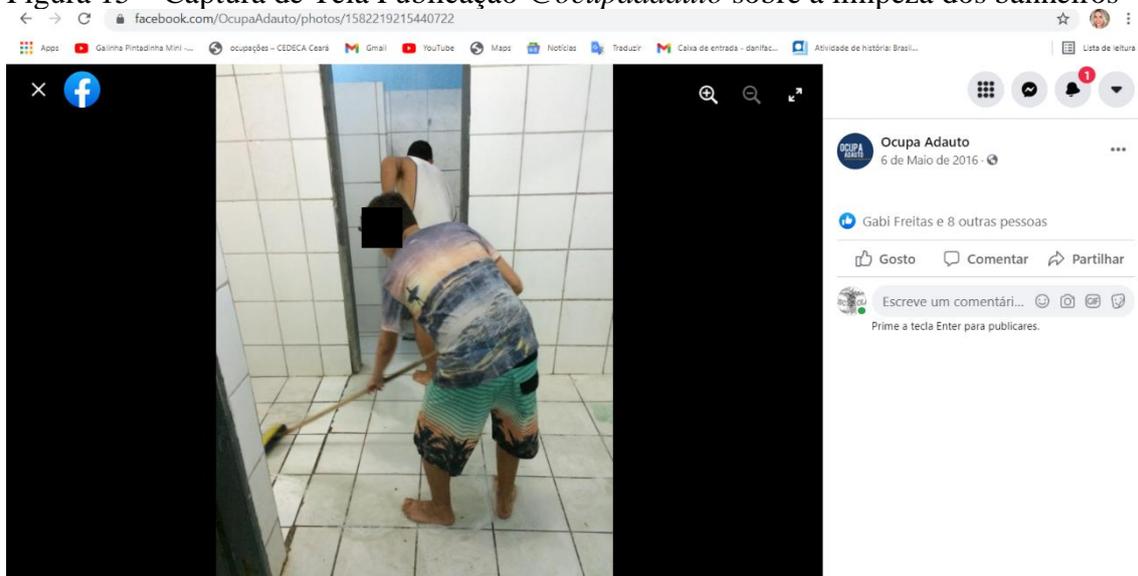
Isso, por outro lado, tem problemas. Primeiro, uma difusão de lideranças no movimento dificulta negociações e a tomada de decisões, especialmente quando de crises. Isso parece que ficou evidente no final da ocupação, quando passaram a ter divergências entre os ocupantes sobre a continuidade ou não da ocupação, e nas negociações com a direção e a comunidade escolar.

Além disso, essa ideia de não se ligar a nenhum partido reflete muito a ideia de demonizar e depreciar a política e as instituições, como se fazer parte de um partido político delimitasse a luta, visto que se construiu um imaginário de que os partidos são todos corruptos e distantes dos anseios populares. Esse discurso, pelo que se percebe, não estava apenas entre as direitas, mas também entre parte da militância de esquerda.

A ocupação mudou as percepções e práticas daqueles jovens. Pode-se dizer que já não eram mais os mesmos quando encerraram o movimento, isso no que toca a questões políticas e mesmo nos aspectos pessoais. Isso pode ser percebido de várias formas. Conforme relatos, alguns jovens que não ajudavam no serviço doméstico de casa, em especial, os meninos, passaram a ajudar nas comissões e exerceram atividades, “serviços domésticos”, que geralmente são delegados para as meninas. Nas entrevistas, os garotos relataram que foi uma experiência que trouxe reflexões sobre como a nossa sociedade ainda carrega raízes machistas, nas quais a mulher deve ser preparada para saber lavar, cozinhar, passar e os homens para demonstrar sua força e estar “para além da cozinha”. Varrer as salas, lavar os banheiros, cozinhar, ajudar com a louça suja, parecem coisas bem simples, mas no ambiente familiar, na maioria das vezes, são tarefas domésticas realizadas apenas pelas meninas, “trabalho de mulher”. Muitos pais não deixam os filhos exercerem qualquer atividade doméstica, pois alegam que o garoto pode ficar “afeminado”. Na ocupação, as atividades eram divididas de acordo com a escolha dos estudantes. E alguns meninos, que nunca ajudaram na limpeza da casa porque os familiares não permitiam, decidiram ter essa experiência dentro da Escola.

Minha mãe nunca deixou que eu varresse a casa ou lavasse a louça, ela sempre dizia que eu não precisava me preocupar com esses afazeres domésticos porque ela e as minhas irmãs que eram responsáveis por arrumar a casa e deixar tudo limpo. Quando passei a participar da ocupação eu fui percebendo através da convivência com outras experiências e o diálogo com as meninas da ocupação, que se eu morava na casa, sujava roupas, comia, usava banheiro, era importante ajudar na limpeza também. (Estudante da Escola Aداuto Bezerra, 2019, entrevista).

Figura 15 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a limpeza dos banheiros

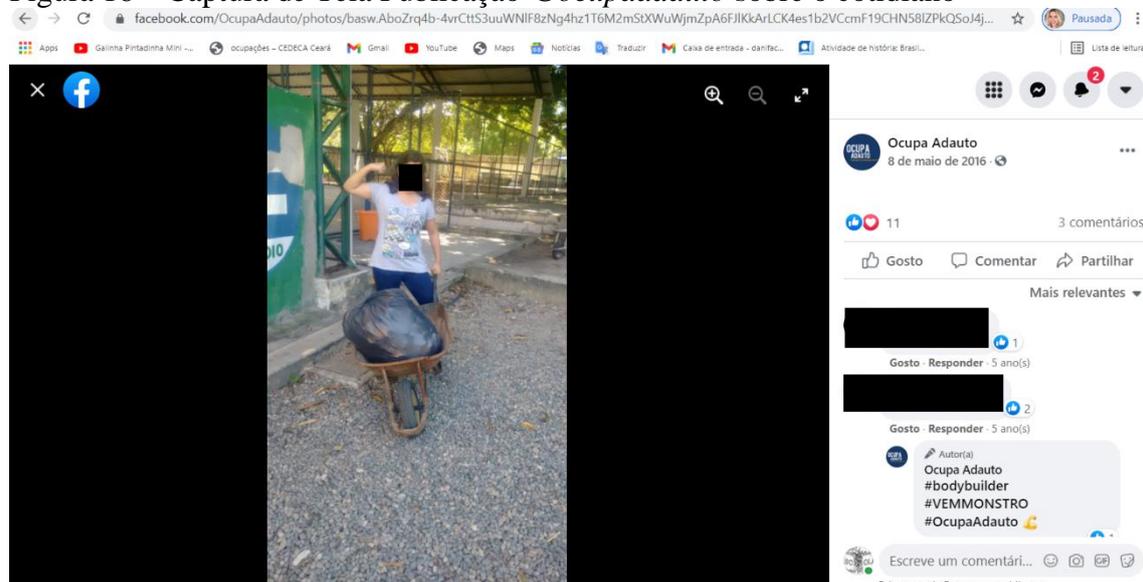


Fonte: Ocupa Aداuto (2016).

Por outro lado, teve-se o inverso dos tradicionais “papeis sociais” de homens e mulheres na sociedade. Várias meninas exerceram lideranças durante o movimento, orientando as ações e decisões, e até ocupando funções que geralmente são atribuídas aos meninos, a exemplo, de compor a comissão de segurança, responsável por fazer a proteção do ambiente e verificar a documentação de quem entrava e quem saía da escola. Outras ficaram responsáveis por descartar o lixo. Essa experiência dentro do cotidiano das ocupações contribuiu para o diálogo entre a equidade de gênero, uma das bandeiras de luta das ocupações secundaristas.

Na minha casa eu precisava contribuir com as atividades de casa, lavava a louça, passava o pano na casa, dobrava as roupas, sempre ajudava minha mãe. Mas o meu irmão nunca ajudou a fazer nenhuma dessas tarefas. Somente se fosse para fazer alguma coisa que precisasse de esforço físico ele era chamado, mas cotidianamente não fazia nada. É muito injusta a maneira como a maioria das mães colocam toda a responsabilidade de casa para as filhas e deixam os filhos crescerem sem ajudarem da mesma forma. (Estudante da Escola Aداuto Bezerra, 2019, entrevista).

Figura 16 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Observamos que o movimento estudantil secundarista acabou abrangendo uma diversidade de pautas, discutindo, questionando e pensando desde a estrutura escolar até os diversos preconceitos que atingia a juventude. Na verdade, foram abordados problemas como a exclusão social e o preconceito contra quem reside numa cidade injusta e violenta como Fortaleza – comumente, certos bairros e seus moradores eram estereotipados como “perigosos”, a exemplo do Bom Jardim. Nas conversas do cotidiano e em sala de aula, num tom jocoso, mas de desdém, as pessoas e alunos, ao ouvirem o nome do bairro, soltam a popular expressão “vixi”, em referência às altas taxas de violência daquela parte da cidade. Preconceitos ainda

quanto à orientação sexual dos jovens – chegou-se mesmo a usar o fato dos jovens desenvolverem atividades no cotidiano da ocupação como uma forma de atacá-los, pois estariam os “meninos fazendo trabalho de meninas” ou as “meninas fazendo trabalho de meninas”.

Aqui, mais uma vez, a percepção de outras experiências de ocupação, fossem nacionais ou internacionais, foi útil para os ocupas. Logo no início do processo de ocupação da Escola Aduino Bezerra, os estudantes, em suas reuniões, leram algumas matérias que foram produzidas nas ocupações de outros estados e até mesmo na popularmente conhecida “Revolta dos Pinguins”, ocorrida no Chile. Perceberam a necessidade de se organizarem internamente, dividindo funções e atividades, para que o movimento tivesse condições de perdurar e, assim, tentar alcançar seu objetivo. Decidir-se pela ocupação, de imediato, provoca uma euforia dos participantes. Não obstante, a rotina do movimento exige atenção, pois pode provocar desânimo e até questionamentos da viabilidade da causa. Por tal razão, percebemos toda a preocupação dos estudantes em tentar preencher o tempo com atividades, até mesmo para manter “a moral” dos ocupas e evitar evasões. Criar comissões e atribuir atividades cumpriam com essa expectativa.

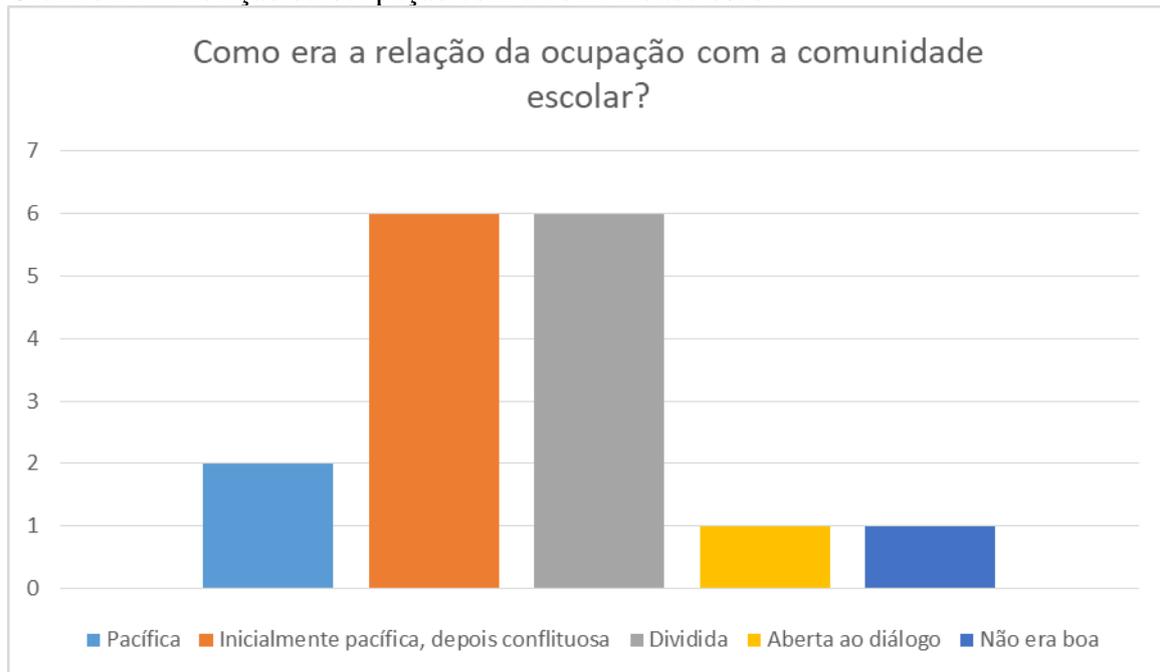
Figura 17 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a cozinha



Fonte: Ocupa Aduino (2016).

Uma das questões mais divergentes nas falas dos entrevistados foi em relação à ocupação e à comunidade escolar. Alguns avaliaram como tendo sido “pacífica e produtiva”; outros, “conflituosa e problemática”. Pelo gráfico 21, é possível observar que a comunidade ficou dividida. Para alguns, a ocupação representava a “luta por dias melhores, a esperança, a força juvenil”. Para outros, era sinônimo de “vandalismo, baderna e imaturidade”.

Gráfico 21 – Relação da ocupação com a comunidade escolar



Fonte: Elaborado pela autora.

Desse modo dos pesquisados, 11,11% sentiam que a relação era pacífica, enquanto 33,33% acreditam que inicialmente a relação fora pacífica, mas que, com o fim da greve dos professores, muitas dos integrantes da comunidade escolar queriam o retorno das aulas, e por isso a relação foi se tornando conflituosa. Já 33,33% afirmaram que sempre foi dividida, pois uma parte da comunidade escolar demonstrava apoio à ocupação e outra metade fora contra. Para 5,55%, apesar de algumas divergências, a comunidade escolar sempre esteve aberta ao diálogo, e 5,55% disseram o contrário, que a relação não era boa.

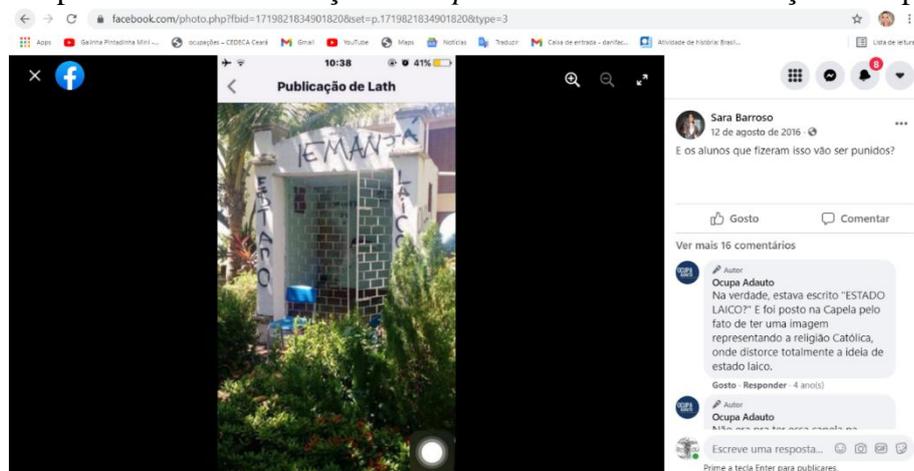
Essa divergência de opiniões não pode deixar de ser pensada quanto à temporalidade. De início, pelo que percebemos, o apoio ao movimento foi considerável, inclusive, por parte de professores. À medida, porém, que as semanas passavam, houve o desgaste natural do movimento, até pela percepção da escassez de resultados imediatos da ocupação pelos demais alunos do colégio. Soma-se a isso a conjuntura surgida com o fim da greve dos professores – pais e alunos queriam o retorno imediato das atividades, afinal, o foco do Adauto é a aprovação em vestibulares e Enem, sendo necessário repor as aulas. Os próprios professores (ou uma parte deles, pelo menos), temiam que com o prolongamento da ocupação, o calendário escolar ficasse ainda mais confuso, o que implicava ministrar aulas em dezembro e janeiro, época tradicionalmente de descanso. Por fim, intensificou-se ao longo das semanas a pressão da direção da escola e, especialmente, da SEDUC pelo fim da ocupação, inclusive com o recurso a vias jurídicas para forçar o fim da ocupação.

Por outro lado, não se podem minimizar as reconstruções de memórias feitas pelos ocupas. A memória é uma presentificação do passado feita no presente. É do hoje, com base nas percepções e angústias do momento, que se reconstruem os elementos do passado. Como se percebe, foi bem dinâmica a experiência da ocupação, com “bons e maus” momentos. Assim, numa pergunta sobre o balanço geral da relação entre os ocupas e a comunidade escolar, não surpreende a discrepância de opiniões dos jovens ouvidos.

Um dos aspectos que tensionou o ambiente escolar foi o das intervenções artísticas. Algumas destas, por trazerem questionamentos a questões mais gerais da sociedade, foram duramente criticadas, a exemplo, das inscrições realizadas na capela localizada na escola, situada no pátio. Em defesa de um Estado laico, os estudantes picharam a palavra “Iemanjá” na parte superior da parede da capela dedicada à “Nossa Senhora”. Os ocupas justificaram dizendo que não foi desrespeito, mas uma tentativa de levar as pessoas a refletirem sobre a construção de uma capela dentro da escola representando a Igreja Católica e desconsiderando as demais religiões.

Nossa intenção não foi desrespeitar a santa, e muito menos a religião católica, nós só queríamos que as pessoas refletissem sobre a capela dentro da escola. Levando em consideração que o Estado é laico, e portanto, não deve privilegiar nenhuma religião. Essa intervenção na capela gerou muitas críticas, professores e estudantes que antes nos apoiavam, se voltaram contra nós. Pra você ver como essa questão religiosa é forte no nosso país. (Estudante da Escola Adauto Bezerra, 2018, questionário).

Figura 18 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a intervenção na capela da escola



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

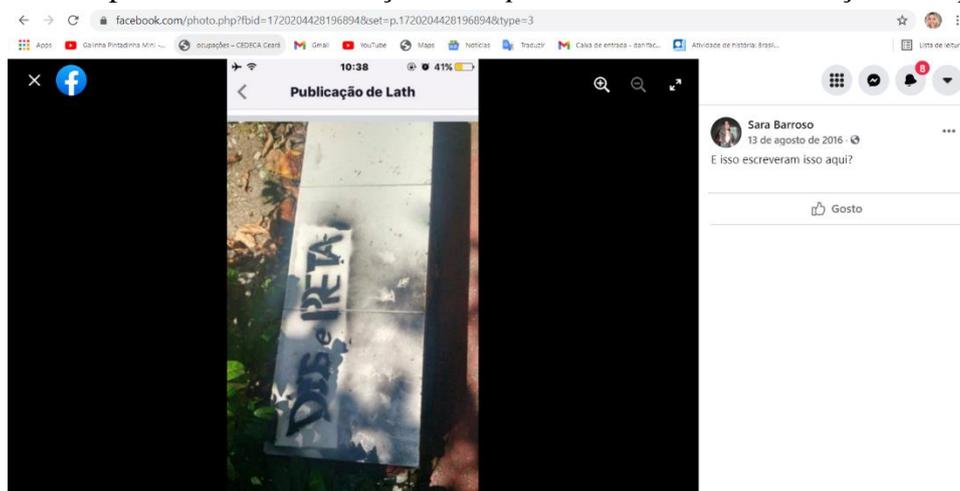
A frase “Deus é preta”, pintada nas proximidades da capela, igualmente gerou críticas por parte dos estudantes e dos professores, que acharam a intervenção dos ocupas um ato de intolerância e falta de respeito com as religiões. Não custa lembrar o crescimento de igrejas neopentecostais em Fortaleza e a onda conservadora que varre o país nos últimos anos,

que tem como um dos pilares a defesa e imposição de uma concepção fundamentalista do cristianismo (seja católico ou evangélico). Ao realizarem tais pichações, os ocupas estavam chamando a atenção para a confusa questão da relação entre religiosidade e Estado no Brasil, em que ainda há uma visão preconceituosa para as religiões de origem afro. Mais do que uma mera inscrição, era o questionamento do motivo de haver um espaço de crenças para os cristãos em uma instituição pública, sem que se permita espaço semelhante para outro credo.

Nesse sentido, os ocupas estavam questionando um dos aspectos mais contraditórios da educação e, porque não, da sociedade brasileira. Por outro lado, a questão acabou abrindo mais um flanco de embate para os ocupantes, principalmente quando o movimento, pelas dificuldades naturais desse tipo de mobilização, necessitava de mais apoio e estabilidade. Ou seja, as pichações serviram de argumento para os ataques daqueles que desde o início condenavam a ocupação e ainda levou os ocupas a perderem o apoio de parte dos que lhes eram simpáticos. O efeito disso é que, não obstante as justificativas dos ocupantes, algumas pessoas se sentiram ofendidas pela ação e deixaram de frequentar e demonstrar apoio à ocupação. Foi tão questionável a postura que, em seguida, as paredes da capela foram pintadas pelos ocupantes. E o espaço continua conservado até hoje como espaço de fé para cristãos católicos.

A pressão foi tão grande que tivemos que pintar a capela para amenizar a situação. Alguns alunos, professores, funcionários, acharam um absurdo as frases de reflexão colocadas na capela. E mesmo a gente explicando a importância da nossa ação, nos acusaram de sermos vândalos, desrespeitosos e até mesmo que estavam arrependidos de terem apoiado a ocupação inicialmente. (Estudante da Escola Adauto Bezerra, 2019, entrevista).

Figura 19 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a intervenção na capela da escola



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

.De acordo com os relatos estudantis, a ocupação do AB durou 3 meses e 10 dias (04 de maio a 14 de agosto). Alguns dos estudantes, presentes inicialmente, acabaram deixando a ocupação posteriormente, pelos mais variados motivos, a exemplo de divergências com os colegas, desgaste psicológico, problemas de saúde, pressão de familiares e até porque foram chamados para estágios remunerados.

Eu praticamente passei a viver na ocupação no início, só ía em casa uma vez por semana, mas apareceu uma oportunidade de trabalho, na minha casa as coisas não estavam bem, e para começar a ajudar financeiramente em casa precisei me ausentar da ocupação. (Estudante da Escola Aداuto Bezerra, 2019, entrevista).

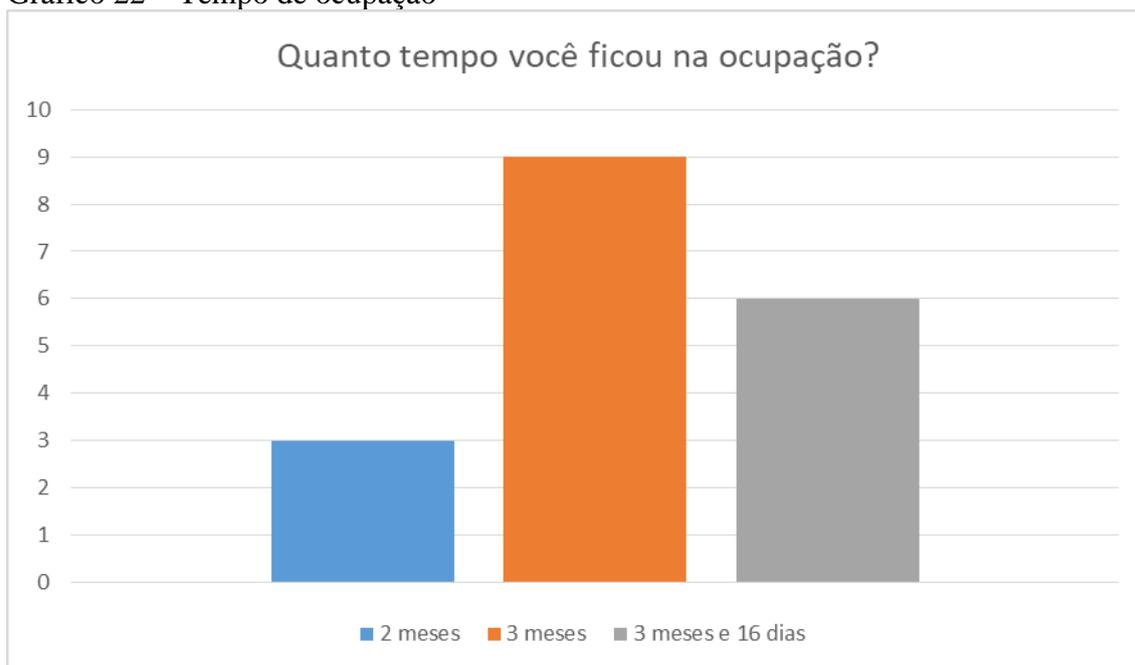
Por outro lado, a maioria dos alunos do núcleo inicial da ocupação permaneceu até o fim.

Eu me sinto orgulhosa por ter ficado na ocupação do primeiro ao último dia. Foram dias difíceis, mas eu sentia que estava valendo a pena cada minuto do meu tempo. Eu não estava lá à toa. Estava lutando por algo justo, que era direito nosso ter uma educação de qualidade, uma merenda boa, aulas interessantes, e hoje eu sinto que toda essa experiência contribuiu muito para a minha vida e principalmente para a minha escolha profissional. (Estudante da Escola Aداuto Bezerra, 2019, entrevista).

Nos últimos dias do movimento, o esvaziamento da ocupação intensificou-se, tendo em vista que a pressão aumentou enormemente com o fim da greve dos professores, com a postura da SEDUC e com as manifestações de alunos contrários à ocupação e que desejavam o retorno das aulas. Um grupo destes ameaçou invadir o colégio e expulsar os ocupas e houve ameaças de envolvimento da polícia, gerando uma situação muito tensa e constrangedora. Não foi por acaso que os ocupas se sentiram frustrados por serem tratados daquela forma, logo eles que tinham no movimento a defesa de um outro modelo de educação, mais democrático e aberto.

E houve aqueles integrantes da ocupação que, mesmo diante do medo e da enorme pressão da comunidade escolar e da mídia, decidiram ficar até o último dia.

Gráfico 22 – Tempo de ocupação

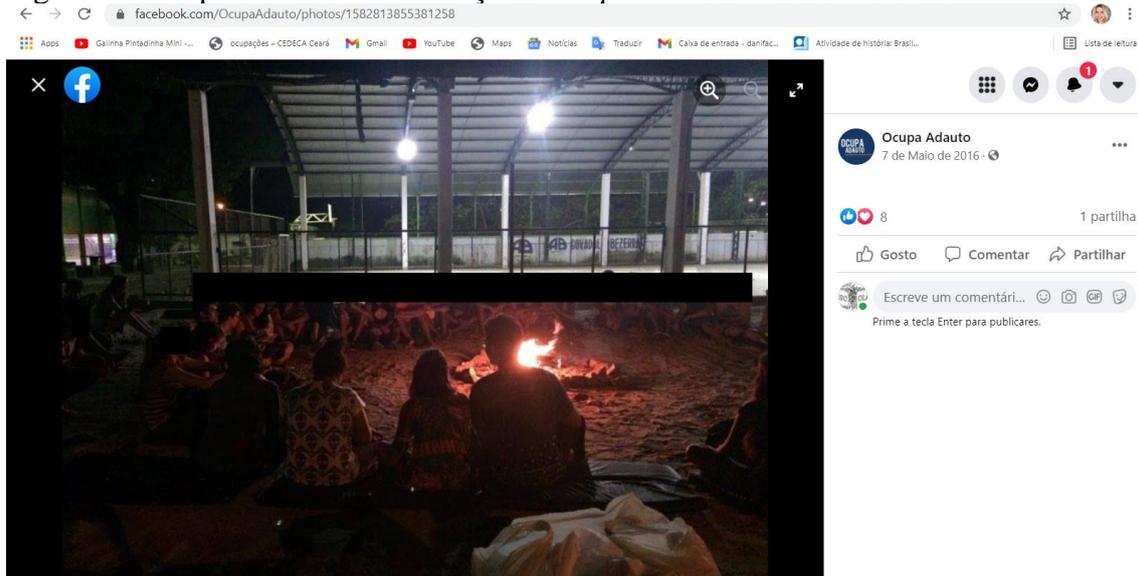


Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 22 sistematiza e mostra o tempo de permanência dos alunos durante a ocupação da Escola Adauto Bezerra. Dos pesquisados, 16,66% participaram da ocupação durante 2 meses, 50% passaram 3 meses e 33,33% ficaram do primeiro até o último dia da ocupação. A experiência da ocupação em si e as vivências do cotidiano mudaram aqueles jovens.

No final eu já estava desgastada, era muita pressão de todos os lados, mas eu sabia o que me fazia permanecer ali, por mais que fosse difícil naquele momento, eu precisava ser forte ajudar meus amigos. Éramos poucos no final, sofremos com o medo das invasões e da repressão policial. As críticas, perseguições e retaliações só aumentavam ao passar dos dias. Mesmo assim, resistimos e ficamos ocupando a escola. (Estudante da Escola Adauto Bezerra, 2019, entrevista).

Figura 20 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre o cotidiano



Fonte: Ocupa Adatao (2016).

Desse modo, o espaço escolar que tantas vezes é pensado como um lugar de disciplina, controle e regras, foi sendo sentido pelos estudantes como um ambiente mais aconchegante, de construção coletiva, cuidado e afetos. Como diz Charlot

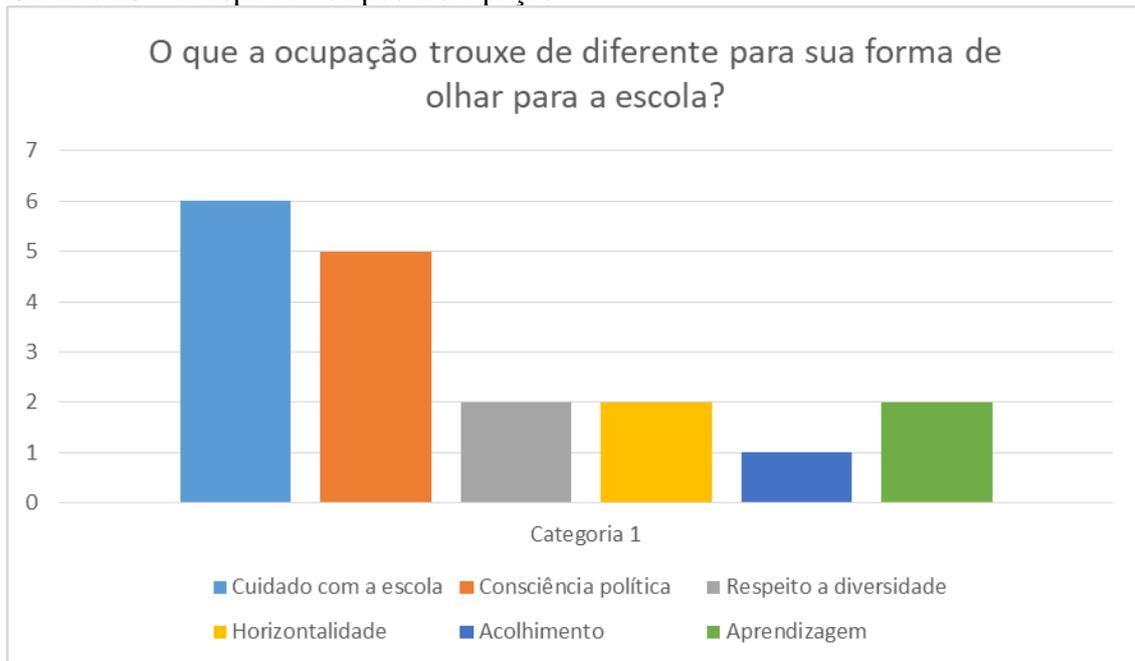
Essa é a educação: um combate contra a natureza, para tirar a alma da criança fora da corrupção. O desejo, o corpo: esses são os inimigos do pedagogo tradicional. Sendo assim, a educação deve ser, antes de tudo, inculcação de normas e aprendizagem de regras. Base de toda educação escolar: aprender a ficar sentado sem se mexer, durante bastante tempo, ou seja, aprender a domar o corpo, a sua espontaneidade, os seus desejos. A seguir, ensinam-se disciplinas, isto é, conjuntos de saberes sistematizados cujo primeiro objetivo é disciplinar a criança. (CHARLOT, 2013, p. 191).

Assim, as vivências diárias trouxeram novas formas de olhar para a escola. Os estudantes se sentiram responsáveis por cuidar e zelar de cada cantinho do ambiente escolar e é sobre isso que vamos discorrer no próximo tópico.

3.3 O novo olhar para a escola

Os 3 meses e 10 dias de ocupação da E.E.M. Governador Adatao Bezerra foram de muito movimento e dedicação por parte dos estudantes e seus apoiadores, nessa relação diária de passar o dia na escola, fazer as refeições, tomar banho, estudar, dormir, dançar, cantar, chorar, dentre tantas outras sensações e vivências, os estudantes têm muito a nos dizer, principalmente sobre a sua forma de olhar para a escola. Observe-se o gráfico a seguir:

Gráfico 23 – Perspectivas após a ocupação



Pensando sobre a relação com a escola, perguntamos o que os ocupas sentiram de diferente ao olharem para a escola durante os meses do movimento. Um percentual de 33,33% respondeu que passou a ter um cuidado bem maior com a instituição, entendendo-a e percebendo-a sob várias perspectivas. Já 27,77% dos entrevistados disseram que a ocupação trouxe uma consciência política mais ampla e embasada, sobretudo, no que toca estarem lidando com questões políticas concretas no cotidiano, aprendendo com isso, e não se limitando só a teorias e discursos. Para 11,11%, a ocupação permitiu-lhes começar a olhar com mais respeito para a diversidade de gênero, religião, opinião, aprendendo a respeitar o diferente, enquanto 11,11% ressaltaram o quanto foi importante resolver tudo democraticamente, através da horizontalidade, sem ter apenas que ouvir e obedecer, mas discutindo sobre os temas das oficinas, os atos, a divisão das comissões, entre outras questões pertinentes. Um percentual de 5,55% passou a ver a escola um lugar de acolhimento, que não percebiam antes, e 11,11% dos ocupas pesquisados acreditavam que aprenderam muito com os dias em que ocuparam a escola, afirmando que na experiência vivenciada absorveram mais conhecimento do que em algumas aulas tradicionais. Expressa-se, assim, o que diz Dayrell:

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. (DAYRELL, 2007, p. 1106).

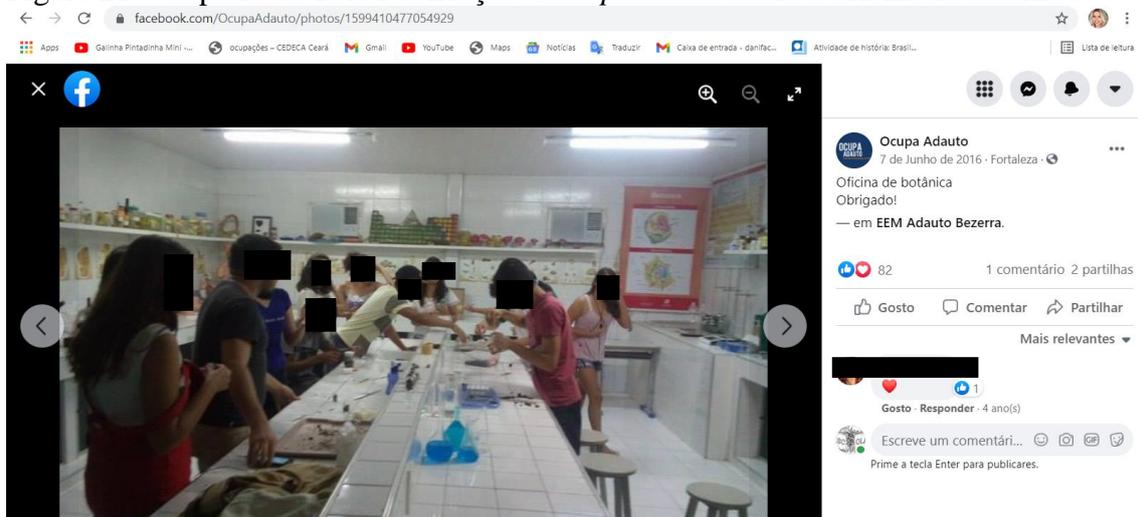
A escola muitas vezes é pensada e sentida como um lugar de disciplina e obrigação. Não raro escutamos relatos de estudantes que dizem que não gostam da escola, reclamam porque ficam a maior parte do tempo sentados, ouvindo os docentes abordarem conteúdos que segundo eles não serão necessários para a sua vida. A disciplina de Matemática é uma das mais criticadas. Suas fórmulas e contas que, ao invés de serem compreendidas em sua essência de acordo com falas estudantis, são simplesmente lançadas para serem decoradas.

No mesmo patamar estão também as inúmeras regras gramaticais, as importantes datas dos grandes acontecimentos históricos, a memorização dos principais elementos da tabela periódica, os nomes científicos da biologia, as fórmulas da física e as demais disciplinas que compõem a grade curricular e tantas vezes são ensinadas de forma tradicional sem uma conexão com a realidade estudantil.

As aulas geralmente demoram a passar, muitos professores copiam algumas coisas no quadro, explicam e pronto. A gente faz as tarefas, entrega, estuda para as provas e passa de ano. Normalmente é assim, um professor ou outro de vez em quando faz algo diferente, algo mais dinâmico. Mas na ocupação foi diferente, a gente se reunia pra debater, tomar decisões importantes, todos queriam participar, não tínhamos pressa para irmos embora, era bom e prazeroso ficar conversando sobre assuntos interessantes, sobre tudo que estávamos vivenciando, nos empenhamos para fazer a ocupação dar certo para alcançarmos os nossos objetivos. (Estudante da Escola Adatao Bezerra, 2019, entrevista)

Os estudantes ressaltaram que se sentiram muito mais instigados e acolhidos nas oficinas onde podiam debater sobre temas que estavam relacionados com as suas vivências do que nas aulas tradicionais.

Figura 21 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a oficina de botânica



Fonte: Ocupa Adatao (2016).

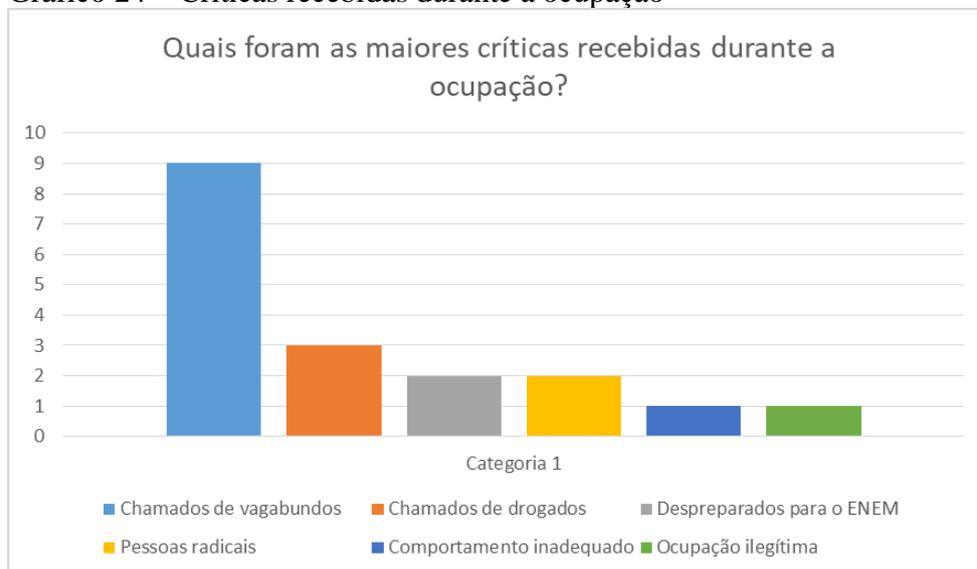
Figura 22 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto divulgando o debate sobre o protagonismo feminino na ditadura



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

A ocupação da escola Adauto Bezerra recebeu inúmeras críticas. Analisando o questionário do gráfico 24, metade dos ocupas (50%) apontou que a maior crítica recebida era a de ser tachado de vagabundos. Para 16,66% e 11,11%, os principais ataques foram chamar os jovens de drogados e despreparados para fazer a prova do ENEM, respectivamente. Para 11,11%, a pior crítica foi classificá-los como radicais, enquanto para 5,55% foi a de serem acusados de comportamento inadequado. Por fim, para 5,55% dos alunos ouvidos, a crítica principal foi a de que a ocupação não era legítima.

Gráfico 24 – Críticas recebidas durante a ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

No geral, e superficialmente, os antagonistas do movimento acusavam os ocupas de vandalismo, radicais e de estarem sendo conduzidos por grupos políticos alheios aos interesses da comunidade escolar, além de estarem prejudicando o direito daqueles alunos que desejavam voltar a estudar e se preparar para o Enem. Os ataques cresceram ainda mais com o fim da greve dos docentes. Os críticos à ocupação passaram a exigir o retorno imediato das aulas, gerando uma situação conflituosa e tensa.

A Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) e o corpo diretivo da escola incrementaram a pressão para o fim da ocupação. Essa pressão variou e foi se intensificando com o passar dos dias. Reuniões eram marcadas com ocupas, pais, professores e até com representantes da Defensoria Pública do Estado. De acordo com os relatos dos estudantes, a gestão da escola chegou a ligar para os seus responsáveis, na intenção de que fossem até a escola solicitar que os ocupantes deixassem o lugar. Havia um risco de judicialização da ocupação, ou seja, que o governo do Estado ingressasse em juízo e obtivesse autorização para, até com o uso da coerção, obrigar os estudantes a desocuparem o espaço escolar. O temor de retaliações e de uma invasão policial da escola cada vez mais assustava os ocupas.

As tensões teriam extrapolado ao fim das ocupações. Encontramos denúncias de intimidações e retaliações contra alguns dos estudantes que participaram da ocupação da Escola Aduino Bezerra e outras, por parte de corpos diretivos das instituições de ensino e da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). Para a estrutura educacional, aqueles alunos politizados e que tinham, por algumas semanas, assumido o controle dos processos educacionais se tornaram demais incômodos.

De acordo com o Relatório das ocupações das escolas públicas no grande Bom Jardim, cerca de 300 estudantes do Estado do Ceará foram intimados a depor.

Várias organizações de Direitos Humanos, movimentos sociais e coletivos se manifestaram em repúdio à ação da Secretaria da Educação, por iniciar uma perseguição sem precedentes às/aos jovens das escolas que gerou conflitos familiares e comunitários impossíveis de mensurar, através da Nota Pública: “Governo Camilo, lutar, ocupar e resistir não são crimes!”. (MACÊDO JUNIOR, 2018, p. 88).

Durante a ocupação, ocorreram vários contatos com representantes da SEDUC, em reuniões, muitas vezes, tensas, sobretudo nos momentos finais do movimento. Alguns dessas reuniões contavam com representantes da Defensoria Pública do Ceará, visto que os representantes do governo estadual buscavam intimidar os jovens, usando uma linguagem jurídica que, por vezes, assusta quem não tem maiores contatos com o campo do Direito. A

Defensoria Pública, assim, buscava orientar juridicamente os ocupas sobre as implicações do que se discutia e intermediar uma solução.

Apesar das tentativas de negociação, os entendimentos eram difíceis. Reivindicações demoravam para serem atendidas ou, muitas vezes, sequer tinham respostas por parte da SEDUC. O governo tinha o tempo a seu lado, pois cada vez mais as ocupações eram atacadas pelos críticos e eram vistas como ilegítimas por setores da comunidade escolar. Em paralelo, o cansaço físico e psicológico dos meses de ocupação e mesmo divisões internas, com deserções, tencionavam ainda mais a conjuntura para os estudantes do movimento. Por esse motivo, os remanescentes do grupo não aceitavam encerrar a ocupação, o que, para os críticos do movimento, era um prova de seu radicalismo, visto que a greve dos professores havia sido encerrada e boa parte da comunidade escolar exigia o retorno da normalidade. Os ocupas só aceitavam deixar a Escola Adauto Bezerra quando suas reivindicações fossem atendidas.

Boa parte dos professores, nessa fase final, queriam o fim da ocupação. Uma parte dos professores, os mais novos, continuou apoiando, mas os professores mais antigos, eram contra e queriam o retorno imediato das aulas já que a greve dos docentes já tinha chegado ao fim.

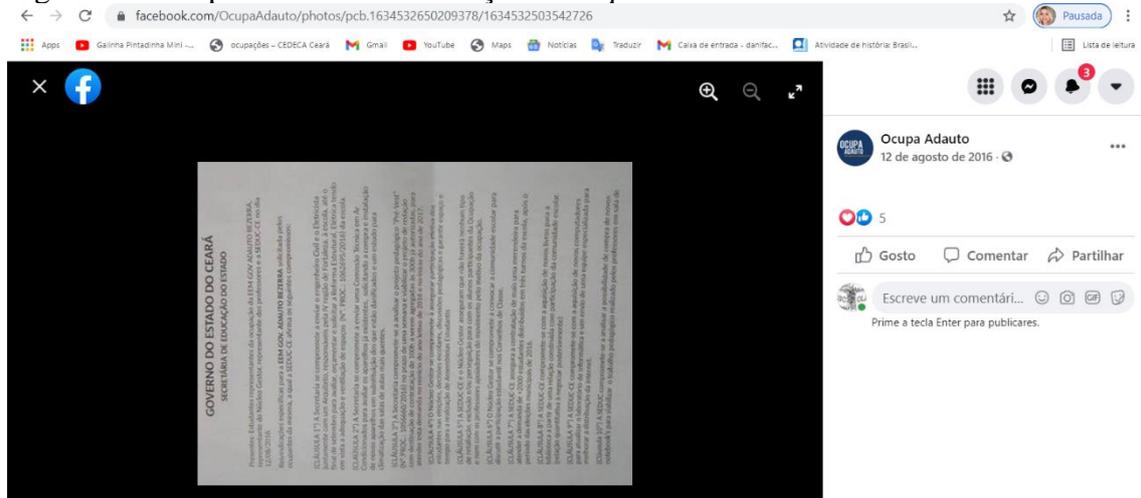
A maioria dos acordos era feita entre os ocupas e a gestão da escola, esta, muito possivelmente com a delegação e autorização da SEDUC. Para o governo, especialmente com uma gestão comandada por um partido de centro-esquerda, como a de Camilo Santana, do Partido dos Trabalhadores, era necessário certo jogo de cintura, para não deixar externar demasiadamente um autoritarismo no trato com a juventude. Para a SEDUC, passar para a direção escolar os acordos constituía-se forma de não agastar os técnicos e pedagogos, cujos discursos focavam numa pedagogia de diálogo e respeito a jovens, o que, pode-se questionar, não estaria exatamente acontecendo com o movimento de ocupação das escolas. Não custa lembrar que a vice-governadora do Ceará, Izolda Cela, era professora e fora secretária da educação, na gestão anterior, do governo Cid Gomes. Havia, pois, toda uma ligação política da SEDUC com Izolda, que temia um desgaste de sua imagem, como se dera numa outra greve dos professores, de 2011, quando as imagens de professores sendo agredidos pela polícia no prédio da Assembleia Legislativa do Ceará, tiveram enorme repercussão nacional.

Assim, o governo agia com prudência. Por um lado, pressionava; por outro, deixava abertas possibilidades de entendimentos. Os alunos da ocupação, por sua vez, por mais que continuassem apegados à sua causa, cada vez mais eram pressionados e se enfraqueciam. Não foi por acaso que a SEDUC e os estudantes acabaram assinando um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), um acordo útil para os dois lados. O governo teria as escolas desocupadas e os

alunos podiam sair da ocupação com um documento oficial, pelo qual o Estado reconhecia o movimento de ocupação e se comprometia com algumas demandas.

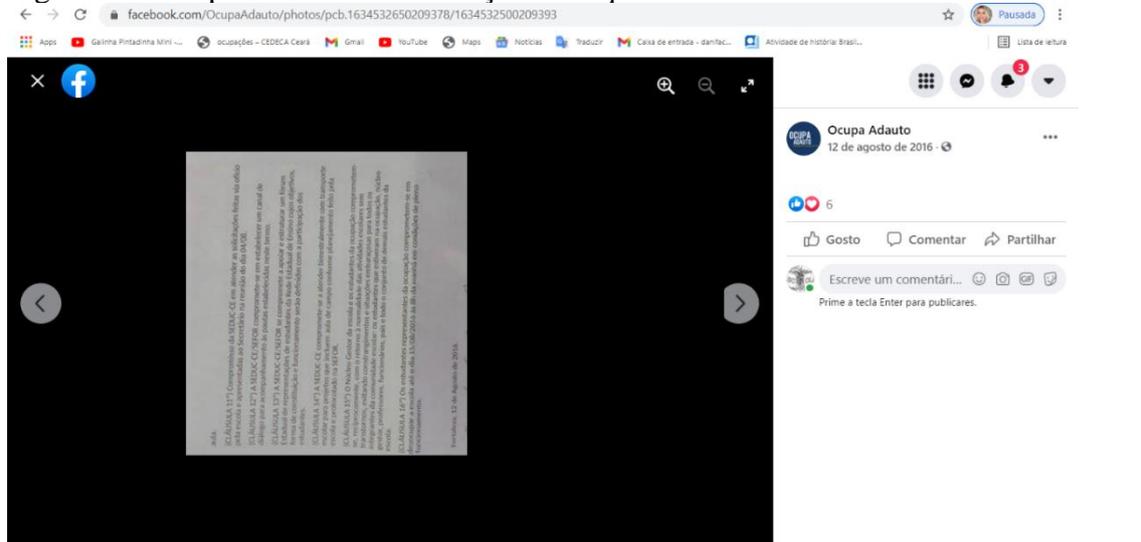
O TAC consiste em “acordo celebrado entre as partes interessadas com o objetivo de proteger direitos de caráter transindividual. Trata-se de um título executivo extrajudicial que contém pelo menos uma obrigação de fazer ou de não fazer” (CONJUR, 2020). A assinatura do TAC foi apontada pelos estudantes como sendo uma das grandes conquistas da ocupação. O documento foi assinado pelo então Secretário de Educação Idilvan Alencar, firmando um acordo entre a SEDUC e os ocupantes. Somente após a assinatura do TAC, no dia 12 de agosto de 2016, os estudantes do AB aceitaram deixar a escola.

Figura 23 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a assinatura do TAC



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

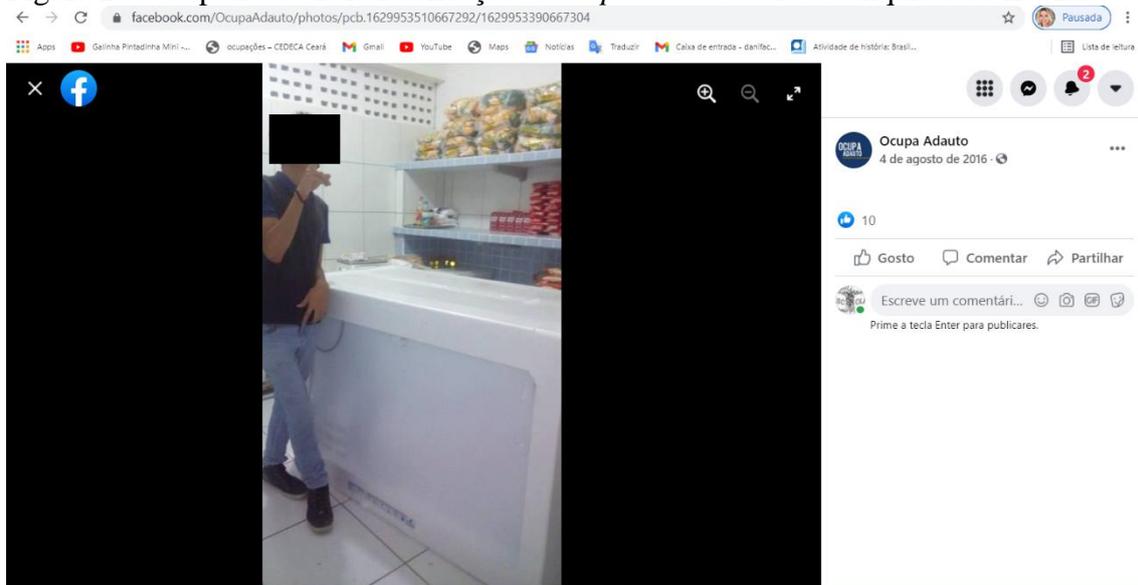
Figura 24 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a assinatura do TAC



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

Perguntamos aos estudantes se essas melhorias foram sentidas na prática. Eles apontaram que chegaram alguns aparelhos de ar-condicionado na escola, pois uma das reclamações eram as salas muito quentes e os ventiladores danificados. A variedade da merenda escolar também melhorou. A chegada do freezer foi considerada uma conquista importante, pois a Escola contava apenas com uma geladeira que não comportava todos os alimentos doados para a ocupação.

Figura 25 – Captura de Tela Publicação @ocupaadauto sobre a conquista do freezer



Fonte: Ocupa Adauto (2016).

A luta estudantil demonstrou sua força através de pequenas e grandes conquistas que puderam ser sentidas por todos, melhorias que favoreceram até mesmo aqueles que não apoiaram o movimento.

No próximo capítulo, vamos aprofundar essas questões acerca do despejo das ocupações, compreendendo como se deu o processo de desocupação da escola, quais foram as principais consequências sentidas pelos estudantes que participaram da ocupação. Também iremos abordar como estão esses estudantes atualmente. Ingressaram na Universidade? Melhoraram sua condição social? Acreditam na luta estudantil para a melhoria da educação?

4 O PÓS OCUPAÇÃO

Pra não dizer que não falei de flores

*“Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais, braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”*

Geraldo Vandré

O presente capítulo se tornou um dos mais emocionantes, pois aborda o desfecho da ocupação, as perseguições que os ocupas sofreram e os sonhos de ingressar em uma Universidade pública. Durante a nossa pesquisa, averiguamos que alguns já conseguiram realizar esse sonho, outros estão caminhando nessa direção. E apesar de todos os desafios pedagógicos e estruturais, a Escola Adauto Bezerra continua mostrando a sua força e incentivando os discentes a acreditarem que as instituições de ensino superior também tem o dever de formar os filhos da classe trabalhadora.

Inicialmente, a ocupação contou com o apoio de outros estudantes, a Escola ficou movimentada com aulões, oficinas, almoços, limpezas coletivas, ocorriam atividades diariamente, e era muito interessante o sentimento de pertencimento e cuidado que os ocupantes foram nutrindo pela Escola. A ocupação contou com a colaboração de muitas pessoas, advindas tanto de Escolas como também de Universidades, algumas entidades estudantis também se fizeram presentes, como a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Mas como todo processo, a ocupação também conheceu um fim.

Para alguns ocupantes, a desocupação foi um dos momentos mais difíceis, pois grande parte da comunidade escolar, nos momentos finais do processo, se posicionou contra os ocupas. A greve dos professores já tinha acabado, a pressão da comunidade escolar para desocupar o AB era imensa. De acordo com os entrevistados, alunos que queriam a desocupação foram para a porta do AB para tentar invadir o prédio, funcionários da secretaria da Escola ligaram para o responsável de cada ocupante, alguns pais foram para a Escola, passaram mal por conta disso, e teve até a mãe gestante de um dos ocupas que desmaiou.

De acordo com os relatos, foi pesado demais o final. Os portões da Escola foram fechados com barricadas, e essa ação revoltou muitos pais e alunos. Devido o esvaziamento e a falta de apoio, as pautas estudantis foram ficando mais difíceis de serem alcançadas. Apesar

das dificuldades ficarem mais intensas nos últimos dias, os ocupantes decidiram que tinham que permanecer até a assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC).

Segundo os ocupas, o Secretário de Educação na época, Idilvan Alencar, não queria ouvi-los, ficava sempre remarcando as reuniões. Somente com a ajuda do Defensor Público, Francisco Eliton Albuquerque Meneses, os ocupantes conseguiram uma reunião com o secretário para tratar das reivindicações estudantis, juntamente com a proposta inicial do movimento de ocupações, que era conseguir melhorias para todas as Escolas do Estado.

O desfecho das ocupações não ocorreu de forma pacífica e amigável. Após o fim da greve dos docentes começou a pressão do movimento “desocupa”, a gestão escolar passou a ligar para os responsáveis dos ocupantes solicitando que eles fossem a escola tentar convencer os estudantes a desocuparem de forma tranquila, pois todos temiam um conflito mais intenso durante o encontro dos que queriam permanecer na ocupação e dos que eram contra. Os estudantes que estavam dentro da escola fizeram barricadas com cadeiras e birôs para impedir que os que eram contra entrassem. Segundo relatos, eles temiam serem retirados da escola através da força física.

“A maioria da escola já estava contra os ocupantes. A greve dos professores já tinha acabado e nós continuamos na escola. Fechamos o portão com barricada, o que revoltou muitos pais de alunos. Estávamos muito perto de conseguir as pautas, então a ocupação tinha que durar mais alguns dias.” (Estudante da Escola Aduino Bezerra, 2018, questionário)

Os estudantes só queriam deixar a ocupação após a assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), pois temiam que as reivindicações estudantis não fossem atendidas pela SEDUC. Mesmo com o fim da greve dos professores e toda pressão que sofreram, eles decidiram permanecer na ocupação. Apesar das problemáticas se intensificarem nos últimos dias, a maioria dos estudantes considerou que o desfecho foi bem sucedido por conquistar esse acordo. Outros destacaram os conflitos, principalmente as intimações para depor e até mesmo dentro da escola por parte de algumas pessoas da gestão, estudantes, professores, pais e funcionários.

O TAC foi assinado, ainda durante a ocupação do AB, algumas melhorias aconteceram, como a chegada do freezer para armazenar melhor a merenda dos estudantes e alguns ar condicionados para as salas de aula. Nas duas últimas semanas ocorreram muitas reuniões, até 3 por dia pra decidir se e como desocupar. De acordo com os estudantes entrevistados, a ocupação do AB chegou ao fim principalmente por conta da insegurança causada pelos constantes ataques de alunos que eram contra a ocupação da escola. A assinatura

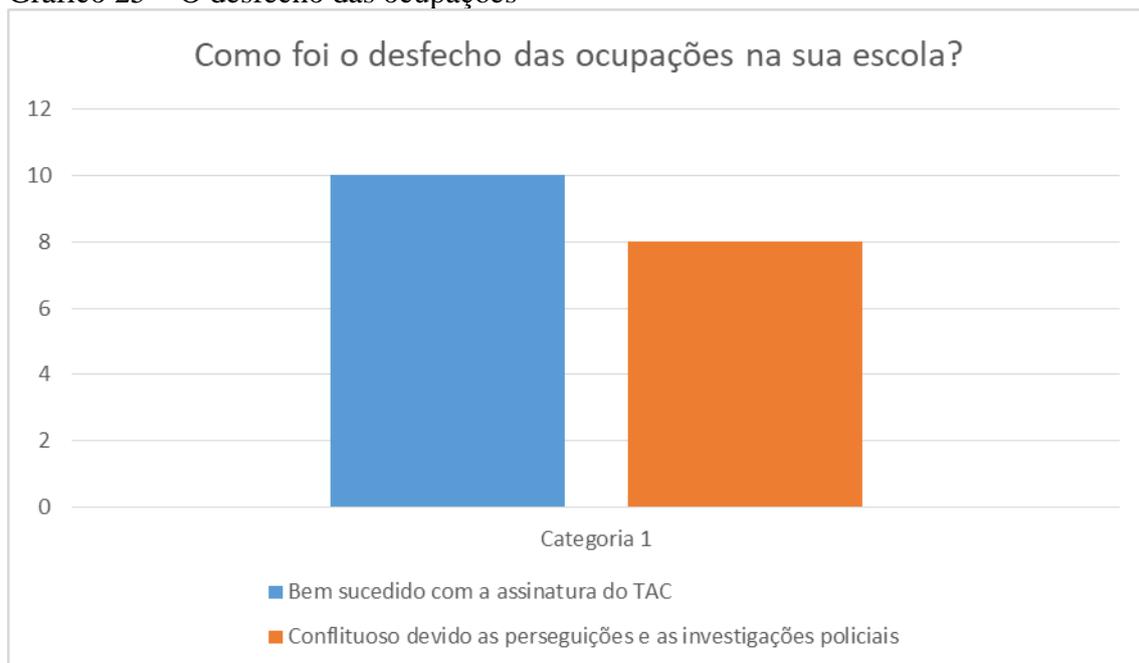
do Termo não trouxe todas as melhorias propostas, esse processo de luta não conquistou todos os seus objetivos de imediato, mas mostrou a força da juventude e sua luta pela melhoria da qualidade educacional no Estado do Ceará.

4.1 O desfecho da ocupação no AB

A Escola Aduino Bezerra foi a última de Fortaleza a ser desocupada. Segundo os entrevistados da nossa pesquisa, as chaves foram entregues pelos ocupas após a assinatura do TAC que previa melhorias em todas as Escolas do Estado e foi assinado pelo Secretário de Educação na época, Idilvan Alencar, e pelo governador Camilo Santana.

Mesmo com as pautas sendo prometidas, a maioria da Escola ficou contra a ocupação. Os participantes ficaram marcados como “os ocupantes” e de diversas formas, foram perseguidos na escola, com alguns dos alunos sendo mesmos expulsos ou forçados a deixar a instituição de ensino. Aconteceu também uma investigação policial e alguns estudantes foram intimados a depor.

Gráfico 25 – O desfecho das ocupações



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o olhar de Le Goff (1984) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Desse modo, é

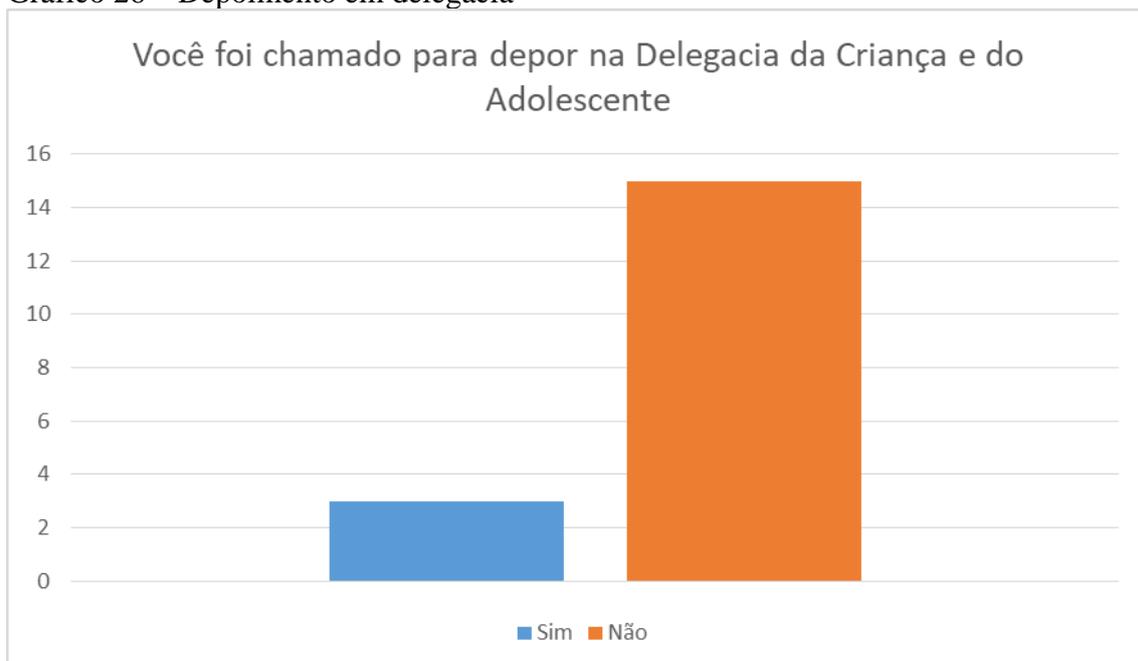
importante percebermos como os estudantes constroem na atualidade a memória das experiências durante a ocupação.

Nesse sentido, a maioria dos discentes entrevistados, neste caso, 55,55% consideraram o desfecho bem sucedido com a assinatura do TAC e 44,44% ressaltaram que foi conflituoso, devido as perseguições de pessoas que não apoiaram a ocupação e também pelo fato de os ocupantes terem sido obrigados a depor na Delegacia da Criança e do Adolescente com o desfecho das ocupações.

4.2 A pressão pós ocupação

A Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc) solicitou que as escolas enviassem uma lista com o nome dos estudantes que participaram da ocupação. Algumas escolas resistiram, se reuniram com os estudantes, mas devido a pressão as escolas enviaram as listas com os nomes. Baseando-se nesses dados repassados pelas Escolas, os estudantes foram intimados a depor na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

Gráfico 26 – Depoimento em delegacia



Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo assim, dos 18 estudantes envolvidos nessa pesquisa, 16,66% foram prestar esclarecimentos e 83,32% não foram intimados. De acordo com o relatório das ocupações das escolas públicas no Grande Bom Jardim, mais de 300 estudantes, e seus respectivos

responsáveis, foram notificados para comparecerem à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) para prestar esclarecimentos sobre a ocupação. Por falta de elementos o processo foi arquivado.

Após a ocupação, alunos ocupantes chegaram a ser investigados. O estudante Matheus classifica o ato como abusivo, afirmando que houve represálias e que alguns foram até mesmo buscados em casa por viaturas. Ele conta que graças às entidades de proteção ao adolescente que auxiliaram judicialmente, o processo não teve continuidade. “Já que era ilegal, o processo foi interrompido”, pontua. (PAULA, 2020).

Após o desfecho da greve dos professores, os estudantes perderam o apoio, passaram a receber poucos alimentos. A ocupação foi perdendo a comunidade escolar, algumas atitudes como a pichação do santuário dentro da escola, o maior controle da entrada na Escola e as polêmicas sobre os aulões para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que ao final da ocupação os ocupas se posicionaram contra, alegando questões de segurança para manter os espaços ocupados e pressionar o governo. Essas ações irritaram muito outros alunos, inclusive a gestão da Escola, visto que para o Adauto os resultados do ENEM são muito importantes para garantir a autonomia da Escola diante da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc).

A escola ficou muito dividida e a relação de convivência ficou tensa. Os que eram contra a ocupação queriam uma desocupação imediata. Enquanto durou a greve dos professores, os ocupantes ficaram na escola. Com o fim da greve e a pressão dos pais que queriam que os filhos retornassem a Escola para se prepararem para o ENEM, algo que atrai muitos alunos para a Escola, a pressão para a desocupação aumentou bastante.

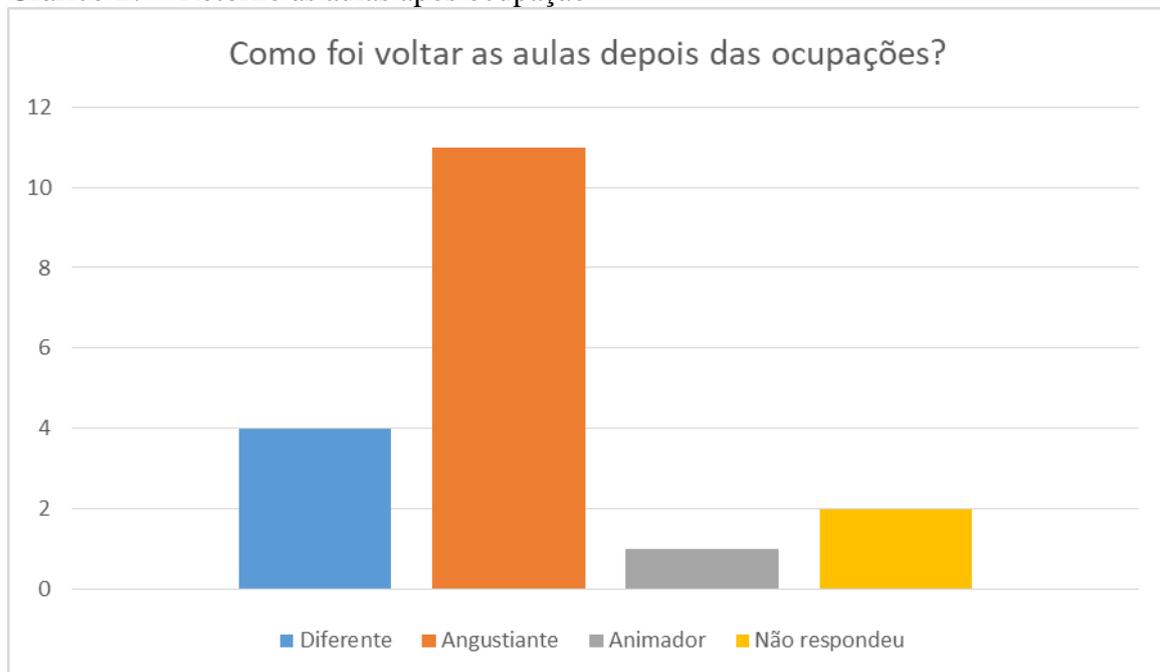
Nos últimos dias, a ocupação estava isolada e não conseguia resultados concretos, vários professores e alunos começaram a questionar o porquê de sua continuação. Os docentes tinham que repor as aulas que não ocorreram devido à greve, e com a ocupação, isso não estava sendo possível.

O retorno não foi fácil, pois a maioria dos “ocupas” sentiram-se perseguidos e desejavam ver as promessas de melhoria serem cumpridas na prática pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc). Infelizmente não foi o que aconteceu, as promessas de melhoria não chegaram de imediato e o julgamento da comunidade escolar foi intenso no retorno às aulas.

De acordo com os estudantes, o fim das ocupações também modificou a relação cotidiana com a escola. Para a maioria a volta foi angustiante e diferente. Depois de meses

vivendo experiências dialógicas no AB, o retorno as regras disciplinares e as aulas tradicionais se tornaram um grande desafio.

Gráfico 27 – Retorno às aulas após ocupação



Fonte: Elaborado pela autora.

Um percentual de 22,22% considerou que a volta às aulas foi bem diferente, pois as vivências durante a ocupação modificaram relações de amizade, a maneira de olhar as aulas e a prática docente. 61,10% consideraram angustiante, 5,55% animador e 11,11% não responderam, pois não retornaram as aulas, um já tinha concluído o ensino médio e o outro foi aprovado no vestibular do meio do ano e ingressou no ensino superior.

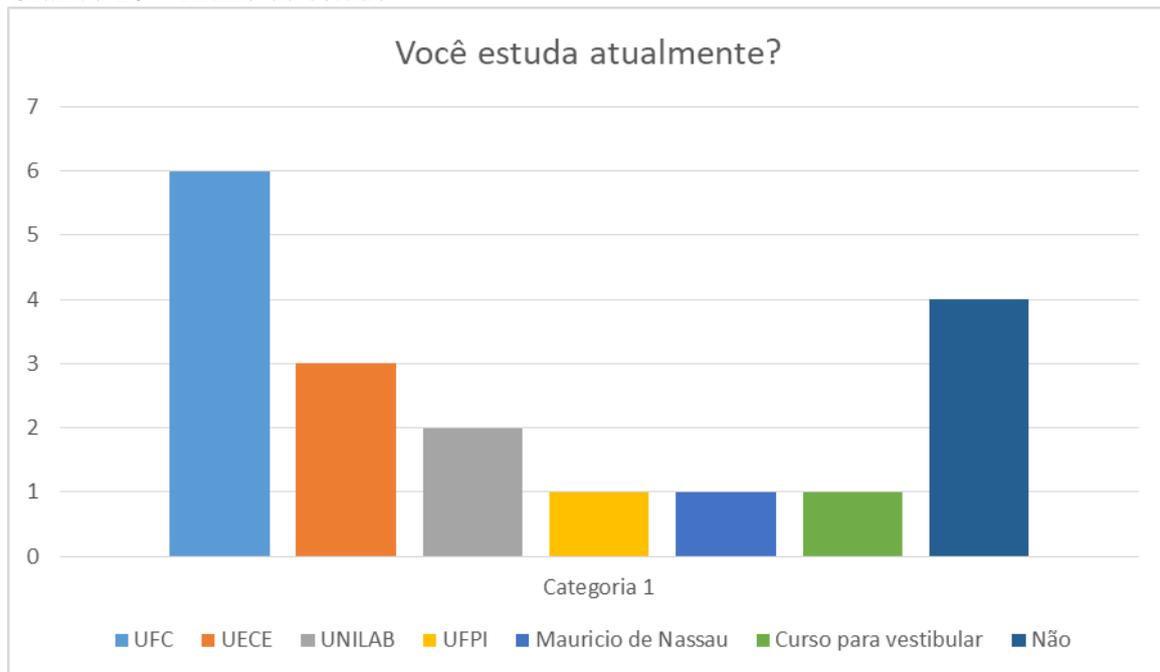
Mas, se a escola se tornou menos desigual, continua sendo injusta. E assim é, devido, em grande parte, ao fato da escola e seus profissionais ainda não reconhecerem que seus muros ruíram, que os alunos que ali chegam trazem experiências sociais, demandas e necessidades próprias. Continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outro contexto. (DAYRELL, 2007, p. 1125).

Nos dias atuais, a conexão dos jovens com as redes sociais tornou-se mais intensa, a tecnologia modificou as relações entre eles e o meio. Na educação esses impactos ficaram visíveis, o *facebook* foi um espaço utilizado para o desabafo, as discussões, a difusão das pautas de luta, os relatos de experiência, também foi o lugar de contar sonhos, como de ingressar em uma Universidade pública.

4.3 O sonho dos ocupas de ingressar no ensino superior

Nos primeiros contatos com os estudantes era perceptível o desejo de ingressar no ensino superior, em especial nas Universidades públicas. A Escola já realiza um trabalho de motivação em relação a isso e com os contatos dos estudantes com os universitários durante as atividades na ocupação, essa vontade ficou ainda mais evidente.

Gráfico 28 – Ritmo de estudo



Fonte: Elaborado pela autora.

A experiência dos estudantes em ocupar a escola por alguns meses influenciou nas suas escolhas profissionais, a partir do contato com os universitários que deram apoio a ocupação do AB, alguns ocupantes relataram que o interesse em ingressar no ensino superior aumentou consideravelmente. Também constatamos o ingresso maior em Universidades públicas e em cursos ligados as Ciências Humanas e a área da Saúde. Dos 18 estudantes que participaram dessa pesquisa, 33,33% estudam da Universidade Federal do Ceará, 16,66% na Universidade Estadual do Ceará, 11,11% na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 5,55% na Universidade Federal do Piauí, 5,55% na Faculdade Maurício de Nassau, 5,55% estuda para fazer o vestibular e 22,22% não estavam estudando.

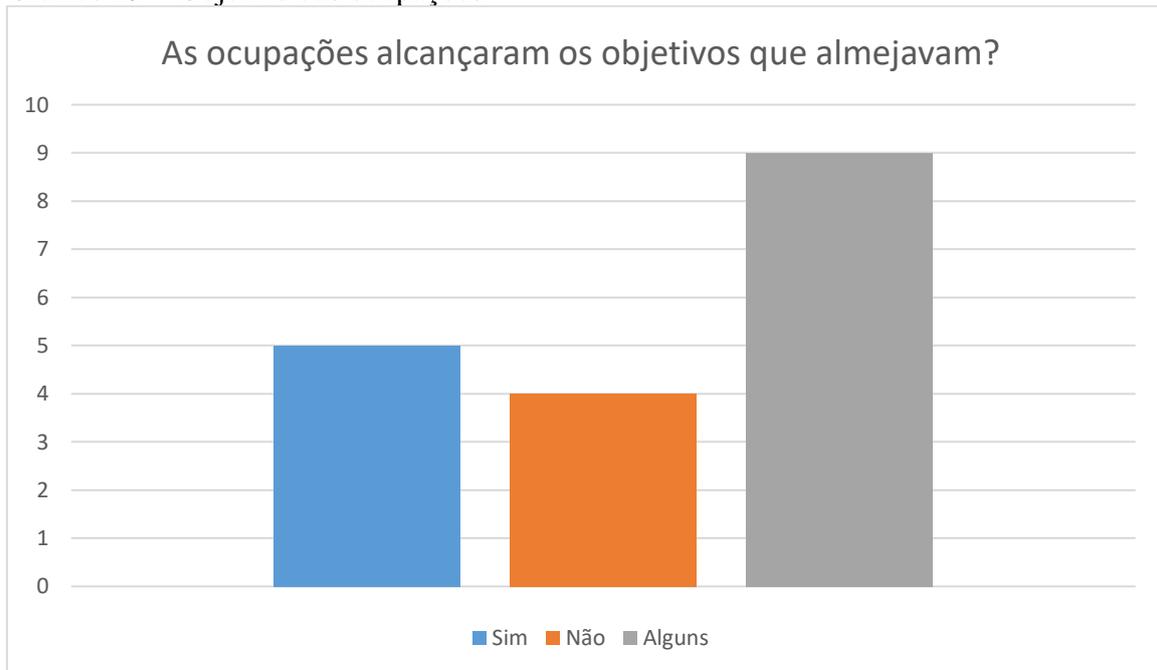
A Escola Adauto Bezerra ganha destaque por seu alto índice de aprovação no ingresso de seus estudantes no ensino superior.

Estudante 1	Geografia	Universidade Estadual do Ceará – UECE
Estudante 2	Estava estudando para fazer o ENEM.	*****
Estudante 3	Psicologia	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 4	Direito	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 5	Ciências Biológicas	Universidade Federal do Piauí – UFPI
Estudante 6	Não estava cursando o ensino superior.	*****
Estudante 7	Serviço Social	Universidade Estadual do Ceará – UECE
Estudante 8	História	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 9	Enfermagem	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Estudante 10	Ciências Biológicas	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 11	Educação Física	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 12	Não estava cursando o ensino superior.	*****
Estudante 13	História	Universidade Estadual do Ceará – UECE
Estudante 14	Ciências Biológicas	Universidade Federal do Ceará – UFC
Estudante 15	Não estava cursando o ensino superior.	*****
Estudante 16	História	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
Estudante 17	Não estava cursando o ensino superior.	*****
Estudante 18	Psicologia	Faculdade Maurício de Nassau – UNINASSAU

A maioria dos “ocupas” seguiu cursos na área de Humanas. Alguns ressaltaram a importância de ter participado da ocupação. A formação política dos estudantes ocorreu na luta cotidiana e contribuiu na escolha do curso de nível superior. Dos treze estudantes que estão cursando o ensino superior, sete relataram que são os primeiros da família a dar continuidade aos estudos e ingressarem em uma Universidade pública.

Em relação aos objetivos da ocupação, pensar sobre o seu êxito ou fracasso, dividiu opiniões.

Gráfico 29 – Objetivo das ocupações



Fonte: Elaborado pela autora.

Um percentual de 27,77% dos pesquisados acreditam que a ocupação alcançou os objetivos, 22,22% acham que não alcançou e 50% avaliam que alguns objetivos foram alcançados, outros não.

De acordo com Anna Karina Cavalcante, professora de História da rede estadual, o TAC feito entre Seduc e estudantes caiu no esquecimento. “Hoje as escolas continuam com salas superlotadas, algumas escolas com problemas bastante sérios, sem lanche de qualidade, sem laboratórios, sem biblioteca”, afirma.

Avaliando o cenário de lutas estudantis, observamos que a assinatura do TAC não significou vitória para os estudantes. Acabou sendo uma forma dos ocupantes saírem de forma honrada da ocupação, com alguma coisa, mas que, concretamente, não trazia garantia de que os objetivos seriam alcançados. Diante disso, ainda falta muito para que a escola pública ofereça igualdade de oportunidade e acessos para todos, com estrutura física, merenda de qualidade e valorização dos profissionais que a compõem, como os ocupantes defendiam com seu movimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Linda juventude

*Nossa linda juventude, página de um livro bom
Canta que te quero gás e calor
Claro como o sol raiou
Claro como o sol raiou
Maravilha juventude, pobre de mim, pobre de nós
Via láctea, brilha por nós
Vidas pequenas da esquina
14 Bis*

Os estudantes secundaristas decidiram-se por fazer concretizar a garantia constitucional segundo a qual a educação de qualidade é um direito de todos. Uma parte deles, por meio do movimento de ocupação das escolas em 2016, abraçaram as reivindicações estudantis, buscando melhorias para a coletividade através da auto gestão. Durante as ocupações, a escola mostrou sua força, evidenciando que sua importância vai muito além do ambiente físico, como um espaço de difusão do conhecimento e também de lutas e resistências. A estratégia de ocupar a escola possibilitou vivências políticas e democráticas, e denunciou a precarização do Ensino Médio desde a questão estrutural (salas sem ventilação, quadra desmoronando, merenda escolar abaixo do valor mínimo exigido) até a parte pedagógica (aulas tradicionais, hierarquias).

Nos primeiros contatos, buscamos investigar como se construíram as experiências dos estudantes envolvidos com a ocupação da Escola Adauto Bezerra, compreendendo como o movimento contribuiu para suas inserções sociais e políticas, percebendo como os ocupas foram moldados e influenciaram a luta estudantil.

Durante a ocupação, os estudantes passaram a refletir e questionar o descaso do governo para com as escolas públicas. Apontaram os problemas relacionados a merenda escolar, a estrutura das salas e prédios, a escassez de espaço para as atividades físicas e artísticas, a falta de professores e até mesmo posturas autoritárias por parte de alguns gestores escolares. Além disso, também abordaram a qualidade das aulas, levantando debates acerca do cotidiano escolar, ressaltando que a utilização dos métodos tradicionais, apesar de todas as críticas atuais e recorrente, permanecem sendo utilizados nas maiorias das salas de aula. Diante disso, os ocupas protagonizaram a luta pela educação, vivenciando na prática formas um currículo integrado, através da interdisciplinaridade e da realização de oficinas que relacionavam os conteúdos com as problemáticas atuais.

Dessa forma, ficou evidente que nem sempre o que ocorre nas escolas é desinteresse dos estudantes, mas a dicotomia entre os conteúdos escolares e as problemáticas da sua trajetória de vida. Os conteúdos abordados de maneira descontextualizada com a realidade tornam as aulas desinteressantes, pois os discentes não veem um sentido prático para o que estão aprendendo. A mobilização juvenil durante a ocupação mostrou que a juventude deseja um ensino contextualizado e relacionado às problemáticas sociais, políticas e econômicas que vivem.

A ocupação promovida pelos estudantes secundaristas evidenciou os jogos das estratégias e táticas nas disputas de poder. A partir dos dados coletados nos questionários e nas entrevistas, percebemos como essas disputas afetaram os jovens nas suas relações com os amigos, os inimigos, a família, os professores, a mídia, a polícia, o Estado e a sociedade.

Diante disso, no primeiro capítulo, abordamos o contexto e as motivações da ocupação. A partir do questionário difundido nos meios de comunicação (*Facebook e WhatsApp*) conseguimos traçar um perfil dos estudantes que ocuparam o AB. Os nossos sujeitos da pesquisa eram estudantes do ensino médio, tinham entre 14 e 18 anos, a maioria nasceu e permaneceu em Fortaleza. Em relação a orientação sexual, contamos com a participação de pessoas heterossexuais, homossexuais e bissexuais. Moravam em bairros populares de Fortaleza e utilizavam transporte público para se locomover até a Escola. A maioria dos pais e mães não chegaram a concluir o ensino médio e as famílias tinham uma renda mensal de um salário mínimo. Alguns estudantes faziam estágios remunerados ou vendiam algo para ajudar na renda familiar.

No nosso estudo de caso, observamos que a Escola Aduino Bezerra foi um verdadeiro espaço de estratégias e táticas na luta dos secundaristas por uma educação pública de qualidade. Apesar de todos os cortes sofridos nas verbas educacionais, a ocupação demonstrou na prática a função social da escola e como é fundamental discutir em sala de aula as problemáticas sociais, políticas e culturais da nossa sociedade. Os ocupas enquanto sujeitos políticos vivenciaram no cotidiano a luta pela democracia. A formação crítica perpassou a vida dos secundaristas de uma maneira impactante, eles vivenciaram o que aprendem com os livros, os professores, a arte, a música, distanciando-se da passividade. A escola da ocupação durou 3 meses e 10 dias, mas trouxe reflexões que reverberam ainda hoje.

A exemplo, o processo de autogestão que trouxe crescimento pessoal e intelectual para os ocupas. O protagonismo juvenil mostrou sua vivacidade, o ensino tradicional perdeu espaço para a criatividade, o diálogo e a arte. A divisão das comissões; a organização de reuniões, oficinas, palestras, debates e saraus; a luta pela assinatura do TAC; a resistência aos

ataques físicos e verbais; contribuiu para que os estudantes criassem uma rede de contato que fortaleceu o movimento estudantil para a luta pela garantia dos direitos conquistados e a busca por novos direitos. O destaque da participação feminina puxando os debates e a articulação com as outras escolas ocupadas também é um elemento importante para a nossa reflexão. Os temas como sexualidade, suicídio, preservação do meio ambiente, assim como também as oficinas de teatro, dança e expressões artísticas faziam parte do cotidiano da ocupação.

Aliada a essas questões, a ocupação também evidenciou a falta de credibilidade dos partidos políticos diante dos jovens, em vários momentos eles se preocuparam em dizer que a ocupação não possuía vinculação nenhuma com partidos ou instituições. A crise política e econômica é marcante no Brasil se tornou visível desde as passeatas de junho de 2013. E toda essa movimentação reverberou nas eleições presidenciais de 2018 e na onda conservadora que ganhou no país nos últimos anos. Apesar do atual contexto político brasileiro, os estudantes mostram sua força em defesa da educação pública de qualidade e a importância da formação política em suas vidas. Observamos que o interesse em se engajar em instituições políticas tradicionais diminuiu, mas o interesse em buscar melhorias para a educação brasileira está presente nas lutas estudantis.

No segundo capítulo, abordamos o cotidiano na ocupação da Escola Aduino Bezerra, nesse cenário, ficou claro que os estudantes foram os protagonistas. Na maior parte do tempo, eles realizaram atividades na Escola, difundiram a arte e a cultura. Aliado a isso, promoveram debates sobre a consciência da opressão política, da desigualdade social, das relações étnico raciais, das questões de gênero, da diversidade sexual, entre outros temas que faziam parte da trajetória de vida deles. Através das vivências, os ocupas foram construindo uma consciência política, fazendo novas amizades, fortalecendo a afetividade e alimentando um sentimento de cuidado e pertencimento à Escola.

Mesmo diante das tentativas para associar a ocupação a um movimento de vandalismo e depredação, intimando estudantes para depor na Delegacia da Criança e do Adolescente, não conseguiram deslegitimar os meses de luta estudantil. Os ocupas deixaram sua marca e mostraram que a juventude, que tantas vezes é associada a alienação e marginalização, vem lutando por uma sociedade mais democrática e igualitária.

O terceiro capítulo trouxe o pós ocupação. Retornar as aulas presenciais após mais de 3 meses de ocupação, foi algo desafiador. Alguns estudantes ficaram fragilizados com as críticas e sentiram-se injustiçados, outros comemoraram a assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta. O compromisso de realizar reformas estruturais e elétricas, o sonho de alcançar ar condicionados para as salas quentes, o funcionamento de um cursinho Pré-vestibular noturno

para os estudantes dispostos a fazer o ENEM e ingressar no ensino superior, o combinado de ter representantes estudantis nas decisões escolares e a promessa de que os participantes da ocupação não sofreriam nenhuma retaliação, animou os estudantes.

Além disso, o TAC também esclarecia a importância da participação discente nas reuniões do Conselho Escolar, o compromisso de contratar mais uma merendeira para o AB, a aquisição de novos livros para a biblioteca, assim como também de novos computadores para o laboratório de informática e notebooks para utilização do data show em sala de aula. Também foi firmado neste acordo que a SEDUC se comprometia a atender as solicitações da Escola realizadas por ofício, estabelecer um canal de diálogo com os estudantes, construir e estruturar um fórum Estadual dos estudantes e disponibilizar bimestralmente meio de transporte para as aulas de campo.

Infelizmente, muitas dessas promessas nunca foram cumpridas, chegaram os ar condicionadas, algumas pequenas reformas na estrutura, mas a maioria das reivindicações não foram atendidas, mesmo assim, a ocupação mobilizou bandeira de lutas importantes e tentou evitar práticas machistas no seu cotidiano. A autonomia estudantil também marcou esse processo. O crescimento educacional e político vivenciado na ocupação através da autogestão e da autoformação, colocou em evidencia a necessidade do protagonismo juvenil na vida dos estudantes.

Na ocupação eles puderam questionar, dialogar, fazer acordos, participaram de uma outra forma de educação. No final, o processo acabou se esvaziando, pelo isolamento, falta de apoio da comunidade escolar e medidas coercitivas da Escola e do Estado. Durante a ocupação, os estudantes vivenciaram dias de luta que resultaram em conquistas importantes, mas também trouxeram angústias, decepções, perseguições e traumas.

Vivemos em uma sociedade desigual e excludente, ser jovem no cenário atual tem sido algo desafiador. Como observamos ao longo da nossa pesquisa, a juventude não é um conceito pronto. Ele tem está inserido numa sociedade e nas problemáticas de seu tempo. Nesse sentido, o movimento da ocupação dos estudantes mostra-nos como uma parte da juventude continua sonhando e, sobretudo, agindo, por tempos novos, não apenas para uns ou outros, mas para a coletividade. Os ocupas, com suas virtudes, equívocos e contradições foram um sopro de esperança para uma sociedade cheia de injustiças e problemas como a brasileira. Ocupar como sinônimo de verbo esperar.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Mariana. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs.). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ANDRADE, Domitila. Aduino Bezerra é a 5ª escola da rede estadual ocupada por estudantes. **O Povo**, Fortaleza, 4 maio 2016. Disponível em: <https://www.20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/05/04/noticiafortaleza,3610351/adauto-bezerra-e-5-escola-da-rede-estadual-ocupada-por-estudantes.shtml>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- ARAUJO, Amanda. Professores da rede estadual decretam greve no Ceará. **O Povo**, Fortaleza, 20 abr. 2016. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/carnaval/2016/04/professores-da-rede-estadual-decretam-greve.html>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- ARAUJO, Amanda. Chega a 49 o número de escolas ocupadas por estudantes no Ceará. **O Povo**, Fortaleza, 18 maio 2016. Disponível em: <https://www.20.opovo.com.br/app/fortaleza/2016/05/18/noticiafortaleza,3614703/chega-a-48-o-numero-de-escolas-ocupadas-por-estudantes-no-ceara.shtml>. Acesso em: 2 abr. 2018.
- BARROSO, João. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. **Princípios Gerais da Administração Escolar**, v. 1, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65262>. Acesso em: 10 maio 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 13 julho 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm#:~:text=Art.%202%C2%BA%20Considera%2Dse%20crian%C3%A7a,e%20um%20anos%20de%20idade. Acesso em: 14 maio 2022.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 246/2019**. Institui o Programa Escola Sem Partido. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037&filename=PL+246/2. Acesso em: 18 maio 2022.
- CAPUCHINHO, Cristiane. **Um eterno recomeço**. São Paulo: Uol, 2019.
- CARLOS, Caio Anderson Feitosa; SOUSA, Edivânia Marques de Sousa; BRAZ, Marina Araújo (Orgs.). **Ocupações das escolas públicas no Grande Bom Jardim**. Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Projeto Professor Diretor de Turma – PPDT**. Ceará: SEDUC, 2018. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CEARÁ. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Novo estudo do IPECE analisa desigualdade de rendimento no Ceará**. Fortaleza: IPECE, 2020. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/2020/05/20/novo-estudo-do-ipece-analisa-desigualdade-de-rendimento-no-ceara/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. As artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Juventudes sergipanas**. Aracaju: Andrade, 2006.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CHAUÍ, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs.) **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

CHERVEL, André. **Le culture scolaire**. Une approche historique. Paris: Belin, 1998.

CONCENTRAÇÃO de renda no Ceará aumenta em 2017. **Diário do Nordeste**, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/concentracao-de-renda-no-ceara-aumenta-em-2017-1.2034077>. Acesso em: 10 jun. 2020.

CONJUR. **Termo de Ajustamento de Conduta e celeridade processual**. São Paulo: CONJUR, 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-abr-04/ambiente-juridico-termo-ajustamento-conduta-celeridade-processual>. Acesso em: 23 abr. 2022.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação [online]**, [S.l.], n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 maio 2022.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 abr. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Lisboa: Edições 70, 1988.

FACEBOOK. Ocupa Aauto. **Apoio dos pais de alunos**. Fortaleza: Ocupa Aauto, 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=1582852318710745&external_log_id=9a678832-30f7-4641-a13b-5ae5c292e6dc&q=ocupa%20aauto. Acesso em: 20 ago. 2020.

FARIAS, José Airton de. **História do Ceará**. 7. ed. Fortaleza: Armazém da cultura, 2018.

FARIAS, José Airton de; OLIVEIRA, Danielle Rodrigues de. Ensino de ditadura civil-militar em tempos de “Escola Sem Partido”. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo, v. 13, p.

1-20, 2019. Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2712>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FEITOSA, Angélica. Estudantes ocupam 3ª escola do Estado em Fortaleza. **O Povo**, Fortaleza, 4 maio 2016. Disponível em:

<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/05/04/noticiasjornalcotidiano,3610160/estudantes-ocupam-3-escola-do-estado-em-fortaleza.shtml> Acesso em: 2 abr. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Educação no Brasil. *In*: MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúion (Orgs.). **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)**. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

GOVERNO DE GOIÁS. **Governador cearense conhece modelo das OSs na educação**. Goiás: Goiás Transparente, 2016.

GROPPO, Luís Antonio. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. *In*: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio (Orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

G1. **Vítima de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua**. Rio de Janeiro: G1, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>. Acesso em: 14 maio 2022.

G1. **'Fui atingido por um cassetete', diz professor ferido na Assembleia do CE**. Ceará: G1, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/09/fui-atingido-por-um-cassetete-diz-professor-ferido-na-assembleia-do-ce.html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

IHU. À direita, MBL disputa espaço entre estudantes. **Revista IHU Online**, [S.l.], nov. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562307-a-direita-mbl-disputa-espaco-entre-estudantes>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LE GOFF, Jacques. **“Memória” in Enciclopédia Einaudi, Memória – História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LOWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. *In*: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. (Orgs.) **Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MACÊDO JÚNIOR, Daniel Paiva *et al.* **Ocupações das escolas públicas no Grande Bom Jardim**. Fortaleza: Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, 2018. 88 p.

METADE dos cearenses sobrevive com até um salário mínimo por mês. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/metade-dos-cearenses-sobrevive-com-ate-um-salario-minimo-por-mes-1.1433956>. Acesso em: 10 jun. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

NOGUEIRA, Maria Marilene Banhos; OLIVEIRA, Anna Karina Cavalcante de. Núcleo de estudos de gênero na escola pública. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DA REDE MAPA, 3., 2018; CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA EDUCACIONAL E EMANCIPAÇÃO, 1., 2018, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: Unoesc, 2018. p. 189-193.

O MAL-EDUCADO. **Como ocupar um colégio?** Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. Argentina: O mal-educado, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/mal.educado.sp/posts/713559985444416>. Acesso em: 30 jan. 2019.

PAULA, Lucas de. Ocupação das escolas estaduais em 2016: o que mudou de lá pra cá. **O Povo**, Fortaleza, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/2020/07/29/ocupacao-das-escolas-estaduais-em-2016—o-que-mudou-de-la-pra-ca.html>. Acesso em: 12 out. 2020.

QEDU. **Aprendizado adequado**. Ceará: Inep, 2017. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/cidade/4885-fortaleza/aprendizado>. Acesso em: 15 out. 2020.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

SEDUC propõe mudanças em portaria sobre lotação de professores. **O Povo**, Fortaleza, 1 dez. 2016. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/01/12/noticiasjornalcotidiano,3560151/seduc-propoe-mudancas-em-portaria-sobre-lotacao-de-professores.shtml>. Acesso em: 8 mar. 2022.

UBES. **UBES divulga lista de escolas ocupadas e pautas das mobilizações**. São Paulo: UBES, 2016. Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

XIMENES, Salomão Barros. Contra quem os estudantes lutam? As ocupações secundaristas no epicentro das disputas sobre a escola pública. *In*: MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúrion (Orgs.). **Ocupar e resistir**: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

ZIBAS, Dagmar M. L. “A Revolta dos Pinguins” e o novo pacto educacional chileno. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000200002. Acesso em: 17 abr. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Revolta das canetas: as ocupações dos estudantes secundaristas no Estado do Ceará em 2016

Este questionário busca coletar informações e relatos de memória que serão utilizados como fonte na minha pesquisa de Doutorado que investiga as experiências dos estudantes secundaristas que ocuparam escolas públicas no Estado do Ceará em 2016. Sou Danielle Rodrigues de Oliveira, Doutoranda em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Mestra em Educação Brasileira (2017) e Graduada em História (2014) pela mesma Universidade. Integrante do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME) e do Grupo de Pesquisas em Formação Docente, História e Política Educacional (GPFOHPE/UFC). Atualmente sou bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e orientanda do professor Doutor José Gerardo Vasconcelos. Desde já agradeço a sua colaboração e garanto preservar a identidade dos participantes.

- 1.Data de nascimento
- 2.Onde nasceu?
- 3.Sexo
- 4.Orientação sexual
- 5.Em qual escola você estudou no ensino fundamental?
- 6.Em qual escola você estudou no ensino médio?
- 7.Em que série você estava durante a ocupação da sua escola?
- 8.Quantas pessoas moravam na sua casa no período em que você participou das ocupações? (incluindo pais, irmãos, filhos, avós, tios e amigos)
- 9.A casa que você morava na época da ocupação era própria ou alugada?
- 10.Sua casa estava localizada em qual cidade? Em qual bairro?
- 11.Qual é o nível de escolaridade do seu pai?
- 12.Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?
- 13.Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?
- 14.Qual a sua renda mensal, aproximadamente?
- 15.Você trabalha ou já trabalhou? Fazendo o que?
- 16.Como a ocupação ocorreu na sua escola?

- 17.O que te mobilizou a participar da ocupação?
- 18.Você fez ou faz parte de algum partido político ou movimento social?
- 19.Sua família apoiou a sua participação na ocupação?
- 20.Como era o seu cotidiano na ocupação?
- 21.Como era a relação da ocupação com professores, coordenadores, direção, porteiros, merendeiras, outros estudantes, polícia, entre outros?
- 22.Quanto tempo você ficou na ocupação?
- 23.O que a ocupação trouxe de diferente para a sua forma de olhar a escola?
- 24.Quais foram as críticas que você e o movimento receberam? Como você respondeu a essas críticas?
- 25.Como se deu o desfecho das ocupações na sua escola?
- 26.Com o fim das ocupações você foi chamado para depor na delegacia da criança e do adolescente?
- 27.Como foi voltar as aulas depois das ocupações?
- 28.Você estuda atualmente? Se sim, onde e qual curso você faz?
- 29.Você acha que a ocupação alcançou os objetivos que almejava?
- 30.Você pode disponibilizar telefone ou e-mail para contato?

ANEXO B - TABELA: ESCOLAS OCUPADAS NO CEARÁ EM 2016

Escolas ocupadas em 2016 – Ceará	Bairro	Cidade/Estado
1. CAIC MARIA ALVES CARIOCA	Bom Jardim	Fortaleza – CE
2. EEFM PRESIDENTE GEISEL POLIVALENTE	Santa Tereza	Juazeiro do Norte – CE
3. EEFM JOÃO MATTOS	Montese	Fortaleza – CE
4. COLÉGIO CASTELO BRANCO	Montese	Fortaleza – CE
5. EEM GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA	Bairro de Fátima	Fortaleza – CE
6. EEFM JADER MOREIRA DE CARVALHO	Serrinha	Fortaleza – CE
7. EEM MARIANO MARTINS	Henrique Jorge	Fortaleza – CE
8. EEFM DOM ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA	Edson Queiroz	Fortaleza - CE
9. ESCOLA MARIA AMÉLIA BEZERRA	Pirajá	Juazeiro do Norte - CE
10. EEFM IRAPUAN CAVALCANTE PINHEIRO	Conjunto Esperança	Fortaleza - CE
11. LICEU DE MESSEJANA	Messejana	Fortaleza - CE
12. EEFM DR. CESAR CALS	Farias Brito	Fortaleza - CE
13. EEFM JOSÉ ALVES FIGUEIREDO	Vila Alta	Crato - CE
14. EEFM PADRE ROCHA	Joaquim Távora	Fortaleza - CE
15. EEFM MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO	Montese	Fortaleza - CE
16. LICEU DO CRATO	Seminário	Crato - CE
17. LICEU DE MARACANAÚ	Piratininga	Maracanaú - CE
18. EEFM ADAHIL BARRETO CAVALCANTE	Timbó	Maracanaú - CE
19. EEM PROF ^a : EUDES VERA	Siqueira	Maracanaú - CE
20. EEFM MONSENHOR DOURADO	Padre Andrade	Fortaleza - CE
21. EEFM ADALGISA BONFIM SOARES	Conjunto Esperança	Fortaleza - CE
22. EEFM NOEL HUNGREN DE O. PAIVA	São João do Tauape	Fortaleza - CE
23. EEFM IRMÃO URBANO	Parque São José	Fortaleza - CE
24. EEFM SENADOR OSIRES PONTES	Canindezinho	Fortaleza - CE
25. EEFM JOÃO NOGUEIRA JUCÁ	Sapiranga	Fortaleza - CE
26. EEFM HERÁCLITO DE CASTRO E SILVA	João XXIII	Fortaleza - CE

27. EEFM JOSÉ BEZERRA DE MENEZES	Antônio Bezerra	Fortaleza - CE
28. EEFM GENERAL EUDORO CORREA	Parangaba	Fortaleza - CE
29. EEFM JOSÉ DE ALENCAR	Messejana	Fortaleza - CE
30. ESCOLA POLIVALENTE MODELO DE FORTALEZA	José Walter	Fortaleza - CE
31. LICEU DO CONJUNTO CEARÁ	Conjunto Ceará I	Fortaleza - CE
32. EEFM Dra. ALDACI BARBOSA	Conjunto Palmeiras	Fortaleza - CE
33. EEFM WALTER DE SÁ CAVALCANTE	Cidade dos Funcionários	Fortaleza - CE
34. EEFM DR. GENTIL BARREIRA UV2	Conjunto Ceará	Fortaleza - CE
35. EEFM JOSÉ MARIA CAMPOS DE OLIVEIRA UV8	Conjunto Ceará	Fortaleza - CE
36. EEFM ANTONIETA SIQUEIRA	Jóquei Clube	Fortaleza - CE
37. EEFM DEP. PAULO BENEVIDES	Messejana	Fortaleza - CE
38. EEFM LOURENÇO FILHO	Centro	Crateús - CE
39. EEFM PROF. TELINA BARBOSA DA COSTA	Messejana	Fortaleza - CE
40. EEFM PROF. MÁRIO SCHENBERG	Vila Manoel Sátiro	Fortaleza - CE
41. EEFM MARIA CONCEIÇÃO DE ARAUJO	Aranaú	Acaraú - CE
42. EEFM PROF. ANTONIO ALBUQUERQUE DE SOUSA FILHO	Vila Centenário	Iguatu - CE
43. EEFM PREFEITO ANTONIO CONSERVA FEITOSA	Antônio Vieira	Juazeiro do Norte - CE
44. EEFM DOM HELDER CÂMARA	Jardim Guanabara	Fortaleza - CE
45. EEFM CAIC DOM ANTÔNIO CAMPELO	Frei Damião	Juazeiro do Norte - CE
46. EEFM JULIA ALVES PESSOA	Autran Nunes	Fortaleza - CE
47. EEM LICEU DE CAUCAIA	Parque Potira	Caucaia - CE
48. EEM LAURO REBOUÇAS DE OLIVEIRA	Centro	Limoeiro do Norte - CE
49. EEFM ESTADO DO PARANÁ	Montese	Fortaleza - CE
50. EEFM MARIA MARGARIDA DE CASTRO ALMEIDA	Conjunto Esperança	Fortaleza - CE

51. EEFM DONA MARIA MENEZES DE SERPA	Vila Velha	Fortaleza - CE
52. EEM TENENTE MÁRIO LIMA	Centro	Maracanaú - CE
53. EEM GOV. ADAUTO BEZERRA	Santa Tereza	Juazeiro do Norte - CE
54. COLÉGIO ESTADUAL LICEU DO CEARÁ	Jacarecanga	Fortaleza - CE
55. EEFM HERMÍNIO BARROSO	Padre Andrade	Fortaleza - CE
56. EEFM RENATO BRAGA	Aldeota	Fortaleza - CE

Fonte: Elaborada pela autora

**ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE ÁUDIO E
IMAGENS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Eu, _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da gravação de áudio produzido por mim, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Danielle Rodrigues de Oliveira**, autora da pesquisa intitulada **A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA**, a realizar captação de áudios e imagens sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização desses áudios (suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, monografias, TCCs, dissertações e teses, além de *slides* e transparências), em favor dos pesquisadora acima especificada, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Lei nº 8.069/1990), dos idosos (Lei nº 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº 3.298/1999, alterado pelo Decreto nº 5.296/2004).

Fortaleza-CE, ___ de _____ 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Esclarecimentos:

Este é um convite para você participar da pesquisa **A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA**, coordenada pelo **professor doutor José Gerardo Vasconcelos**, do Programa de Pós - Graduação em Educação (PPGE-UFC) e segue as recomendações das resoluções do Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/Propesq. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Este estudo tem como objetivo investigar as vivências dos estudantes secundaristas da Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra nas ocupações em 2016, compreendendo como a participação nesse processo contribuiu para a formação política e intelectual dos estudantes. Assim, buscamos refletir sobre as motivações que levaram estudantes a aderirem ao movimento das ocupações das escolas públicas, de que maneira os discentes modificaram os ambientes escolares, como foi a relação da comunidade escolar com a ocupação, quais foram as estratégias e as táticas dos secundaristas durante o movimento. Também vamos investigar as implicações do retorno às aulas após o fim das ocupações.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de lançar novos olhares sobre o protagonismo juvenil e perceber como essas experiências repercutem entre os jovens. Os riscos mínimos a que o participante será exposto são de represálias veladas ou assédio moral por apresentar pensamentos desviantes dos discursos oficiais da rede de ensino na qual faz parte. Esses riscos são minimizados mediante: a garantia do anonimato/privacidade do participante da pesquisa, em que não será preciso colocar seu nome; para manter o sigilo, somente a pesquisadora **Danielle Rodrigues de Oliveira**

realizará as entrevistas e somente a pesquisadora **Danielle Rodrigues de Oliveira** poderá manusear e guardar as gravações; sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não serão divulgados dados que identifiquem a sua autoria; garantia que o participante se sinta à vontade para participar das entrevistas e anuência da instituição de ensino para a pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD- ROM e caixa de arquivo, guardados por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do orientador **professor doutor José Gerardo Vasconcelos** na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFC), a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com a via original deste TCLE. Toda dúvida que você tiver acerca da pesquisa poderá ser perguntar diretamente para a pesquisadora **Danielle Rodrigues de Oliveira**.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação neste estudo, é garantido direito à indenização (Resolução nº 466/12 II.7) – cobertura material para reparar danos – ou ressarcimento (Resolução nº 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob responsabilidade da pesquisadora **Danielle Rodrigues de Oliveira**.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais e internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

ANEXO E - CONSENTIMENTO LIVRE

Eu, _____, _____ anos,
 RG: _____, declaro que é de livre e espontânea vontade que estou como participante desta pesquisa, **A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA**. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma via assinada deste termo. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa Assinatura

Nome do pesquisador principal Assinatura

Nome do responsável legal/testemunha Assinatura (**se aplicável**)

Nome do profissional Assinatura
 que aplicou o TCLE

Danielle Rodrigues de Oliveira – Aluna do curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, no endereço rua Waldery Uchoa 1, Benfica, CEP: 60020-110, Fortaleza-CE, telefone: +55 (85) 33667679.

José Gerardo Vasconcelos (orientador da pesquisa) – Professor dos cursos de Graduação (Pedagogia) e Pós-Graduação (Educação Brasileira) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, no endereço rua Waldery Uchoa 1, Benfica, CEP: 60020-110, Fortaleza-CE, telefone: +55 (85) 33667679.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/Propesq – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000, Rodolfo Teófilo, telefone: +55 (85) 33668346/44 (horário: 08:00 – 12:00 horas, de segunda a sexta-feira).

ANEXO F – DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO

DECLARAÇÕES DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado⁶, foi procedida a correção gramatical e estilística da tese intitulada, **A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA** de autoria de Danielle Rodrigues de Oliveira, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 27 de junho de 2022.


Adriana Belchior Chaves

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização da tese intitulada **A REVOLTA DAS CANETAS DE 2016: UM ESTUDO DE CASO DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS EM FORTALEZA – A ESCOLA ADAUTO BEZERRA** de autoria de Danielle Rodrigues de Oliveira, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 27 de junho de 2022.


Adriana Belchior Chaves